Pastora Tânia Cristina Giachetti
Ministério Seara Ágape
https://www.searaagape.com.br/livrosevangelicosonline.html

VEM!

Ministério Seara Ágape
Estudo Bíblico Evangélico

Pastora Tânia Cristina Giachetti
São Paulo – SP – Brasil – 2005

Agradeço Àquele por intermédio do qual todas as coisas foram feitas e que nasceu para me salvar, me restaurar e me fazer ouvir Sua voz. A Ele toda a honra, toda a glória e todo o louvor.

Aos ousados que gostam de aventuras e são verdadeiros pesquisadores da verdade, vivenciando-a em si mesmos. Aos que desejam ter intimidade com o Senhor e anseiam por conhecê-lO cada dia mais.

"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez. A vida estava nele e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela... E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai" (Jo 1: 1-5; 14).

Introdução

Que tipo de turista é você? É do tipo que gosta de se hospedar em ótimos hotéis cinco estrelas, sentar confortavelmente à beira da piscina, tomando sol e suco de abacaxi gelado? Ou é do tipo que se contenta com um hotel três estrelas com café da manhã incluído na diária, mas ter a liberdade de ir aonde quiser e conhecer tudo e experimentar tudo o que o lugar tem para lhe oferecer? É do tipo que gosta de tirar muitas fotos e fazer um álbum para guardar de recordação?

O que você costuma fazer ao planejar uma viagem? Você não costuma adquirir folhetos de informação turística, mostrando locais de alimentação, pontos turísticos e informações sobre os hotéis e se há traslado até o aeroporto ou até a rodoviária? Normalmente é o que se faz para se viajar com certa segurança.

Agora, vamos supor que você foi contemplado num sorteio com uma viagem ao exterior, com direito a estadia grátis por nove dias, tour de navio, alimentações incluídas na diária, todos os passeios programados pelos pontos turísticos mais interessantes, o melhor guia da companhia e com direito a todas as emoções e experiências radicais. A única observação é que o transporte terrestre será feito a pé, sem carros, trens, carroças ou camelos; no máximo um jumento para os mais idosos ou cansados. Você aceitaria?

Certa vez eu fui visitar minha mãe e, enquanto esperava o almoço, me recostei na cama para descansar. Fechei os olhos e comecei a imaginar Jesus no Seu ministério na terra, passando por entre a multidão, curando, consolando e ensinando as pessoas. De repente, Ele parou na minha frente, estendeu Sua mão, olhou diretamente nos meus olhos e me disse numa voz convidativa: — "Vem!" Eu me surpreendi, pois Ele estava me chamando a participar da Sua vida e a conhecer mais profundamente o que veio fazer na terra. Abri os olhos, mas continuei com Sua presença no meu coração e sabia que aquilo era um chamado para ser discípulo. Não tinha sido somente minha imaginação. Eu tinha entrado no mundo espiritual e presenciado algo diferente. Guardei a experiência comigo e, quando Ele me deu a direção de escrever este livro, eu me lembrei dela. Por isso, o título: *Vem!*

Este não é um livro de estudo ou doutrina, mas um instrumento de cura e aprendizado particular com o Senhor, nos fazendo conhecer diretamente Sua personalidade como ser humano enquanto esteve entre nós e nos levando a ter mais intimidade com Ele. O livro não tem a pretensão de abranger todo o evangelho, somente alguns episódios escolhidos pelo Espírito Santo para falar diretamente ao coração do Seu povo. É um romance, portanto, não leva em conta tempo e espaço, mas nos dá a liberdade de viajar por entre as experiências que Jesus viveu, nos fazendo experimentar, num prazo imaginário de nove dias, aquilo que foi vivido em três anos de ministério.

Não será abordada aqui a experiência da cruz, pois este trabalho tem outro objetivo.

Embora as ilustrações sejam convidativas para as crianças este é um livro para adultos, e as figuras também têm um propósito divino para estarem onde estão e serem como são.

Embora não seja um livro de estudo, muita pesquisa foi feita e procurei ser fiel a nomes, lugares e datas. Entretanto, nomes de pessoas, lugares ou descrição da personalidade de alguns personagens não descritos na bibliografia evangélica foram fruto da minha criatividade e permitido pelo Espírito Santo para enriquecer o texto.

Você poderá perceber que o texto está escrito na segunda e na terceira pessoa do singular ou do plural de maneira concomitante; isso foi proposital, para que a palavra

verdadeira seja preservada e reverenciada como deve ser, diferenciando-a do que é fruto da criação e da imaginação. Por isso, embora seja um livro sério em seu propósito, não é um livro formal, porém usa muito do bom-humor e das situações do nosso dia a dia. Dessa forma, eu espero que você o leia com espírito de criança, o coração aberto à voz do Espírito Santo, senso de humor e vontade de viajar junto, ou seja, que você não seja um mero espectador, mas um participante da história.

Você poderá notar também o coraçãozinho dourado no peito de cada personagem das ilustrações, mostrando, figuradamente, que todos os que são tocados por Jesus recebem Sua marca particular como sinal do Seu senhorio.

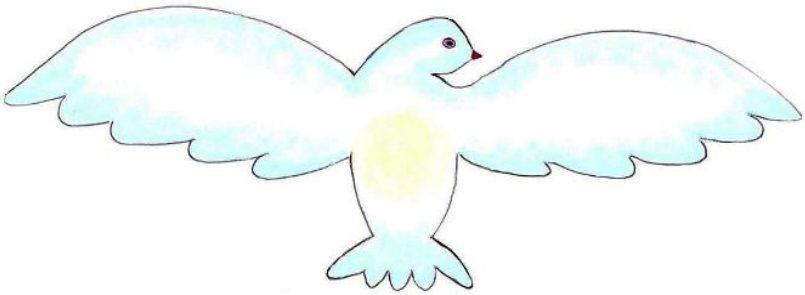
Espero que você goste da viagem e volte com boas recordações para contar aos seus amigos.

Tânia Cristina

Nota: A versão evangélica aqui utilizada é a 'Revista e Atualizada' de João Ferreira de Almeida, 2ª ed., Sociedade Bíblica do Brasil.

E-mail: relacionamentosearaagape@gmail.com

Este será o nosso guia:



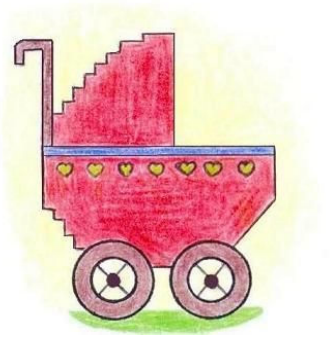
Primeiro, Ele nos mostrará o roteiro de viagem:

Roteiro de Viagem

(9 dias e 8 noites) incluindo: Cafarnaum, Betsaida, Caná, Nazaré, outras cidades da Galiléia, Mar da Galiléia, Gadara, Betânia, Jerusalém. Tour de barco, alpinismo, grandes emoções. O melhor guia.

Vem! Vamos viajar!

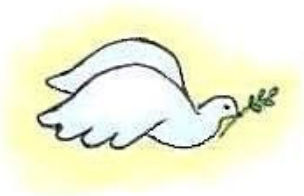
Ele já existia antes mesmo de nascer. Foi anunciado, esperado, desejado, gerado com amor. Foi um sonho do coração de Deus implantado no coração de uma mulher. Despojou-se de Sua glória e se fez pequenino e indefeso; confiou em alguém para cuidar dEle. Mas, mesmo pequeno, era impossível negar Sua realeza e majestade. Ele nasceu com um sonho e um propósito: se repetir em nós.



Crescia o menino e se fortalecia, enchendo-se de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele. Cresceu e se fortaleceu até o dia em que havia de se manifestar a Israel...

1º Dia

Cafarnaum, Caná da Galiléia, Retorno a Cafarnaum



Quando Jesus soube da prisão de Seu primo João, deixou Nazaré e foi morar em Cafarnaum. A cidade se situava a noroeste do Mar da Galiléia. Seu nome é proveniente do hebraico *Kephar nahüm* ('vila de Naum'); *Naum* (consolo). Era sede de uma coletoria de impostos, e a presença de um centurião ali pode ter significado que havia nela um posto militar romano. Jesus a condenou, várias vezes, pela falta de fé.

Ele estava vindo de uma grande prova de quarenta dias e quarenta noites em que o Espírito de Deus O conduzira pelo deserto. Ali Ele conhecera a privação e descobrira dentro de si mesmo a capacidade de resistir ao mal. Ele se confrontara face a face com aquele que era Seu inimigo mortal; este O provara de todas as maneiras, mas Ele conseguira sair ileso e fortalecido, pois tinha deixado para trás Sua carne e Seus desejos naquele lugar sem vida. O que Ele tinha dentro de Si, agora, era o Seu verdadeiro Senhor, Seu amigo e companheiro inseparável que O ligava fortemente ao Pai. O Espírito do Pai estava nEle e jamais O deixaria vacilar. Ele O conduziria em vitória até Sua missão ser plenamente cumprida.

Naquela manhã em especial, após ter se lavado e aparado a barba, saiu para a praia. Estava com fome; mais do que fome, estava com muita vontade de desfrutar aquela criação bela que tanto O atraía. O mar significava algo especial para Ele. O mar significava o berçário das vidas que tanto amava; para isso tinha vindo: para 'pescá-las'. O céu estava magnificamente azul e o sol resplandecia em sua força. Ah! O barulho do mar! Ele O atraía. Ele sabia o que estava para fazer lá hoje. Era um dia especial.

Passando ao longo da praia, avistou dois homens lançando as redes ao mar. Eles já O conheciam de relance, pois um deles fora discípulo de João Batista e o seu mestre lhes contara sobre Ele:

— Eis o Cordeiro de Deus, aquele que tira o pecado do mundo!

O mais robusto deles era Pedro. Seus cabelos pretos estavam completamente desalinhados pelo vento que soprava naquele momento e pelo seu esforço de manter as redes dentro da água. Ele estava muito entretido com o que fazia para perceber a presença de Jesus observando-o. Ele era assim, sempre muito preocupado em fazer o melhor que podia, e em tudo o que fazia colocava todo o seu ser, toda aquela massa de músculos empenhada no objetivo que traçara. Era impulsivo, mas espontâneo, às vezes até infantil nas suas demonstrações emocionais, o que o tornava singular e sincero. Havia mais alguém com ele: seu irmão, André. Seus cabelos ruivos e lisos também esvoaçavam ao vento, mas suas maneiras eram calmas, tranqüilas, quase calculadas. Seu rosto demonstrava certo cansaço, assim como seu corpo esguio parecia ter excedido sua capacidade de trabalho naquele dia, talvez pela frustração de não ter conseguido pescar nada durante toda a noite. Seu nome era grego e significava: *varonil, viril, vencedor.* Era o que ele com certeza gostaria de se sentir agora: um vencedor. Duro era trabalhar e voltar sem o fruto do seu trabalho! Também não percebeu a presença de Jesus ali, observando-o e amando-o. Seu temperamento prudente e sensível parecia equilibrar o do irmão. Eles eram de Betsaida, uma cidade também portuária próxima a Cafarnaum. A alguns metros de onde eles estavam Jesus viu outro barco. Este estava ancorado na praia e dois homens consertavam as redes. Jesus os conhecia; eram Seus primos: João e Tiago, filhos de Zebedeu e Salomé. Eram fisicamente parecidos: cabelos lisos e castanhos, olhos vivos e alegres, de um caráter sempre disposto e servir, porém com certa ambição nos seus corações de um dia serem mais do que eram agora. Seus espíritos fortes, determinados e impetuosos, como genuínos galileus que eram, fizeram com que Jesus os chamasse de Boanerges, *Filhos do Trovão*. Seu zelo, muitas vezes, não era disciplinado, mas seus corações não eram dolosos; suas intenções sempre eram boas. João, entretanto, tinha algo que o diferenciava: era gentil e amoroso e sabia calar quando a sabedoria lhe mandava. Às vezes, preferia ouvir e observar; ele aprendia com

isso. Era fiel e jamais seria capaz de abandonar um amigo em apuros, mesmo colocando em risco sua própria vida. Seus rompantes de ira podiam se transformar rapidamente em risos de alegria, pois seu coração não era dado a guardar rancor ou mágoa, porém ele se entristecia com algo em sua alma: a indecisão e a timidez em certas situações, e isso o fazia se sentir vulnerável. Na presença de seu primo se sentia forte e não sabia explicar por que. Talvez, para agradar seu irmão, também mantinha aquela postura destemida e segura. Seu nome era judeu *(Yôhãnãn)* e significava: *Deus é gracioso*.

Jesus estava ali parado sorrindo para eles. Olharam todos para Ele ao mesmo tempo e O ouviram dizer:

— Vinde após mim e eu vos farei pescadores de homens.

Não era preciso mais nenhuma ordem. Deixaram tudo e O seguiram.

Eu estava ali pertinho de Jesus e pude sentir Sua alegria ao vê-los correr para junto de Si. Eles tinham encontrado uma nova motivação para viver. Tinham procurado por um Rabi que os ensinasse. Agora eles O encontravam.

Eles não haviam reparado na multidão que seguira Jesus até a praia. Sua fama já tinha corrido por aqueles vilarejos. Todos ouviram que o filho de José e Maria voltara mudado de sua viagem inesperada dos últimos quarenta dias. Ouviram rumores de milagres. Queriam experimentar por si mesmos. Quando Jesus viu a multidão muito próxima, entrou no barco de Pedro e pediu para que se afastasse um pouco da praia, pois queria pregar. Entramos no barco e nos sentamos a alguma distância Dele. Ele se sentou na popa e Pedro manteve o barco na posição correta com a força dos remos. Ele disse às multidões:

— Arrependei-vos porque está próximo o reino dos céus. Não penseis que vim para revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra. Aquele que observar esses mandamentos será considerado grande no reino dos céus. A vossa justiça deve exceder em muito a dos escribas e fariseus. Ouvistes o que foi dito aos antigos: Não matarás; e: quem matar estará sujeito a julgamento. Eu, porém, vos digo que todo aquele que [sem motivo] se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo. Antes de trazer a oferta ao altar, reconcilia-te com teu irmão. De modo algum jureis; nem pelo céu, por ser o trono de Deus; nem pela terra, por ser o estrado dos seus pés; nem por Jerusalém, por ser cidade do grande Rei, nem jures por tua cabeça, porque não podes tornar um cabelo branco ou preto. Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não. O que disto passar vem do maligno. Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar o outro, ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas. Quando, pois, deres esmola, não toques trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. Tu, porém, ao dares esmola, ignore a tua mão esquerda o que faz a direita; para que a tua esmola fique em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará. Ouvistes o que foi dito: Olho por olho, dente por dente. Eu, porém, vos digo: não resistais ao perverso; mas, a qualquer que te ferir na face direita, volta-te também a outra; e, ao que quer demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa. Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas. Dá a quem te pede e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes. Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos. Porque, se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos também o mesmo? E, se saudardes

somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os gentios também o mesmo? Portanto, sede perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste.

De fato, a perfeição não era a ausência de pecado, mas indicava plenitude, maturidade, exercendo a lei do amor a Deus e aos homens. Esse povo precisava amadurecer; nós, Seus discípulos, também.

Ele estava ali pregando com mansidão e amor, com toda a Sua vida fluindo naquelas palavras, olhando diretamente cada rosto como se fosse seu velho conhecido e eles absorviam cada uma de Suas palavras como quem sente muita sede. Os rostos de alguns, mesmo sem entender completamente o que Ele dizia, apresentavam uma mudança. As marcas da angústia se dissipavam e uma tranqüilidade tomava lugar. Ao pregar tais ensinamentos Seu rosto não sorria, mas também não aparentava ira ou desolação. Ele os ensinava como quem tinha autoridade, não como os escribas, por isso o povo cria nEle. O sol às Suas costas Lhe dava uma silhueta de luz como se aumentasse e fortalecesse a que emanava do Seu espírito.

Ao terminar de falar à multidão, despediu-a e voltou-se para nós que estávamos assentados na proa do barco. Agora Seu rosto sorria. Disse a Pedro:

— Façamo-nos ao largo e lancemos as redes para pescar. Vamos comer. Tudo isso me deu muita fome. Que foi, Simão, duas horas remando lhe tiraram as forças?

— Foi tudo isso? Não, Senhor, continuo forte como nunca. Obedeço porque me pede, mas passei a noite inteira sem pescar nada. A responsabilidade é totalmente sua, Mestre.

Estávamos no lago de Genesaré, também chamado Mar da Galiléia, Mar de Quinerete ou Mar de Tiberíades, que se situa a duzentos e doze metros abaixo do nível do mar. A posição do lago, que tem vinte e um quilômetros de comprimento por doze quilômetros de largura, nas profundezas do Vale do Jordão e cercado por colinas, tornava-o sujeito a perturbações atmosféricas e tempestades súbitas, que os supersticiosos atribuíam a Baal, o deus dos gentios. A profundidade é em torno de cinqüenta metros e suas águas claras e saudáveis são propícias à criação e à multiplicação de peixes.

Os homens começaram a remar e a alguma distância da praia lançaram as redes. De repente, as águas sob o barco começaram a fervilhar como uma panela com água em ebulição. Uma enorme quantidade de peixes começou a pular espontaneamente para dentro das redes, peixes de todos os tamanhos e cores, e a força dos braços deles teve que aumentar para puxar para dentro da embarcação todo aquele cardume. Teríamos uma grande refeição. Jesus mantinha Sua mão estendida e os irmãos lutavam para trazer para dentro o milagre que estavam presenciando. Pedro se prostrou admirado e confuso aos pés do Senhor e disse:

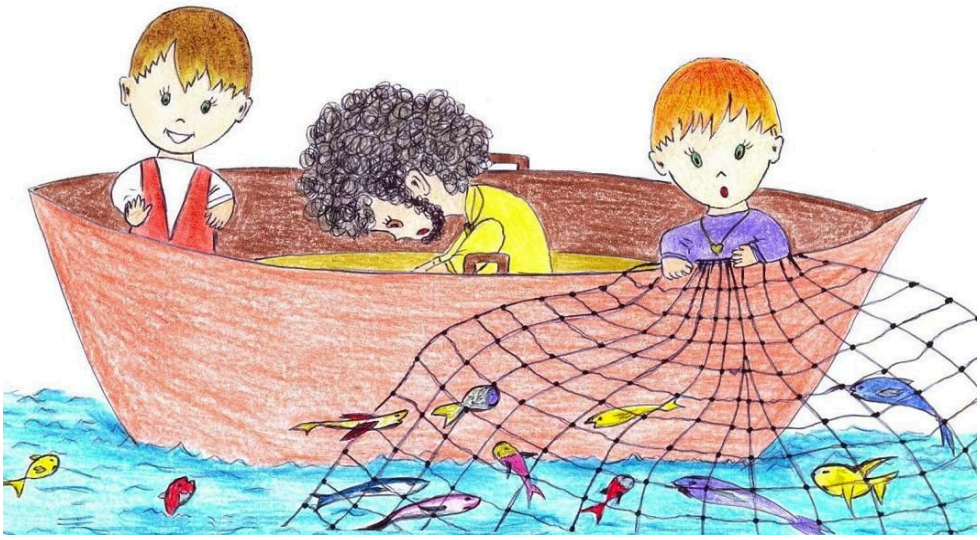
— Retira-te de mim, Senhor, porque sou pecador.

— Não temas, doravante serás pescador de homens. Simão, a partir de hoje tu serás Pedro (Cefas), *rocha, pedra.*

O nome Simão era uma forma posterior do nome Simeão, que, em hebraico, significa: *audição, o que ouve, Deus ouviu*. A palavra hebraica é *Shim'ôn,* que deriva de *Shâma' (ouvir)*. Sim, Simão, *o que ouvia,* a partir de agora seria a pedra forte sobre a qual o Senhor construiria Sua Igreja. Pedro estava recebendo mais do que um nome; estava recebendo a capacidade de ouvir com mais clareza a voz do Senhor. Um tempo mais tarde receberia do Pai a revelação da identidade do Seu Filho amado, por isso o Senhor tinha dito que ele era uma *pedra.*

Enquanto Pedro estava ali prostrado, André gritava para os irmãos Tiago e João virem ajudá-lo; gritava também para Pedro deixar as formalidades e as intimidades para depois, pois o barco estava tão cheio que poderia virar. Pedro se levantou e foi ajudá-lo

e, em alguns minutos, estávamos de volta à praia fazendo nosso desjejum. A experiência não tinha sido só para Pedro, e sim para todos nós. Jesus nos olhava seguro de si e curioso da nossa reação. Ele sabia o que se passava no nosso coração, entretanto, queria ouvir algo de nós. Nós estávamos aprendendo uma coisa importante: quando nos estafamos durante 'as noites' das nossas vidas, tentando buscar forças e sustento no vazio, Ele vem e nos diz para ouvir Sua ordem. E quando Ele nos diz para lançar nossas redes, podemos ter a segurança de que não seremos frustrados, mas presenciaremos a abundância da Sua palavra viva. Nada pode continuar estéril com Ele por perto.



Aproveitamos o restante da manhã para caminharmos pela praia e por Cafarnaum. Foi quando Jesus parou perto de uma fonte e olhou nos olhos de um jovem de cabelos claros e olhar vivo e determinado, de nome Filipe, do grego *Philippos, amante de cavalos, domador de cavalos.* Estava com o rolo da Lei na mão. Não parecia ser da classe sacerdotal, porém, lembrava alguém observador da Palavra e ávido por aprendê-la. Era uma pessoa inteligente, do tipo disposto a ter experiências, sem se importar de correr riscos. Demonstrava estar ali também esperando alguém.

Vi Sua mão novamente erguida e Sua voz chamando-o:

— Vem! Segue-me!

Aquelas mãos jamais poderiam ser esquecidas. Mãos fortes de um carpinteiro que tinha conhecido o sabor do trabalho; não rudes ou ásperas, ou finas, fracas, indefesas ou acostumadas à futilidade, mas suavemente fortes e determinadas, que transmitiam calor e conforto a quem era tocado por elas. Elas emanavam poder e falavam por si mesmas. Filipe viu, ouviu e sentiu Seu chamado e O seguiu. Apenas Lhe disse:

— Mestre, espere apenas alguns segundos. Tem alguém que você precisa conhecer.

Enquanto esperávamos, nos sentamos debaixo de uma árvore de figos e começamos a comê-los. Os olhos de Jesus vagavam pelos transeuntes, olhando nos rostos de cada um como procurando por mais alguém.

Filipe voltou logo, trazendo seu amigo. Seu nome era Natanael, do hebraico, que significa: *presente de Deus, dom de Deus, Deus tem dado.* Também era conhecido como Bartolomeu, do aramaico, *filho de Timeu* ou *Tolmai, filho que levante as águas, filho do muito estimado.* Seu rosto com traços fortes e seguros, seus cabelos negros e brilhantes, sua barba bem feita e aparada era de um genuíno israelita. Seus passos eram

decisivos, meticulosos, precisos; sua mente, viva, aguçada e curiosa de quem conhece a Lei e ávida por confirmações. Ele mesmo havia dito a Filipe:

— De Nazaré pode sair alguma coisa boa?

— Vem e vê.

Quando Jesus o viu, disse:

— Eis um verdadeiro israelita, em quem não há dolo!

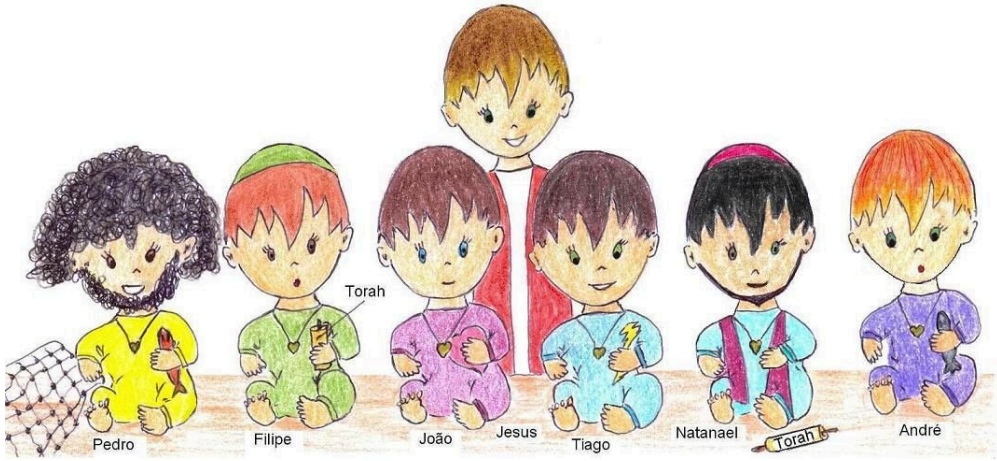
— Rabi, donde me conheces?

— Antes de Filipe te chamar, eu te vi, quando estavas debaixo da figueira.

— Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel!

— Porque te disse que te vi debaixo da figueira, crês? Pois maiores coisas do que estas verás. Em verdade, em verdade vos digo que vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem.

Natanael era de Caná da Galiléia. *Caná* vinha do hebraico: *qãnâ, lugar de juncos,* e ficava a mais ou menos sete quilômetros a noroeste de Nazaré sobre a estrada para Tiberíades. Possuía amplas fontes de água, provendo figueiras que davam muita sombra. Era para lá que estávamos nos dirigindo agora. Jesus tinha sido convidado para um casamento e nós também. A noite prometia ser cheia de surpresas.



O sol estava a pino, o calor começava a incomodar e nossa perspectiva agora era excitante: escalar montanha, pois Caná da Galiléia ficava no alto. Começamos nossa caminhada em direção ao sudoeste. Jesus caminhava à nossa frente, passos seguros, face tranqüila, mente elevada ao Pai. Cada um de nós procurava se aproximar de Sua presença; queríamos participar dos Seus pensamentos e de Sua vontade. Subitamente, Ele começou a correr e nós fizemos o mesmo, mas não estávamos preparados para saltar obstáculos por entre as pedras e as fendas das rochas. Nós O vimos dobrar à direita na próxima saliência da montanha e depois O perdemos de vista. Como saber o caminho? Era a primeira vez que passávamos por ali. Até mesmo Natanael que era de Caná parecia confuso. De repente, paramos e olhamos uns para os outros. Só demos conta da brincadeira quando Jesus apareceu como por milagre bem atrás de nós e começou a rir, rir alto e de maneira divertida. Ele ria e nós gritávamos de susto. Depois, sim, começamos a rir da nossa criancice e da tensão que procurávamos ocultar por nos sentirmos desprotegidos num lugar como aquele. E como um pai amoroso Ele nos confortou com Sua voz:

— Vocês pensaram que eu os tinha deixado? Jamais faria isso. Eu só estava provando a confiança de vocês. Vamos! A festa nos espera.

Chegamos a Caná no final da tarde, entretanto, tínhamos tempo suficiente para nos refazermos da viagem e nos prepararmos para o casamento.

Maria, Sua mãe, estaria ali. Já devia estar na casa dos noivos há algum tempo ajudando a anfitriã, pois eram velhos conhecidos. Raquel, a mãe do noivo, conhecia Maria e José desde que vieram morar em Nazaré. Ela conhecia Jesus desde pequenininho; seus filhos brincaram juntos pelas montanhas da Galiléia.

Fomos até o lugar onde seria celebrado o casamento. O ritual judaico tinha sido obedecido e a alegria das danças e da música enchia o ambiente. À tardezinha, o noivo e seus amigos seguiram em procissão até a casa da noiva e a escoltaram de volta até a sua casa (a do noivo) onde seria realizada a festa à noite. Os hóspedes estariam ali com vestes festivas. O noivo tinha seu grupo de companheiros, um deles mais chegado, e que correspondia ao padrinho, também chamado *companheiro de honra, amigo do noivo ou mestre-sala,* pois supervisionava a festa. A noiva usava vestes bordadas, jóias, um cinto especial e adornos, além do véu. Esta noiva usava apenas o véu, não escolhera a grinalda. Tinha também suas damas de honra, também vestidas esmeradamente. Os pais e os amigos mais chegados, entre eles, Jesus, abençoaram o casal e lhes desejaram felicidades. O juramento de fidelidade foi apresentado, como de costume, pelo pai da noiva, através de um contrato de casamento por escrito. Uma câmara nupcial fora especialmente preparada, uma *huppã,* como uma tenda, onde os noivos ficaram de pé durante a cerimônia. Agora, era o momento das danças, da alegria e das brincadeiras. Provavelmente, os convidados permaneceriam ali ainda por uma semana, festejando, como era o costume nos casamentos. A noiva e o noivo dançavam com seus respectivos companheiros, mulheres e homens em rodas separadas, até que fosse o momento do noivo tomar a noiva e a levar. Ele tinha colocado sobre ela a sua capa especial selando o pacto.

Jesus se sentava serenamente entre nós, Seus discípulos, enquanto Maria buscava algo com os olhos. Não tinha uma grande estatura. Pelo contrário, era de estatura mediana, cabelos castanhos que aparecia por debaixo do véu, mãos pequenas, olhos vivos e observadores, sorriso calmo e expressivo como o do filho. Chegou-se a Jesus e lhe disse:

— Eles não têm mais vinho.

Mas Jesus lhe disse:

— Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora.

Dirigiram-se aos serventes e ela lhes disse:

— Fazei tudo o que ele vos disser.

Estavam ali seis talhas de pedra, que os judeus usavam para as purificações, e cada uma levava duas ou três metretas. Supondo que uma metreta contém de trinta a quarenta litros, a capacidade das talhas era de, aproximadamente, sessenta a cento e vinte litros cada.

Jesus lhes ordenou que enchessem as talhas de água e eles o fizeram; encheram-nas totalmente. Quando tiraram para provar, a água tinha se tornado em vinho, em bom vinho. Tendo o mestre-sala provado a água transformada em vinho, chamou o noivo e lhe disse:

— Todos costumam pôr primeiro o bom vinho e, quando já beberam fartamente, servem o inferior; tu, porém, guardaste o bom vinho até agora.

A princípio, nós estranhamos a forma como Jesus se dirigiu a Maria, mas depois viemos a compreender. Ele a estava lembrando que não era hora de reconhecerem Sua verdadeira identidade. Ela entendeu o Seu desejo de permanecer em segredo por

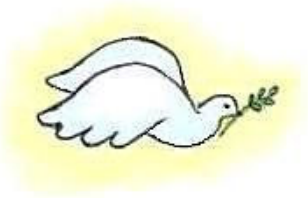
enquanto, por isso deu aquelas ordens aos serventes e confiou Nele. Além disso, ‘que tenho eu contigo?’ também queria dizer: ‘Que temos em comum?’ Isso significava que o motivo de estarem ali era diferente, assim como seus projetos de vida.

Mas depois daquilo, quem poderia permanecer em segredo?

Era hora de partir. Todos nós, os discípulos, Maria, os irmãos e as irmãs de Jesus, o seguimos e descemos para Cafarnaum. Ao que parecia pelo Seu semblante, Ele ainda tinha algo a fazer naquela noite. Só Ele e o Pai. Era Seu costume retirar-se sozinho para orar, pois assim poderia conhecer os segredos do Seu *Aba (em aramaico: Pai)* e agir com poder e autoridade no dia seguinte. Nós iríamos dormir agora, enquanto Ele subiria ao monte. Teríamos surpresas no dia seguinte.

2º Dia

Cafarnaum, Nazaré, cidades da Galiléia, volta a Cafarnaum



Ele levantou cedo. Mesmo tendo dormido poucas horas, como sempre, estava de bom humor e sorria para nós na mesa enquanto tomávamos o desjejum:

— Preparem-se! O dia vai ser emocionante.

— Pelo jeito, vamos caminhar de novo e bastante.

— Certo, Pedro, e se sobrar um tempinho vamos remar também. Está preparado?

— Sim, Senhor, por isso eu estou alimentando meu corpinho frágil, para agüentar as emoções do dia. Só comi três peixes, por enquanto; o meu costume é de sete.

— Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que procede da boca de Deus. Vamos embora, é tarde!

Começamos a caminhar. O dia estava claro novamente e o sol ainda não estava alto. O ar enchia nossos pulmões com o cheiro gostoso do mar através da brisa suave que soprava. Estávamos caminhando em direção à praia. Que zumbido estranho era esse que nos acompanhava? Não parecia haver insetos ao nosso redor. Ah, sim, era a multidão de novo! Jesus mal tinha acordado e ela o seguia de perto, insistentemente, como abelha em torno da colméia. Ele a atraía, todavia, parecia, muitas vezes, alheio a ela, indo diretamente ao Seu objetivo, não se importando com nenhuma perturbação à Sua volta. Hoje, Seu olhar estava fixo à frente como se já estivesse vendo alguém que procurava. Chegamos à rua próxima à praia e já podíamos ouvir os rumores do povo comprando frutas e peixes nas barracas, além dos costumeiros gritos de reclamação contra os cobradores de impostos. Aquelas caixas à sua frente provocavam insultos e, se não fosse pela proteção dos guardas romanos ao seu lado, eles sofreriam agressões físicas todos os dias. Nós paramos a alguma distância de um homem um tanto corpulento, contando moedas de prata e colocando-as dentro do cofre. Seus cabelos pretos e encaracolados já pingavam gotas de suor, talvez pelas palavras picantes que ouvia dos transeuntes e dos contribuintes à sua frente. Ele estava apenas fazendo o seu trabalho de maneira prática e profissional; era o que os seus modos precisos denotavam, porém, seus olhos demonstravam o prazer que tinha ao tomar aqueles pedaços de material brilhante entre os dedos. Até parece que se alimentava do seu brilho. Seus olhos castanho-dourados se assemelhavam à resplandecência do metal. De repente, sentiu um frio estranho no seu interior como que gerado por uma vozinha quase inaudível que procurara calar há muitos anos, a voz da sua consciência. *"Sim, sim, já ouvi, agora fique quieta. Eu sei que cobrei um pouco a mais, mas temos um motivo 'justo' para isso, você sabe"*. Mateus não se deu conta do homem à sua frente até que este chegou bem perto. Aí descobriu que aquela vozinha silenciosa vinha do Seu interior e parecia falar através dos Seus olhos. Jesus lhe disse poucas palavras, porém, eram verdadeiras ordens militares, tanto é que o homem não se importou com os guardas romanos postados ao seu lado.

— Vem! Segue-me!

Ele, imediatamente, largou tudo e o seguiu. Talvez, os guardas tivessem pensado que ele estava indo satisfazer suas necessidades fisiológicas, por isso não se incomodaram com sua saída tão brusca. Jesus chamara Mateus, o publicano, ali na coletoria de impostos. *Mateus* é um nome hebraico que significa: *dom de Deus, homem de Deus, recompensa de Deus*. Era também conhecido como *Levi*, que quer dizer: *associado, unido, aderido*. Será que ele era conhecido como Levi, ou foi Jesus que naquele momento lhe deu este nome? Jesus o chamou *Levi*. Publicano (grego: *telõnes*) era um coletor de impostos ou de alfândega em favor dos romanos, empregado por um contratador de cobrança de impostos. Era uma classe desprezada e odiada, pois era composta por tipos de atitude egoísta, avarenta e ambiciosa, ávida pelo dinheiro e pelas vantagens que ele oferecia. O publicano era reputado imundo por causa do seu contato contínuo com os gentios. Parecia uma grande contradição com o nome que tinha:

Mateus, Levi. *Levi, o separado, o consagrado ao Senhor...* Jesus estava restaurando algo na personalidade de Mateus naquele momento.

Continuamos a andar e, não muito distante dali, Jesus viu outro homem. Tomé era o seu nome, nome aramaico *(Te'ômã'),* que os gregos chamavam *Dídimo, gêmeo.* Jesus parecia conhecer Tomé, o que o deixou intrigado, pois conhecia o tal *Rabi* (Mestre) apenas de ouvir falar. Na verdade, gostaria de saber se Ele era mesmo o que dizia ser. A racionalidade de Tomé não o permitia ir mais longe do que sua visão humana e limitada lhe concedia. Preferia as coisas reais e palpáveis para poder crer em alguma coisa. Seus olhos perspicazes e sua fronte larga pareciam corroborar esta tendência. Ninguém o fazia de tolo, ninguém o passava para trás, era o que ele dizia. *"Onde estão as provas que o que você diz é verdade?", "Sou homem de razão, não de emoção, prove-me o que diz".* Mas nada pôde dizer àquele humilde carpinteiro e Rabi à sua frente. Suas mãos convidativas, Seu sorriso claro, Seus olhos sinceros e Sua voz, incontestavelmente cheia de autoridade, o fizeram emudecer. Por um momento, parece ter ficado com a mente completamente vazia de explicações, totalmente calma e calada para poder ouvir a voz do coração dizendo: *"Eu te amo e te servirei por toda a minha vida".* Tomé estava, realmente, precisando experimentar algo diferente de tudo o que já havia sentido e visto até aqui. As vivências que o Senhor lhe daria seriam sentidas profundamente no seu ser. Talvez, sua atitude externamente prática, racional e superficial fosse uma proteção colocada por seu ego frágil para não sentir as dores e os desejos profundos do seu coração; uma carência profunda que nada nem ninguém poderia suprir, apenas *o Eterno.* E, de repente, ali estava Aquele que parecia ser esse alguém, Aquele que ele procurara toda a sua vida e que com um simples olhar o tinha arrebatado e o prendido a Si eternamente. Foi rápida a experiência que ele teve naquele momento, mas que lhe pareceu uma eternidade, uma doce eternidade. Ele não se lembrava de já ter sentido aquilo dentro de si: amor. Sua racionalidade seria transformada na sua caminhada com Jesus e sua aparente incredulidade seria uma forma de mostrar aos seus irmãos o que um discípulo pode esperar e pedir ao seu Mestre.

Jesus continuou a caminhar e Seu semblante tranqüilo parecia sorrir. Nós sabíamos o que Ele estava fazendo: escolhendo Seus discípulos, a quem daria o nome de apóstolos.

Um caminho tão curto para a praia se transformou em longo, pois a cada passo Ele parava e deixava Seus olhos vagarem até pousar naqueles a quem buscava. O próximo da lista estava bem ali ao Seu lado: Tiago, filho de Maria e Clopas, também chamado Alfeu. Tinha um irmão chamado José, mas Jesus não o chamou. Tiago, o menor, era assim conhecido por ser um pouco mais jovem que o irmão de João. Na verdade, parecia um garoto imberbe ainda em comparação com os companheiros do Mestre, embora João fosse o mais jovem deles. Aparentava o frescor da juventude, olhos de um azul claro que irradiavam vida, pele clara e macia como a de um bebê. Seu nome era derivado do grego *Iakõbos* ou do hebraico *Ya'qõbh,* a mesma raiz hebraica de *Jacó, segurador do calcanhar, suplantador.* Outro significado para o seu nome era: *inda e vinda; o que enverga, mas não quebra.* Por isso, aparentava certa indecisão e insegurança nas suas atitudes, que o fazia se sentir eternamente criança e indefeso diante de certas situações. Talvez, bem no seu íntimo, tenha se sentido grato por Jesus estar ali à sua frente, chamando-o. Deus não tinha mudado o nome de Jacó para Israel? Talvez Jesus pudesse fazer o mesmo com ele, Tiago: transformá-lo num *Príncipe de Deus* (Israel), ensiná-lo a lutar como Deus e prevalecer. Aquele era um convite para crescer e ser um homem respeitado e ousado; um grande desafio para o pobre Tiago, mas quem o chamava não aceitava *'não'* como resposta. Sim, Tiago dizia: — *Sim, Senhor.*

No meio da multidão, Jesus focalizou outro par de olhos, o de Judas, também chamado Tadeu, filho de Tiago. Judas, um nome derivado de *Judá,* significa: *louvado, celebrado ao Senhor, festejado em louvor ao Senhor. Tadeu* era também um nome hebraico que significa: *aquele que louva ou confessa*. Tadeu, no aramaico significava: *corajoso* e no siríaco, *amável.* Judas era realmente alguém celebrado ao Senhor. Sua família já tinha muitas crianças e seu nascimento foi uma grande alegria para todos, pois, aparentemente, sua mãe já não podia ter mais filhos. Ele era 'a raspa do tacho', porém, era como se fosse o primogênito. Algo especial fora profetizado sobre ele ao seu nascimento. Jesus estava agora à sua frente confirmando Sua escolha, e Judas tinha razões mais do que suficientes para louvar e engrandecer o nome do Senhor. Ele não tinha consciência do que lhe aconteceria dali para frente, mas sua resposta, assim como a dos outros, era largar tudo e seguir esse Rabi. Seu nome mostrava em seu porte e semblante a amabilidade, o espírito de quem tinha motivos para agradecer a Deus, embora fosse humano e sujeito à fragilidade como todos os outros. Quando sua sensibilidade era tocada além da sua capacidade, ele apresentava a tendência ao amuo e à murmuração. Parecia o filhinho mimado que buscava colo e aprovação. A partir desse momento, ele teria um colo muito melhor, entretanto, um Pai disciplinador e forjador de filhos responsáveis pelas suas escolhas. Jesus o transformaria num vaso melhor, mais forte e mais consciente da sua sensibilidade. Sim, Judas teria realmente motivos para louvar e engrandecer o nome do Senhor.

Parecia que não daríamos mais nenhum passo, pois a multidão não nos deixava prosseguir. Todavia, Jesus não tinha ficado no monte orando a noite quase que inteira para nada. O trabalho e a vontade do Pai precisavam ser feitos. Andávamos mais vagarosamente agora e, sobre o muro, como uma sentinela observando o horizonte, Jesus pôde ver mais um dos Seus escolhidos: Simão, o zelote. Era assim chamado zelote (grego: *zelõtes*), por causa do seu zeloso temperamento com as coisas do Senhor e do reino de Deus. Talvez, o povo tenha lhe dado esse apelido pelo fato de o seu espírito zeloso lembrar o comportamento dos seguidores do partido dos zelotes, fundado por Judas, o Galileu, que liderou uma revolta contra os romanos em 6 DC e se opunha ao pagamento de tributo dos israelitas a um imperador pagão. Foram apelidados zelotes por seguirem o exemplo de Matatias e seus filhos e seguidores pelo seu zelo pela Lei de Deus quando Antíoco IV tentou suprimir a religião judaica (Revolução dos Macabeus, 167-160 AC). Simão, especificamente, não tinha aderido abertamente aos seguidores do partido, porém, não via os romanos com bons olhos. Apesar da revolta do seu interior e do seu espírito um pouco inclinado à crítica, à ira e à ação, algo dentro dele parecia não ter lhe permitido, até aquele momento, seguir um caminho como esse. Seu rosto sempre vermelho, seus cabelos ruivos e fartos e seus músculos fortes e enrijecidos davam-lhe uma aparência de leão, a aparência de alguém sempre disposto a ir para a guerra. O que lhe faltava era a sabedoria, a disciplina e a paz necessária a um guerreiro. Assim como os *Boanerges,* era um autêntico Galileu, orgulhoso de sua pátria e disposto a acabar com a servidão do seu povo. Jesus o viu e o amou; dois guerreiros que se comunicavam pelo olhar, que sabiam o que era cumprir ordens. Todavia, a mansidão, a segurança e a serenidade de Jesus o tocaram com algo mais; sabia que ainda tinha muito a aprender para ser um guerreiro de verdade. Como se tivesse feito continência a um general, desceu do muro e 'marchou' ao lado do Mestre, sorrindo orgulhoso por ter sido escolhido. A empolgação tinha tomado conta dele.

Faltava alguém ao grupo e Jesus chegava, agora, ao fim da Sua escolha. Frente a frente com ele estava um sujeito magro, de cabelo negro como o corvo e olhar astuto como o de raposa, aparentemente um tanto nervoso com aquele encontro, demonstrando certa ansiedade como quem tem vontade de fugir dali para um lugar confortável e

seguro. Suas atitudes controladas e calculistas pareciam lhe dar uma característica de dolo e premeditação em tudo o que fazia, assim como a preocupação com a sua bolsa lhe inferia um caráter permanente de avareza e cuidado excessivo pelos bens materiais. Da mesma forma que Simão, o zelote, também não via os romanos com bons olhos, e sua personalidade rebelde e bélica o fazia esperar ansiosamente pelo Messias de Israel que livraria a todos daquele jugo incômodo. A covardia interior se opunha à ousadia exterior e o tinha impedido de se filiar a qualquer partido revolucionário. Antes, preferira ser apenas um instigador de idéias abolicionistas, contanto que ficasse à margem de qualquer conflito direto que o expusesse à vergonha ou ao perigo. Sua família tinha posses e posição social clara e ele não podia comprometê-la com atitudes impensadas. Além disso, por não ser o primogênito, corria o risco de perder sua parte da herança, o que não lhe convinha. Seu nome era Judas Iscariotes, do hebraico: *'ïsh q^{e}rïyoth, homem de Queriote,* se referindo à cidade de Queriote-Hezrom localizada a dezenove quilômetros ao sul de Hebrom. Em aramaico, era *'isqaryã'ã, um assassino*. Embora conhecendo tudo, Jesus não o recebeu como um provável traidor naquele momento, mas como alguém que o Pai tinha escolhido para aprender com Ele, ser restaurado e transformado num instrumento de bênçãos para o Seu povo (Ele testaria Judas). Como a todos os Ele que escolheu Jesus o amou. A mesma palavra: *Vem!* Pela 12ª vez. Eu também a tinha ouvido e conhecia a força e o amor impressos nela. A resposta sempre seria a mesma: *Sim!*

A escolha tinha se completado. Agora, era hora de trabalhar. A partir daquele momento, doze homens e um Mestre, por muito tempo juntos.

Se Jesus caminhara todo o tempo em direção ao mar, por que, agora, rumava em direção ao deserto como quem pretende subir montanhas novamente? Pedro, André, João e Tiago já estavam 'sentindo o gosto' do mar em suas bocas; ansiavam pelo vento e pelo sabor de peixes fresquinhos pescados na hora. Jesus pareceu perceber-lhes os pensamentos. Abriu um largo sorriso e disse:

— Nada como um pouco de esporte para gastar as energias do café da manhã, não é, Pedro?

Olhou para mim e disse:

— Prepare-se para muitas emoções interessantes.

A frustração nos discípulos e a expectativa em meu coração nos paralisaram temporariamente. Mas não se podia ficar paralisado por muito tempo, pois Jesus já não estava ali, tinha escapado dos nossos olhos. Alguém da multidão, querendo nos ajudar e participar da brincadeira, disse:

— Ele foi por ali.

— Ah, não! Ele vai para Nazaré. Preparem-se para a aula de alpinismo!

Jesus se dirigia para Nazaré, sua cidade Natal. Era sexta-feira e, embora não tivesse se iniciado ainda o *Shabbat,* Ele costumava estar ali na sinagoga para ensinar e ler a Palavra.

A cidade de Nazaré ficava bastante próxima de diversas rotas comerciais importantes para poder entrar facilmente em contato com o mundo exterior, ao mesmo tempo em que sua posição como cidade de fronteira, no limite de Zebulom, dando frente para a planície de Esdrelom, produzia certa indiferença. Era essa atitude de independência da baixa Galiléia que fazia com que Nazaré fosse reputada com zombaria pelos judeus rigorosos. Situava-se no alto vale entre as colinas de pedra calcárea mais ao sul da Serra do Líbano, que corre aproximadamente de sul-sudoeste para o noroeste. No sul há uma rápida descida para a planície de Esdrelom. A base do vale fica a quase quatrocentos metros acima do nível do mar. Colinas íngremes se elevam nos lados do norte e do oriente, enquanto que no lado ocidental atingem uma altura de até quatrocentos e oitenta e oito metros. Estradas principais vindas de Jerusalém e do Egito terminavam no sul da planície de Esdrelom. Caravanas provenientes de Gileade atravessavam os vaus do Jordão e prosseguiam em seu caminho mais abaixo. A estrada principal que ia de Ptolomaida até Decápolis e o norte, ao longo da qual viajavam as legiões romanas, passava a poucos quilômetros de Nazaré. Tal localização, talvez, tenha dado origem ao seu nome, que é possivelmente derivado do termo aramaico *naçᵉrath, torre de vigia*. Outra derivação sugerida é de *neçer, broto.* O clima temperado do vale faz florescerem as flores e surgirem os frutos abundantemente.

Não pudemos dar conta de como chegamos tão rápido. Talvez, nossos pensamentos nos últimos acontecimentos nos tenham feito ignorar as dificuldades do caminho. Parávamos apenas para tomar água e comer figos secos que tínhamos levado conosco. Jesus comia com prazer e parecia apreciar os momentos de descanso em nossa companhia. Nós é que deveríamos beber de cada momento em Sua companhia, do Seu sorriso e do Seu olhar paciente e amoroso sobre cada um de nós, parecendo compreender nossa fraqueza e nossa incompreensão maior do motivo de estarmos ali. Ao olhar lá para baixo, para o vale e para as terras cultivadas, podíamos perceber a grandeza e o cuidado de Deus com Seus filhos. Na verdade, olhar a terra daquela altitude nos fazia sentir mais próximos do céu. Porém, ao ver Jesus conosco tínhamos a certeza que o céu estava ali porque Ele estava ali. Ele era o próprio céu e era uma sensação confortante senti-lO dentro de nós. Ele nos olhava de fora, mas estava nos olhando de dentro. Ele nos conhecia profundamente e era como se cada desejo e cada motivação do nosso ser estivessem completamente abertos diante dos Seus olhos. Era como se durante aquele trajeto o Seu silêncio trabalhasse conosco nos moldando, nos curando, nos fazendo mais parecidos com Ele e nos ligando mais amorosamente uns aos outros. Treze pessoas tão diferentes, entretanto, uma coisa em comum: Jesus.

Finalmente chegamos e fomos recebidos por Sua mãe e por Seus irmãos. Ficamos ali por pouco tempo; tempo suficiente para nos refazermos da jornada. Então, Jesus nos levou para a sinagoga, pois a oração estava para começar. Pelo caminho, André me explicou:

— Sinagoga vem do hebraico, *Kᵉneseth,* que tem o sentido de uma reunião de quaisquer pessoas ou coisas e para qualquer propósito; também, uma reunião de

indivíduos de uma localidade com o fim de adorar ou de fazer alguma coisa em comum. O básico na sinagoga é a oração e a leitura da *Torah* (ou *Pentateuco*, que corresponde aos cinco primeiros livros da bíblia). As sinagogas foram construídas seguindo o modelo do templo de Jerusalém.

Chegamos e entramos. Eu me sentei nos bancos reservados às mulheres e esperei. Enquanto esperava, pude observar a presença de uma arca portátil como a arca da Aliança, onde eram guardados os rolos da Lei e dos Profetas. Ficava defronte da entrada do edifício. Em frente, havia os assentos principais para os líderes religiosos e governantes da sinagoga. Havia ao lado, uma plataforma para a leitura da Lei. Contíguo à plataforma, eram colocados os assentos mais honrosos. Jesus se sentou ali. O ritual religioso começava com dezoito orações, dezoito bênçãos. A primeira engrandecia o nome do Senhor. A segunda intercedia por Jerusalém. Nas demais, a restauração de Israel à terra de seus pais, a volta da glória da presença de Deus ao templo e à cidade de Jerusalém já reedificada e o restabelecimento da dinastia Davídica eram temas repetidos e lembravam a origem das sinagogas durante o exílio na Babilônia. Depois da oração, veio a leitura da Palavra e o sacerdote leu o rolo da Torah. Em seguida, costuma vir a leitura dos Profetas. No tempo de Jesus essa porção ainda não fora fixada, mas o leitor tinha permissão de fazer sua própria seleção. Para terminar, viria a bênção final. Jesus se levantou e foi para a plataforma de leitura e todos os presentes Lhe sorriam, pois O conheciam desde bebezinho e admiravam Sua sabedoria. Um simples carpinteiro falava como um verdadeiro Rabi e doutor da Lei. Ele tinha ficado fora por muito tempo, mas agora estava ali entre eles e eles queriam ouvi-lO. O semblante de Jesus estava sério e reverente. Pegou o rolo da Lei e abriu no lugar onde estava escrito pelo profeta Isaías:

— "O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor".

Tendo fechado o livro, devolveu-o ao assistente e sentou-se; e todos na sinagoga tinham os olhos fitos nEle. Então, passou a dizer-lhes:

— Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir. Sem dúvida, citar-me-eis este provérbio: 'Médico, cura-te a ti mesmo; tudo o que ouvimos ter se dado em Cafarnaum, faze-o também aqui na tua terra'. De fato, vos afirmo que nenhum profeta é bem recebido na sua própria terra. Muitas viúvas havia em Israel no tempo de Elias, quando houve seca e fome sobre a terra, e a nenhuma delas foi Elias enviado senão a uma viúva

de Sarepta de Sidom. Nos dias de Eliseu havia muitos leprosos, mas nenhum foi purificado senão Naamã, o siro.

Todos na sinagoga ouvindo essas coisas se encheram de ira. Começaram a esbravejar e acusar Jesus de blasfêmia. Na verdade, se enfureciam contra a verdade que Lhe saía dos lábios. Jesus tinha tocado na ferida. Ele lhes mostrava a sua incredulidade, comparando-os com os judeus infiéis do Antigo Testamento. Numa região obstinada e rebelde não era possível realizar milagres. Eles viam com os olhos, mas não entendiam com o coração, pois ouvir com o coração os forçaria a mudar de atitude e isso lhes custaria muita coisa. Era mais confortável para eles permanecerem como estavam. Jesus vinha com algo novo, uma nova doutrina, uma nova maneira de ver a vida e o Deus verdadeiro de outra forma; isso era insuportável. Quem Ele pensava que era? Estava se comparando ao Messias profetizado. Porém, todos sabiam que o Messias viria trazendo o poderio militar e a autoridade, expulsando os romanos e demais gentios de Israel. O Messias traria um reino material, militar. Como, então, vinha esse carpinteiro ignorante insinuar que era o Messias, falando agora de coisas espirituais? Era demais para eles. Os principais líderes se levantaram, O agarraram e O levaram até o despenhadeiro para atirá-lO abaixo. Uma simples leitura da Palavra tinha exposto diante dos seus olhos o ódio, a hipocrisia e o que havia nos seus corações duros. Os discípulos correram para fora e eu os acompanhei. Sabíamos o que Jesus era capaz de fazer. Não obstante, eles tinham medo da reação enfurecida dos seus compatriotas. Quando estavam no pico da montanha, prontos para atirá-lO abaixo, Ele se desviou deles como por milagre e se escondeu entre as rochas, fugindo de sua presença. Ele conhecia muito bem aquelas montanhas. Brincara lá quando pequeno. Gostava de provocar susto no coração de Maria quando ela O via à beira do barranco, tendo ao fundo a paisagem bela e fértil da planície de Esdrelom e o Ribeiro de Quisom, onde Débora e Baraque livraram o povo do Senhor de Sísera. Sim, Jesus conhecia todas as histórias das Escrituras e aquele lugar onde estava agora tinha sido palco de Suas aventuras juvenis de batalha e vitória. Voltamos para a casa de Sua mãe e Ele lá estava calmamente sentado, tomando coalhada fresca e saboreando uvas e bolos de mel como se nada tivesse acontecido e olhando-nos com curiosidade a nossa face de espanto. Ele era Deus de verdade; nada O detinha, nada O assustava. Não tinha medo do homem, mas obedecia fielmente ao que o Espírito colocava em Seu coração. Não se importava com as reações carnais dos que estavam à Sua volta, pois sabia quem era e quem era o Seu verdadeiro Pai. Só o que lhe importava era ter Sua aprovação. Porém, como homem, ficava grato pela nossa amizade e solidariedade. Tinha visto nossa preocupação quando estavam para atirá-lO do penhasco. Eu sabia que não era o Seu fim ali, mas os outros não conheciam ainda o seu Mestre.

Depois do almoço, Jesus se levantou com o propósito de voltar para o mar e pregar nas cidades da Galiléia.

Da mesma forma espantosa como subimos para Nazaré, descemos de volta para o vale.

A multidão O esperava, como se já soubesse da Sua chegada.

Chegando à planície, o Senhor encontrou uma pequena elevação e passou a nos ensinar:

— “Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus.

Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.

Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.

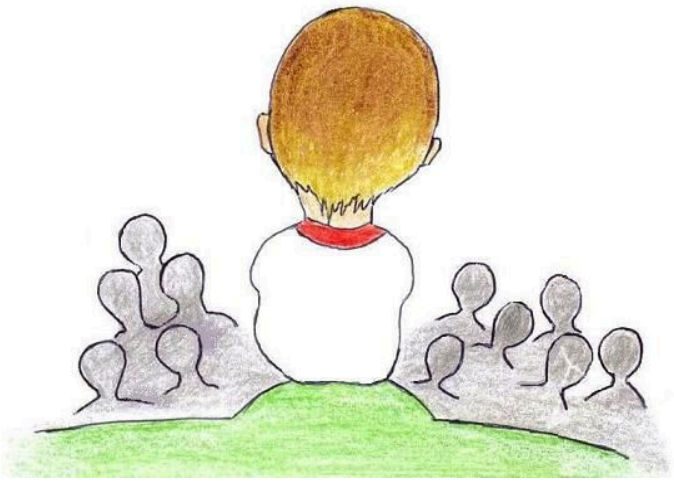
Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.

Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.

Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.

Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.

Bem-aventurados sois, quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós".



Eu podia olhar e ver a multidão atenta, cada um deles com um interesse particular no coração. Muitos soldados romanos estavam lá para ouvir. Muitos escribas e fariseus também O escutavam com curiosidade e com intenções de comprometê-lO, mas os humildes, mesmo não entendendo profundamente o sentido das palavras, podiam perceber que Deus lhes dava importância porque falava de algo que era conhecido deles. Os grandes e importantes lutavam contra a verdade que estavam ouvindo, pois era incompreensível o que Jesus lhes propunha. Como um povo oprimido por tantos anos, esperando um Messias para livrá-lo do jugo romano, necessitando recuperar a honra e a auto-estima poderia se sentir feliz com o que estava ouvindo? Humildade, mansidão, choro! O que era aquilo? Para os humildes parecia consolo, porém, para os líderes era uma completa rendição. O orgulho deles não lhes permitia isso. Eles não conseguiam discernir que se tratava de um reino espiritual.

Enquanto Jesus pronunciava calmamente cada palavra, Ele falava mais profundamente conosco como discípulos, Seu Espírito revelando ao nosso coração o verdadeiro sentido delas:

Ser humilde ou pobre de espírito é estar cônscio da nossa carência de Deus. Os que se esvaziam de si mesmos, do orgulho de suas realizações e do egoísmo de seus desejos, podem sentir o Espírito Santo enchendo esse vazio. Os humildes recebem o reino dos céus como prêmio; e o reino dos céus é hoje, quando tudo é possível. É uma experiência, não um lugar. Portanto, humildade é saber que dependemos de Deus em todas as situações, sermos como crianças e estarmos cientes da necessidade de crescer e aprender sempre com Ele, sabendo que só Ele é capaz de nos suprir.

São felizes os que choram, porque recebem o consolo de Deus. E o choro que o Senhor fala aqui é o choro de arrependimento, que produz vontade de mudar de vida. É chorar para que a justiça de Deus se estabeleça na terra, libertando, curando, trazendo

novamente a alegria da comunhão com Ele. Bem-aventurados os que choram pelo seu afastamento de Deus, porque Ele ouve o seu choro e os consola, restabelecendo novamente seu relacionamento e sua intimidade com Ele.

Ser manso é ser submisso à vontade de Deus, às Suas leis e ao plano divino. Possuindo a Deus, os mansos herdarão a terra; a terra, o mar, o ar e tudo o que neles se contém, pois tudo é Seu. Mansidão significa: serenidade, tranqüilidade, calma, se deixar moldar por Deus, ter calma pela certeza da vitória, ter segurança de que tudo tem solução.

Ter sede e fome de justiça significa não aceitar as injustiças do mundo, mas ansiar pelo amor e pela vontade divina sendo cumprida em todos os homens. Os que sentem essa sede e essa fome serão fartos. Não há necessidade que Jesus não possa suprir. Ver a justiça de Deus agindo é ver as pessoas aceitando a Sua verdade em seus corações e recebendo a salvação e a vida eterna.

Misericórdia significa: indulgência, graça, compaixão suscitada pela miséria alheia. É pagar o mal recebido com o bem. Mas, receber misericórdia vem depois de exercê-la. É ser igual a Jesus.

Ser limpo de coração é manter a pureza e renegar a impureza, é ver Deus com o coração, é manter dentro de si a clareza e a sinceridade de intenções, é ser transparente: "Quem vê a mim, vê o Pai". Quem vê com os olhos de Jesus, vê o Pai. Os limpos de coração não guardam mágoa nem rancor, mas olham para a misericórdia e para a justiça divinas e confiam inteiramente em Seu julgamento; fogem do pecado e mantêm dentro de si a integridade do projeto de Deus para suas vidas, não se envolvendo com nada que os possa desviar dele; mantêm sempre firme dentro de si a palavra pura que vem do alto.

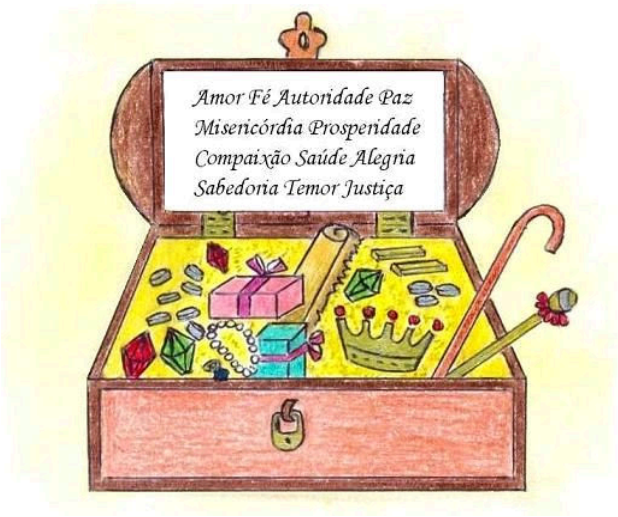
Para haver paz na nossa alma, é necessário extirpar a outra natureza em nós (a da carne) e cultivar Jesus no nosso coração. Fazer a paz é ficar do lado de Deus. Os pacificadores são chamados filhos de Deus, pois se assemelham a Ele. Para levarmos a paz a alguém, é preciso conquistar, antes de tudo, a paz dentro do nosso próprio ser, isto é, estar harmonizados com o projeto divino para nós. De certa forma, é algo que decorre da mansidão, do fato de nos entregarmos inteiramente ao moldar do Senhor em nós.

Ser perseguido por causa da justiça é lutar pelo que é do Senhor, é 'pagar o preço' pelo Seu reino, mas ter direito total sobre Ele. Jesus disse certa vez: "Pai, eles não são do mundo, como também eu não sou; por isso o mundo os odiou. Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal. Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade". Assim, ser do Senhor nos traz, infalivelmente, a perseguição mundana, pois o príncipe do mundo (o diabo) não se conforma por ter nos perdido para o Filho de Deus. Entretanto, quando somos perseguidos por estarmos lutando pela verdade, temos a garantia da proteção divina e do Seu livramento. "Não toqueis nos meus ungidos, nem maltrateis meus profetas", diz o Senhor. Também está escrito: "O anjo do Senhor se acampa ao redor dos que o temem e os livra".

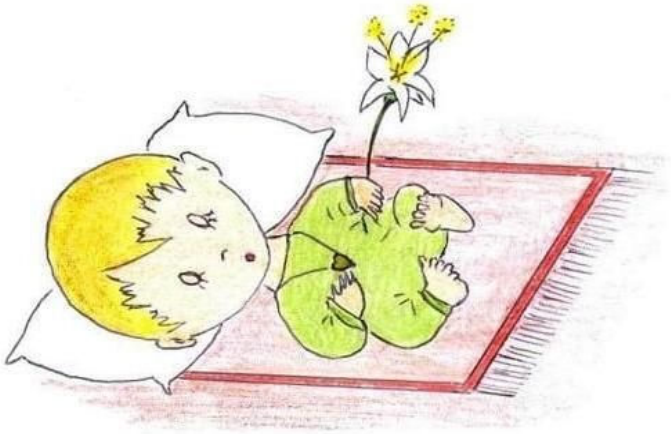
Jesus continuou pregando:

— Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve.

... Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam, mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde nem traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam; porque onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração.



... Não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento e o corpo, mais do que as vestes? Observai as aves dos céus: não semeiam, nem colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai celeste as sustenta. Porventura, não valeis muito mais do que as aves? E por que andais ansiosos quanto ao vestuário? Considerai como crescem os lírios do campo: eles não trabalham nem fiam; contudo, nem Salomão, em toda a sua glória, jamais se vestiu como qualquer deles. Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé? Portanto, não vos inquieteis dizendo: que comeremos? Que beberemos? Ou com que nos vestiremos? Porque os gentios é que procuram todas essas coisas; pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas; buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas. Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados; basta ao dia o seu próprio mal. Não temais, ó pequenino rebanho; porque vosso Pai se agradou em dar-vos o seu reino. Vendei os vossos bens e dai esmola; fazei para vós outros, bolsas que não desgastem, tesouro inextinguível nos céus, onde não chega o ladrão, nem a traça consome, porque, onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.



... Portanto, orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu; o pão nosso de cada dia dá-nos hoje; e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores; e não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos de todo o mal.

O Espírito de Deus confirmava nos nossos corações: nosso Pai que está no céu é perfeito, e Seu domínio é exercido pelo amor, pois coloca a misericórdia bem no centro do julgamento. Mas também é Santo, e devemos pedir que Ele santifique o próprio nome, ou seja, que Ele se revele a nós. Quem O busca com seriedade recebe a Sua revelação e conhece a Sua santidade. Ele se revela através da criação, das pessoas e da ação do Seu Espírito em nós. Que nós possamos mostrar a santidade de Deus aos outros através das nossas atitudes. *Que venha o Seu reino* (gr. *Basilea*), ou seja, *o Seu domínio, o Seu poder, a Sua realeza e a Sua autoridade* sobre nós. Isso significa estar dispostos a desistir de tudo para termos a Deus. A Sua vontade deve ser feita na terra assim como é feita no céu. E no céu há paz, plenitude, perfeição, alegria, ausência de dores, sofrimentos e lágrimas. No céu, onde o governo de Deus é alegre e incondicionalmente aceito por todos, Sua vontade é espontânea e alegremente obedecida por todos e em todas as ocasiões. Portanto, a vontade de Deus é boa para nós, é a melhor e está ao nosso alcance. Ele exige de nós o máximo que podemos dar, mas nada, além disso. Não devemos ter receio de pedir que se faça a Sua vontade em nossas vidas, pois Ele fará o melhor. Da mesma forma que ela é obedecida no céu, deve ser obedecida na terra. *"O pão nosso de cada dia dá-nos hoje"* simboliza tudo quanto realmente necessitamos para nossa existência terrena, para que possamos santificar o Seu nome e praticando a Sua vontade na terra como ela é praticada no céu. Portanto, o Senhor nos ensina a Lhe pedir que nos ajude nessa área, entregando também a Ele todas as nossas aflições e confiando que Ele vai cuidar do nosso suprimento; não dependemos de homens, mas dEle. Depois de pedir por isso, Jesus nos lembra que devemos pedir ao Pai que perdoe as nossas *dívidas* ou *ofensas ("perdoa-nos as nossas dívidas"...),* porque quando desobedecemos aos Seus mandamentos, isto é, quando pecamos e *"erramos o alvo", quebrando a lei de Deus,* nós O ferimos e O ofendemos pelo nosso pecado, o que gera uma dívida no mundo espiritual. Portanto, ao pedirmos a Ele que nos perdoe as ofensas, Seu sangue nos cobre e as nossas dívidas são pagas, fechando nossas brechas... *"assim como nós*

perdoamos aos nossos devedores", o que significa orar a Deus pedindo perdão, com sinceridade e sem qualquer hipocrisia, livres de qualquer sentimento de ódio e vingança contra outras pessoas. Somente quando Deus nos tiver dado a graça para verdadeiramente perdoar nossos devedores é que estaremos preparados para fazer uma oração verdadeira. Por fim, Jesus nos ensina a pedir a Deus que *"não nos deixe cair em tentação e nos livre de todo o mal"* que possa sobrevir sobre a nossa vida. Pedir que Ele não nos deixe cair em *tentação* significa: não nos permitir cair em situações onde ficaremos expostos à tentação do mal. *"Livra-nos do mal"* significa: *protege, escuda, guarda contra os assaltos do diabo.*

... Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e a quem bate abrir-se-lhe á. Qual dentre vós é o pai que, se o filho lhe pedir pão lhe dará uma pedra? Ou se pedir peixe lhe dará uma cobra? Ou, se pedir um ovo lhe dará um escorpião? Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?

... Ninguém, depois de acender uma candeia, a põe em lugar escondido, nem debaixo do alqueire, mas no velador, a fim de que os que entram vejam a luz. São os teus olhos a lâmpada do teu corpo; se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso; mas, se forem maus, todo o teu corpo estará em trevas. Repara, pois, que a luz que há em ti não sejam trevas. Se, portanto, o teu corpo for luminoso, sem ter qualquer parte em trevas, será todo resplandecente como a candeia que te ilumina em plena luz. Vós sois a luz do mundo. Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem ao vosso Pai que está nos céus.

Jesus estava falando na linguagem deles. Eles achavam que os olhos eram janelas por onde entravam as coisas na vida deles, principalmente na área material. Portanto, tudo o que os olhos deles vissem e desejassem, viria para eles materialmente. Por isso, Jesus os tinha alertado para não olhar para uma mulher com desejo impuro no coração, porque cometeriam adultério. Tudo o que desejassem os seus olhos, tudo o que lessem, outras doutrinas, outros ensinamentos com aparência de luz, poderia vir a ser parte deles e, se fossem mentiras, o que se encontraria neles seriam trevas.

O Senhor parou de falar e começou a andar e tocar os doentes e de Suas mãos saía poder e curava a todos. Espíritos imundos eram expulsos, cegos enxergavam, surdos ouviam, coxos andavam, os pobres de espírito, atormentados e angustiados recebiam vida e esperança, e os que nunca tinham se sentido amados e queridos se sentiam amados, cuidados e confortados. Era interessante perceber que horas tinham se passado desde que tínhamos chegado ali, mas não sentíamos sede nem fome. Sua presença parecia nos suprir. Víamos certo sinal de cansaço nEle por tanto esforço de suportar as multidões, porém, Ele não pararia até que o Pai Lhe dissesse que estava terminado.

Fomos andando em direção às outras cidades ao redor do mar da Galiléia e a obra de Deus era feita. Alguns da multidão nos traziam água para beber e algumas frutas, pois tinham entendido a pregação e já estavam pondo em prática o reino de Deus. Aprenderam a dar como Ele dava, a suprir como Ele supria, a sorrir como Ele sorria, a depender do Pai como Ele dependia. Os discípulos sentiam algo queimando no seu coração, que reavivava a chama que tinham sentido quando foram chamados por Ele. Era a mesma sensação de conforto e desejo de segui-lO e servi-lO, de aprender com Ele. Os fariseus, os saduceus e os escribas O seguiam com aqueles olhares críticos e invejosos por ter Ele despertado o respeito e o interesse das multidões, todavia, Ele parecia ignorá-los, por enquanto; não era hora de enfrentá-los ainda. Chegaria o momento de chamá-los à verdade e confrontá-los com sua incredulidade e hipocrisia.

O dia começava a declinar e era hora de despedir o povo. Amanhã, ele estaria de volta mesmo! Cada um se encaminhou para sua própria casa até que nos vimos finalmente sós. Nós sentamos na praça, junto à fonte, e Jesus nos olhou profundamente nos olhos como se estivesse nos perguntando o que achamos do aprendizado, como se nos dissesse que tinha muito mais para nos mostrar. Tínhamos vontade de ficar quietos ali e até os mais agitados e afoitos dos discípulos pareciam desfrutar daquela paz e daquela alegria silenciosa. Já tínhamos sentido isso antes: o gozo de estar com Ele na quietude, onde nenhuma palavra era necessária, pois Sua presença enchia todas as coisas. Então, Ele quebrou o silêncio:

— Vocês não estão com fome?

— É, parece que já é hora de um bom banho, de uma sopa quentinha e de uma cama macia.

— Senhor, vou para casa. Amanhã, eu O encontro na casa de Pedro.

— Pode ir, Simão. Podem ir, Tomé, Tiago, Natanael, Mateus, Judas, Filipe, Judas Iscariotes. Vão, suas famílias devem estar esperando.

— Senhor, venha até minha casa para jantar. André já foi à frente para avisar. Tiago e João, venham também. E você, nossa irmãzinha, venha conosco. Espero que não estranhe a comida.

— Com muito prazer, Pedro.

Ao chegarmos, a sogra de Pedro não pôde nos receber, pois estava de cama com febre alta e sua filha estava lá para cuidar dela. Pedro ficou preocupado; afinal, tinha trazido o Mestre e alguns convidados para jantar. Pediram a Jesus que fosse vê-la. Ele entrou no quarto e viu a esposa de Pedro junto à cama. Sua mãe estava ali, uma senhora de cabelos claros, face corada, mantendo os olhinhos vivos e interessados em tudo o que acontecia na casa e se lamentando por não poder servir sua maravilhosa refeição aos convidados do melhor amigo do seu genro. Era um pouco obesa e tentava com dificuldade se sentar na cama. Ela perguntava:

— Será que eu comi um pouquinho a mais e alguma coisa me fez mal?

— Não se preocupe, Sara, vai ficar tudo bem.

Jesus tocava seu rosto com carinho, mas com energia repreendeu a febre e esta a deixou. Ele mostrava com este ato que todas as coisas estão debaixo da Sua soberania, e que enfermidade alguma poderia prevalecer contra Ele. Agora, afagava o rosto alegre e bem disposto de Sara, que Lhe deu um abraço apertado e O convidou a sentar-se à mesa. Ela já estava se levantando para preparar um delicioso peixe assado. Enquanto isso, ela serviria coalhada fresca e queijo. Em alguns minutos, amassaria um pãozinho para nós. Nós a ajudamos a levantar-se e nos dirigimos para a sala da refeição.

Aí, nós pudemos conversar animadamente sobre tudo o que tinha acontecido naquele dia. Que dia! Fizemos tudo o que tínhamos direito e muito mais.

— Mestre, você viu a cara da turma que queria jogá-lO do penhasco?

— Há, há, há, estavam até verdes de raiva, Jesus.

— E você nem imaginava que eu conseguiria escapar, não é, Tiago?

— Eu disse para João aqui, que se pusessem a mão num fio de cabelo do nosso Mestre eu quebraria o pescoço deles.

— Que nada, Tiago, você não é de nada! João estava pálido a ponto de desmaiar. Se eu não tivesse ido à frente, eles não teriam olhado para trás pelo meu grito; foi isso que deu a chance de o Mestre escapar.

— Fique quieto, Pedro, que coisa, que mania de grandeza!

— Do que você está rindo Jesus?

— Eu acho que recrutei crianças birrentas para discípulos, encrenqueiras e ciumentas também.

— É mesmo! Por que esta nossa irmãzinha está sentada como convidada de honra aí do Seu lado?

— Porque eu sou ciumenta dEle também.

— Há, há, há.

— O jantar está vindo, meus queridos hóspedes.

— Hum, que cheiro bom!

A refeição tinha sido preparada com amor, o que a tornava mais gostosa ainda. Mais gostoso, todavia, era o que Jesus estava nos ensinando e nos proporcionando: uma comunhão entre irmãos, onde não só o alimento era partilhado, mas o nosso ser em amor e compreensão, sem críticas e com espontaneidade, sobretudo com risos, o que faltava a muitas famílias. Era aquela refeição que Ele gostaria de ver na casa dos Seus filhos. Ele deu graças pelo alimento e nós comemos.

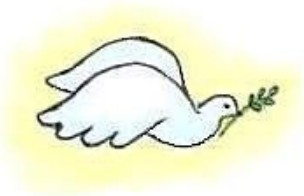
Como de costume, depois de providenciar nossas acomodações, o Senhor se retirou para orar ao Pai. Precisava receber as ordens para o próximo dia. Agora era a Sua hora, o Seu momento de estar no colo de *Aba Pai.*

O rolo do profeta Isaías estava ali e eu o abri. Jesus o tinha deixado sobre a mesa. Como eu poderia entender se estava em hebraico? Mas as letras saltaram claras aos meus olhos:

"Naquele dia, dirá o Senhor: Cantai a vinha deliciosa! Eu, o Senhor, a vigio e a cada momento a regarei; para que ninguém lhe faça dano, de noite e de dia eu cuidarei dela" (Is 27: 2-3).

3º Dia

Cidades da Galiléia (Corazim, Betsaida, Tiberíades, Magadã ou Magdala), Tour de Navio



Nós estávamos saindo agora para uma visita a algumas cidades da Galiléia, pois Jesus tinha muito trabalho para fazer lá. Era sábado e sabíamos que teríamos alguma dificuldade pela frente, pois o tradicionalismo nos impedia de fazer certas coisas no *Shabbat*, mas naquele dia Jesus nos surpreenderia de muitas formas, assim como surpreenderia muitos fariseus e conhecedores da Lei. Não tínhamos comido, pois já era tarde, e saímos para o campo como estávamos. Atravessando as searas, os discípulos tiveram fome e começaram as comer as espigas. Os fariseus também tinham se levantado cedo e estavam ali, de repente, perto de Jesus, aparecendo do nada, como espiões ávidos por encontrar uma informação 'ultra-secreta'. Eles logo disseram:

— Por que fazem teus discípulos o que não é lícito fazer aos sábados?

Mas Ele lhes respondeu:

— Nunca lestes o que fez Davi, quando se viu em necessidade e teve fome, ele e os seus companheiros? Como entrou na Casa de Deus, no tempo do sumo sacerdote Abiatar, e comeu os pães da proposição, os quais não é lícito comer, senão aos sacerdotes, e deu também aos que estavam com ele?

E acrescentou:

— O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado; de sorte que o Filho do Homem é senhor também do sábado.

O nosso dia já tinha começado bem. Logo de manhã, embater-se com fariseus era demais! Os discípulos aproveitaram para terminar a refeição, enquanto Jesus discutia com eles. Comemos e seguimos o Mestre, pois Ele já começava a caminhar em direção à sinagoga.

Ali estava um homem que tinha uma das mãos ressequida. Estavam observando Jesus para ver se o curaria em dia de sábado, a fim de O acusarem. E disse Jesus ao homem da mão ressequida:

— Vem para o meio.

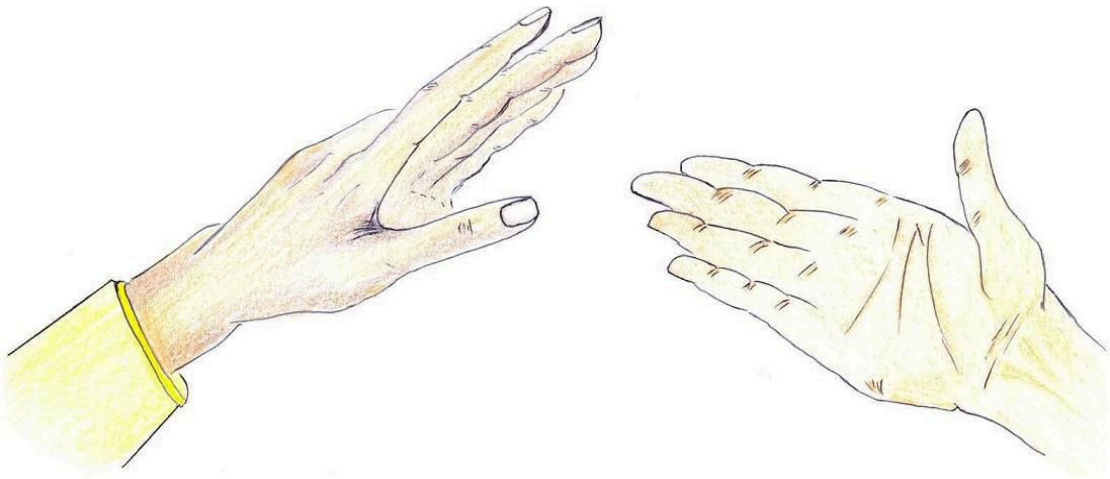
Então lhes perguntou:

— É lícito nos sábados fazer o bem ou fazer o mal? Salvar a vida ou tirá-la?

Mas eles ficaram em silêncio. Olhando-os ao redor, indignado e condoído com a dureza do seu coração, disse ao homem:

— Estende a mão.

Estendeu-a, e a mão lhe foi restaurada.



Retirando-se os fariseus, sentaram-se nas suas cadeiras confabulando entre si, até que veio uma mulher possessa de um espírito de enfermidade, havia já dezoito anos; andava encurvada, sem de modo algum poder endireitar-se. Vendo-a Jesus, chamou-a e disse:

— Mulher, estás livre da tua enfermidade; e, impondo-lhe as mãos, ela imediatamente se endireitou e dava glória a Deus.

O chefe da sinagoga, indignado de ver que Jesus curava no sábado, disse à multidão:

— Seis dias há em que se deve trabalhar; vinde, pois, nesses dias para serdes curados e não no sábado.

Disse-lhe, porém, o Senhor:

— Hipócritas, cada um de vós não desprende da manjedoura, no sábado, o seu boi ou o seu jumento, para levá-lo a beber? Por que motivo não se devia livrar desse cativeiro, em dia de sábado, esta filha de Abraão, a quem Satanás trazia presa há dezoito anos?

Os Seus adversários se envergonhavam, ao passo que o povo se alegrava por todos os gloriosos feitos que o Senhor realizava.

Os fariseus continuavam conversando secretamente entre si, mas algo no seu semblante revelava o que diziam: conspiravam em como Lhe tirar a vida. Ele era um estorvo, uma pedra de tropeço para todos eles, e o que mais os enfurecia é que nunca podiam vencê-lO num duelo de palavras. Eles tinham dentro de si uma letra morta que os fazia exercer uma justiça dura e cega, sem compaixão ou misericórdia, e suas palavras carregadas de dolo, malícia e inveja acabavam se voltando contra eles mesmos. Seus sentimentos de ódio e violência não tinham o poder de tirar de Jesus Sua comunhão com o Pai, nem de roubar a alegria que vinha ao Seu coração, demonstrada

num sorriso contagiante, quando mais um inocente era liberto das garras de Satanás e dos homens hipócritas que pensavam detê-lo com seu poder.

Saindo dali, Jesus se dirigiu à beira-mar e grandes multidões se reuniram perto Dele, de modo que pediu a Pedro que colocasse novamente seu barco a certa distância para que pudesse pregar. Assim, Ele começou a ensinar o povo:

— Eis que o semeador saiu semear. E, ao semear, uma parte caiu à beira do caminho, e, vindo as aves, a comeram. Outra parte caiu em solo rochoso, onde a terra era pouca, e logo nasceu, visto não ser profunda a terra. Saindo, porém, o sol, a queimou; e, porque não tinha raiz, secou-se. Outra caiu entre os espinhos, e os espinhos cresceram e a sufocaram. Outra, enfim, caiu em boa terra e deu fruto: a cem, a sessenta e a trinta por um. Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça.

... Ou fazei a árvore boa e o seu fruto bom ou a árvore má e o seu fruto mau; porque pelo fruto se conhece a árvore. Raça de víboras, como podeis falar coisas boas sendo maus? Porque a boca fala do que está cheio o coração. O homem bom tira do tesouro bom coisas boas; mas o homem mau do mau tesouro tira coisas más. Digo-vos que de toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no Dia do Juízo; porque, pelas tuas palavras, serás justificado e, pelas tuas palavras, serás condenado. Porque a boca fala do que está cheio o coração.

... Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha. E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica será comparado a um homem insensato que edificou a sua casa sobre a areia; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína.

Ele continuou dizendo-lhes muitas coisas. Quando terminou, mandou-os para suas casas e disse a Pedro para tocar o barco, pois muitas outras cidades ainda precisavam ouvir a voz de Deus naquele dia. O vento estava suave e soprava continuamente, de forma que não era preciso muita força nos remos. Pedro e André colocaram as velas em posição, assim como os outros barcos que estavam velejando próximos a nós. Por isso sentamos aos pés de Jesus e alguém Lhe perguntou:

— Por que lhes falas por parábolas?

— Porque a vós outros é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas àqueles não lhes é isso concedido. Pois ao que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. Por isso, lhes falo por parábolas; porque, vendo, não vêem; e, ouvindo, não ouvem, nem entendem. Porque o coração desse povo está endurecido; para não suceder que vejam com os olhos, ouçam com os ouvidos, entendam com o coração, se convertam e sejam por mim curados. Bem-aventurados, porém, os vossos olhos porque vêem, e os vossos ouvidos, porque ouvem. Muitos profetas gostariam de ter ouvido o que ouvis, e não ouviram; e visto o que vedes, e não viram. Atendei, pois, à parábola do semeador. A todos os que ouvem a palavra do reino e não a compreendem vem o maligno e arrebata o que lhes foi semeado no coração. Este é o que foi semeado à beira do caminho. O que foi semeado em solo rochoso, esse é o que ouve a palavra e a recebe logo, com alegria; mas não tem raiz em si mesmo, sendo, antes, de pouca duração; em lhe chegando a angústia ou a perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza. O que foi semeado entre os espinhos é o que ouve a palavra, porém, os cuidados do mundo e a fascinação das riquezas sufocam a palavra, e fica infrutífera. Mas o que foi semeado em boa terra é o que ouve a palavra e a compreende; este frutifica e produz a cem, sessenta e trinta por um.

Nós ficamos pensando um pouco sobre o que Jesus dissera. Ao olhar para nós ali ao Seu lado, nos sentíamos protegidos e amados, e Seus olhos sinceros e Sua fala clara e profunda nos faziam participantes do Seu reino e conhecedores dos Seus segredos mais íntimos. Era como se Ele mesmo, por Sua vontade nos quisesse fazer ver e ouvir aquilo que era importante por ter um propósito especial para nós, entretanto, não permitindo que outros recebessem a mesma dádiva naquele momento. Poderia parecer cruel que Ele dissesse coisas que outros não entendessem, simplesmente para que não pudessem ser curados e salvos. Não foi isso o que tinha vindo fazer na terra? Mas Ele sabia o que estava fazendo. Sabia que os homens nos seus delitos, usando mal seu livre-arbítrio, tinham contribuído para que Deus mesmo os cegasse e ensurdecesse até que não mais agüentassem seus sofrimentos e pudessem abandonar sua arrogância e seu orgulho, buscando-O por si mesmos. Muitas vezes, a ira de Deus sobre determinada situação precisava ser aplacada, como tinha feito no passado com Seu povo, levando-o ao cativeiro e permitindo seu sofrimento para depois resgatá-lo de verdade, pois tinha conhecido a diferença entre servir ao Deus vivo e servir às suas próprias paixões. Muitos de nós estávamos quietos e meditativos naquele momento, pensando quantas vezes tínhamos sofrido por aqueles que estavam ao nosso lado e carregado fardos imensos para tentar fazê-los compreender a verdade, mas não podiam, pois seus olhos e ouvidos estavam fechados por vontade própria, preferindo manter suas atitudes de rebeldia ao chamado do Mestre. Eles já nos tinham feito sofrer por muitos anos, pois nos desprezaram pela nossa escolha. Muitos ali estavam vivendo a mesma situação; deixaram seu trabalho como fonte de sustento para a família, a fim de seguirem um Rabi desconhecido que aparecera da noite para o dia e parecia trazer um ensinamento um tanto revolucionário para a mentalidade fechada e obstinada da época. Seus parentes lhes diziam: *"Para que serve tudo isso? Você vai se dar mal seguindo esse embusteiro".* Que pena! Eles não podiam ouvir o tom de Sua voz, a autoridade que dela emanava, a promessa de vitória e recompensa que brilhava no Seu olhar e no Seu sorriso sincero, a força da Sua mão que amparava e transmitia a certeza de que jamais seriam desamparados. Ele selava o Seu propósito em nosso coração: seríamos honrados e restituídos de tudo aquilo que nos tinha sido roubado. Ele nos defenderia de todas as palavras espinhosas que tinham sido lançadas contra nós e das que pudessem vir. A força da Sua presença ali conosco nos garantia Sua escolha soberana e a derrota da

inveja de todos os cegos e covardes que tinham sido obstáculos em nossa vida. Seus cabelos estavam soltos, brilhando à luz do sol da manhã e, ao esvoaçar, eram como um manto de proteção e amor caindo sobre nossa alma cansada e desesperançada com as preocupações que nos afligiam. Aquele momento ali no barco era um momento de eternidade em que até as águas ao nosso redor pareciam quietas e atentas à voz dAquele que as tinha criado. Quando percebemos, estávamos de joelhos aos Seus pés. Não havia palavras para agradecer o presente que nos tinha dado. Estávamos apenas provando um pouquinho do Seu entendimento e conhecimento. Quanto a nossa mente teria que ser aberta ainda para compreender o Seu coração tão imenso! Suas mãos nos confortavam. Ele as passava sobre nossas cabeças num gesto de carinho que curava, libertava e fortalecia. Beijou-nos um por um e, até os mais resistentes e seguros da sua virilidade e força denunciaram sua fraqueza, derramando uma lágrima pelo canto dos olhos. Doce lágrima que brilhava como cristal finíssimo à luz do sol e do céu matutino. Então, Ele falou:

— Eu lhes deixo a minha paz e a minha segurança. Agora levantem e preparem-me um pouco de pão e peixe. Estou com fome e o barco já está chegando ao nosso destino.

— Ó, claro, Senhor! Como eu posso ter esquecido disso? Meu Mestre precisa se alimentar. Eu, Simão Pedro, capitão do navio, aqui chorando feito criança desmamada. O que minha mulher e minha sogra iriam dizer diante disso? Não conte nada para elas, André, está entendendo?

— Claro, capitão! Traga logo o peixe porque as brasas já estão prontas.

Não sei de onde poderiam ter saído brasas, pão e leite naquele momento, mas num piscar de olhos a refeição estava sendo feita, como num serviço eficiente do melhor hotel. Aquilo era bem melhor que espigas verdes e cruas.

Chegamos ao porto e logo a multidão nos seguia. Jesus estava descendo do barco, pois agora precisava estar no meio dela para curar. Os discípulos procuravam fazer um 'cordão de isolamento' ao Seu redor para protegê-lO, porém era impossível manter a multidão afastada e disciplinada. Todos queriam tocá-lO, pois de Suas mãos saía poder. Os coxos começavam a jogar fora as muletas, os espíritos imundos saíam clamando: — *"Que temos nós contigo, filho de Davi?";* os cegos começavam a gritar de alegria por ver o mundo que, muitas vezes, já nasceram sem ver. As mulheres estéreis trocavam o choro pelo sorriso da certeza de que dali a alguns meses poderiam abraçar um filho e a vergonha seria banida das suas vidas. Aqueles que tinham se odiado, de repente saíam de braços dados como velhos amigos. Leprosos que observavam de longe, impedidos de participar do convívio com os homens corriam para abraçar a esposa, os filhos e os amigos. Agora, os surdos podiam ouvir as palavras de vida daquele Rabi que os colocaria como reis no reino dos céus e lhes garantiria a vida eterna. Crianças com doenças de nascença eram beijadas e abraçadas por suas mães, pois, a partir desse encontro com o Mestre, começariam a ter uma vida normal como as outras. Edemaciados e feridos com pústulas incuráveis estavam sendo tocados pelo poder do Senhor. Angústias de alma, solidão e impossibilidade de amar eram banidas dos corações para sempre. O entendimento era aberto. Bocas que tinham murmurado até aquele dia erguiam a voz em louvor a Deus. Os humilhados pelo pecado, que tinham se sentido afastados e separados da sua comunhão com Deus e foram banidos da sinagoga pelos líderes, encontravam nesse momento o verdadeiro altar em suas vidas. Soldados romanos que estavam ali para manter a ordem entre aquela turba desordenada e revoltada sequer pensavam nas suas obrigações militares; pelo contrário, meditavam nos seus corações quem era o seu verdadeiro comandante e se quebrantavam diante daquelas mensagens estranhas aos seus ouvidos. O povo escutava as exortações e as repreensões duras, porém, não as discutia ou contradizia. Seus corações endurecidos

começavam a ser abertos, e as palavras 'quentes' como brasa incandescente se tornavam como mel em suas bocas, como um gesto de carinho do qual jamais tinham sido merecedores. Os que viviam maritalmente em pecado reconheciam o seu erro e corriam velozmente à sinagoga para acertar sua situação. Os adúlteros se arrependiam e voltavam às suas casas para se reconciliarem.

Muitos estavam felizes ali, mas nem todos. Jesus estava, agora, sentado numa pequena elevação observando. Como abutres, eles começaram a chegar: fariseus, saduceus e escribas, os mestres da lei. Os *escribas,* do hebraico *Sõph^{e}rïm,* também chamados *doutores ou mestres da lei*, eram técnicos no estudo da lei de Moisés *(Torah)*. Sua principal atividade era estudá-la. Surgiram depois do exílio babilônico e exerciam influência principalmente na Judéia, mas também podiam ser encontrados na Galiléia e entre a dispersão judaica. Juntamente com os fariseus, eles foram os criadores do culto na sinagoga. Alguns deles eram membros do Sinédrio, que era um tribunal formado por sacerdotes, anciãos e escribas, o qual julgava as questões cerimoniais ou administrativas referentes a uma tribo ou a uma cidade, os crimes políticos importantes etc. Correspondia à Suprema Corte Judaica ou Tribunal de Justiça. Os escribas tiveram sua importância aumentada depois do ano 70 DC. Transmitiam fielmente as Escrituras hebraicas e esperavam de seus alunos uma reverência maior que a que prestavam a seus pais. Tinham tríplice função:

• Preservavam a lei. Eram estudiosos profissionais da lei, guardiões dela e copiavam muitas vezes os manuscritos.

• Tinham discípulos e faziam conferências no templo.

• Eram chamados doutores da lei e mestres da lei, por serem juízes do Sinédrio. Não eram pagos pelo serviço que prestavam para ele; tinham que ganhar a vida por outros meios. Pertenciam ao partido dos fariseus, mas como um corpo, eles eram distintos deles.

Os *fariseus* controlavam a religião do Estado. Eram peritos em religião. Queriam atingir os fins espirituais por meios políticos e nunca deixavam de pensar no interesse público. Acreditavam que a tão divulgada 'lei oral' (em vigor na época) era tão autorizada e inspirada por Deus quanto a *Torah* ou lei escrita. Era um partido religioso judeu que se caracterizava pela oposição aos outros, fugindo-lhes do contato, e pela observância exageradamente rigorosa das prescrições legais e das tradições que eles mesmos haviam estabelecido. Eram hipócritas aparentando uma santidade que não tinham.

Os *Saduceus* eram uma seita ou um grupo de judeus presentes na Judéia desde o período do 2º templo, e surgiram por volta do século II AC. Alguns estudiosos afirmam que os Saduceus eram descendentes de Zadoque (em hebraico: Tsadoq, צדוק, que significa 'justo') um sacerdote descendente de Eleazar, filho de Arão e que oficiou como sacerdote nos tempos de Davi e Salomão. Seus membros eram considerados como a elite religiosa, social e econômica na Judéia; por isso, detinham o poder político no Sinédrio. Cumpriam várias funções políticas, sociais e religiosas, dentre as quais, a manutenção do Templo. Discordavam dos fariseus na questão da lei oral, a qual eles não aceitavam, negavam a ressurreição, anjos e espíritos.

Então, Jesus falou às multidões e aos Seus discípulos:

— Na cadeira de Moisés, se assentaram os escribas e fariseus. Fazei e guardai, pois, tudo quanto eles vos disserem, porém não os imiteis nas suas obras; porque dizem e não fazem. Atam fardos pesados [e difíceis de carregar] e os põem sobre os ombros dos homens; entretanto, eles mesmos nem com o dedo querem movê-los. Praticam, porém, todas as suas obras com o fim de serem vistos dos homens; pois alargam os seus filactérios *(pequenas caixas de couro com porções da palavra de Deus. Eram usadas*

pelos judeus que interpretavam, literalmente, a instrução de atar a palavra de Deus às mãos e às frontes) e alongam as suas franjas. Amam o primeiro lugar nos banquetes e as primeiras cadeiras nas sinagogas, as saudações nas praças e o serem chamados mestres pelos homens. Vós, porém, não sereis chamados mestres, porque um só é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos. A ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque só um é o vosso Pai, aquele que está nos céus. Nem sereis chamados guias, porque um só é vosso Guia, o Cristo. Mas o maior dentre vós será vosso servo. Quem a si mesmo se exaltar será humilhado; e quem a si mesmo se humilhar será exaltado.

De novo, lá vinha Ele falando de entrega, submissão, humilhação, revelando com Sua voz e com Seu sorriso cáustico a incredulidade dos líderes! Era inadmissível para eles que um rabi desconhecido, pobretão, sem posses ou fama estivesse ali, blasfemando e dizendo ser o Filho de Deus através das obras que fazia; 'seduzindo' o povo com Sua bondade e, ainda por cima, tendo a petulância de tocar nas suas feridas: orgulho, legalismo, hipocrisia e incredulidade. Ainda mais intolerável era Sua ousadia, Sua segurança e Sua ira controlada, revelada em Sua face dura, autoritária, determinada e no Seu sorriso frio de quem despreza o que é sujo. Eles, doutores da lei, respeitados até pelos romanos (pelo menos é o que pensavam, já que não se metiam nos negócios da sua religião), agora serem desacatados por esse 'profetinha' que, despudoradamente, lavava suas roupas sujas em público! Eles jamais poderiam entender a profundidade do que Jesus queria falar. Eles davam muito valor ao apadrinhamento, abusavam do seu poder e da sua posição de 'pais', mandavam e desmandavam desprezando a Deus, e agindo como se eles mesmos O fossem. Seu conhecimento orgulhoso os fazia se sentirem mestres importantes, detentores da sabedoria e do conhecimento das leis de Deus e dos homens. Era isso que mantinha seus egos autoconfiantes e orgulhosos pelos discípulos bajuladores que caíam em suas garras. O orgulho religioso e patriótico ainda ardia em seus corações, mas a covardia e a hipocrisia não os permitiam enfrentar cara a cara o inimigo comum: Roma; pelo contrário, preferiam deixar os mais humildes e desesperados serem seu escudo e seu bode expiatório, satisfazendo sua necessidade de derramar sangue inocente. Como Jesus podia chamá-los de irmãos daquela multidão mendiga e suja, pobre, burra, faminta e impotente? Os guias proliferavam naquela época ávida por um Messias, e qualquer profeta vestido de pêlo de camelo que aparecia no deserto era logo considerado um mensageiro do Altíssimo. Eram falsos profetas, enganadores inescrupulosos que vinham com doutrinas miraculosas para levar os mais desavisados a um falso reino de Deus. Suas palavras carregadas de malícia, engano, sedução e trevas faziam com que muitos se desviassem, pois tinham a aparência de luz. Por isso, João Batista fora morto quando veio pregar batismo de arrependimento e mostrar a ira vindoura sobre os pecadores, pois revelou, escancaradamente, sua podridão e chamando-os de raça de víboras. Herodes tinha acabado com ele e os fariseus lhe eram gratos por isso, mas... e esse agora! O que fariam com Ele? Ele não se calava? Mas Jesus sabia muito bem o que estava dizendo e fazendo. Era incrível como em alguns minutos, aquele homem doce e sensível que vimos no barco se transformava agora num pilar de força e determinação, buscando dentro de si uma voz clara que queimava como fogo e decepava como espada. Seu rosto mostrava um sorriso irônico, como que desprezando a mentira deslavada dos Seus adversários, como que enojado com a sua podridão moral com aparência de santidade, como que com raiva do orgulho e da dureza de coração que tentavam ser muralhas limitantes à liberação da verdade. Entretanto, poderia haver alguma coisa que O impedisse de falar? Sua ira não era uma ira insana e desenfreada ou fora de controle para dar vazão a alguma amargura antiga, e sim uma ira sobrenatural pelo pecado da irreverência contra as coisas do Pai. Jesus continuou:

— Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque fechais o reino dos céus diante dos homens; pois vós não entrais, nem deixais entrar os que estão entrando! [Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque devorais as casas das viúvas e, para o justificar, fazeis longas orações; por isso, sofrereis juízo muito mais severo!] Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque rodeais o mar e a terra para fazer um prosélito *(discípulo, seguidor);* e, uma vez feito, o tornais filho do inferno duas vezes mais do que vós! Ai de vós, guias cegos, que dizeis: Quem jurar pelo santuário, isso é nada; mas, se alguém jurar pelo ouro do santuário, fica obrigado pelo que jurou! Insensatos e cegos! Pois qual é maior: o ouro ou o santuário que santifica o ouro? E dizeis: Quem jurar pelo altar, isso é nada; quem, porém, jurar pela oferta que está sobre o altar fica obrigado pelo que jurou. Cegos! Pois qual é maior: a oferta ou o altar que santifica a oferta? Portanto, quem jurar pelo altar jura por ele e por tudo o que sobre ele está. Quem jurar pelo santuário jura por ele e jura por aquele que nele habita; e quem jurar pelo céu jura pelo trono de Deus e por aquele que no trono está sentado. Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da Lei: a justiça, a misericórdia e a fé; devíeis, porém, fazer estas coisas, sem omitir aquelas! Guias cegos que coais o mosquito e engolis o camelo.

Ele estava indo longe demais; estava revelando o que só eles conheciam em segredo do que acontecia dentro do templo. O altar era desprezado, o mais importante era o ouro e as ofertas que eram colocadas sobre ele, pois delas os sacerdotes viviam. Tinham o péssimo hábito de jurar por tudo, pois na verdade o nome de Deus parecia não ser suficiente para eles. Eles brigavam entre si para fazer um discípulo, pois isso os colocava em destaque diante dos colegas; dava-lhes uma aparência de sabedoria. Eram minuciosos no cumprimento da Lei. Moisés não tinha dito para dar o dízimo de tudo? Como vinha esse aí dizer o contrário? Suas mentes fechadas, sem o Espírito de Deus, não lhes permitia entender o *Espírito da Lei,* mas a letra a tornava dura e inflexível. Prestavam tanta atenção às minúcias e não percebiam as grandes mentiras que acatavam nos seus corações. E o que tinha Ele a ver se eles freqüentavam ou não a casa das viúvas?! Era Ele, porventura, suas esposas legais? Ele que não fosse meter o nariz onde não era chamado.

Jesus prosseguia:

— Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque limpais o exterior do copo e do prato, mas estes, por dentro, estão cheios de rapina e intemperança! Fariseu cego, limpa primeiro o interior do copo, para que também o seu exterior fique limpo! Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque sois semelhantes aos sepulcros caiados, que, por fora, se mostram belos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda imundícia. Assim também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas, por dentro, estais cheios de hipocrisia e iniqüidade. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque edificais os sepulcros dos profetas, adornais os túmulos dos justos e dizeis: Se tivéssemos vivido nos dias de nossos pais, não teríamos sido seus cúmplices no sangue dos profetas! Assim, contra vós mesmos, testificais que sois filhos dos que mataram os profetas. Enchei vós, pois, a medida de vossos pais. Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno? Por isso, eu vos envio profetas, sábios e escribas. A uns matareis e crucificareis; a outros açoitareis nas vossas sinagogas e perseguireis de cidade em cidade, para que sobre vós recaia todo o sangue justo derramado sobre a terra... Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre a presente geração.

Eles estavam sendo expostos diante de todos, como que dissecados como um animal qualquer para estudo de suas estruturas internas. Sim, sua lei era morta, seus comportamentos e atitudes eram hipócritas, cheios de aparência de equilíbrio e perfeição, pois era doloroso demais para eles serem rebaixados à condição de simples mortais pecadores como a multidão que ali estava. A lei os obrigava a tantas regras de higiene e purificação com os objetos e com a aparência exterior de seus corpos, mas não lhes tinha ensinado a ver dentro de si mesmos, dentro de sua própria alma. Eles não podiam entender como um simples Galileu tinha essa capacidade de revelar, em poucas palavras, o que existia dentro dos seus corações. E agora que Ele tinha posto tudo para fora, o que eles fariam com aquilo? Não sabiam como consertar. Viveriam com essa vergonha o resto de suas vidas? Se colocassem o orgulho por terra e Lhe pedissem ajuda, sairiam dali como bebês recém-nascidos. Entretanto, isso não lhes passou pela cabeça por um momento sequer. Pelo contrário, queriam eliminá-lO para que se calasse e parasse de dizer aquelas verdades doídas. Jesus jamais pararia como não pararam os profetas que vieram antes dele: Jeremias, Ezequiel, Isaías, Daniel, Sofonias, Zacarias, Miquéias e tantos outros, pobres desconhecidos. Muitos tinham sido mortos e perseguidos pelos do seu próprio povo, mas Este que ali estava era diferente; mais que um simples profeta, era o dono completo da 'Vinha'.

O tumulto se instalou. Aquilo que tinha começado como uma pregação gostosa e cheia da cura e do poder de Deus se transformou numa verdadeira guerra. Era tarde, quase seis horas da tarde. Jesus se levantou e, sem que a multidão percebesse, nos levou para o barco. No caminho ele dizia:

— Acautelai-vos do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia. Nada há encoberto que não venha a ser revelado; e oculto que não venha a ser conhecido. Porque tudo o que dissestes às ocultas será ouvido em plena luz; e o que dissestes aos ouvidos no interior da casa será proclamado dos eirados. Digo-vos, pois, amigos meus: não temais os que matam o corpo e, depois disso, nada mais podem fazer. Eu, porém, vos mostrarei a quem deveis temer; temei aquele que, depois de matar, tem poder para lançar no inferno. Sim, digo-vos, a esse deveis temer. Não se vendem cinco pardais por dois asses? Entretanto, nenhum deles está em esquecimento diante de Deus. Até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados. Não temais! Bem mais valeis do que muitos pardais. Digo-vos ainda: todo aquele que me confessar diante dos homens, também o Filho do Homem o confessará diante dos anjos de Deus; mas o que me negar diante dos homens será negado diante dos anjos de Deus. Todo aquele que proferir uma palavra

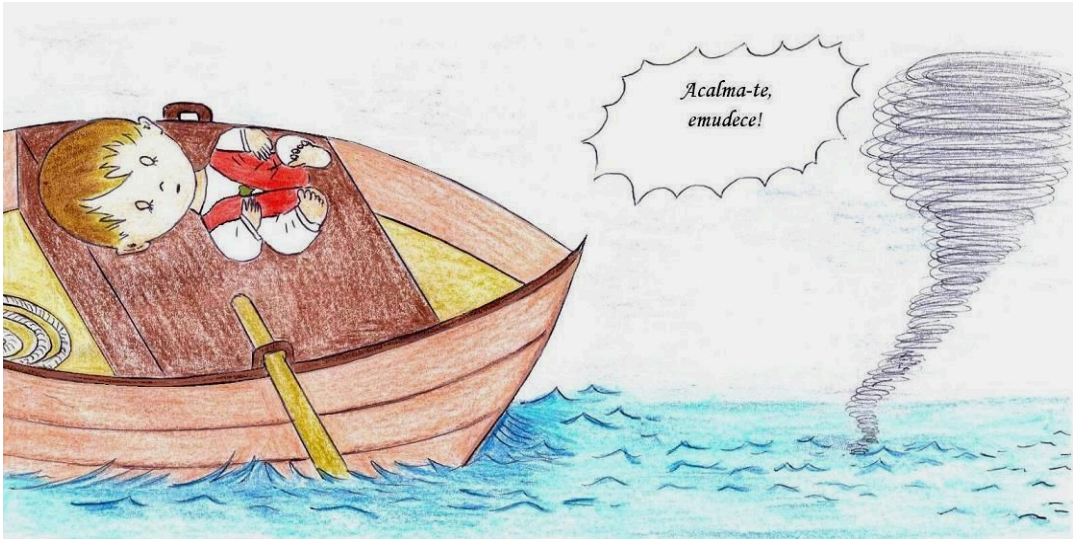
contra o Filho do Homem, isso lhe será perdoado; mas, para o que blasfemar contra o Espírito Santo, não haverá perdão. Quando vos levarem às sinagogas e perante os governadores e autoridades, não vos preocupeis como havereis de responder, pois eu vos darei boca e sabedoria a que não poderão resistir nem contradizer todos quantos se vos opuserem. Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui.

Já estávamos nos aproximando dos barcos e Jesus subiu novamente no de Pedro e se acomodou na popa. Todos nós subimos e olhamos para o céu. Nuvens espessas começavam a se formar; o céu escurecia, não só pelo avançado do dia, mas porque estava se formando um grande temporal. Aquele Mar da Galiléia, tantos metros abaixo do nível do mar e entre tantas cadeias de montanhas estava, freqüentemente, sujeito às intempéries. Porém, não como naquele dia. Parece que não só os fariseus estavam bravos com as recentes discussões. Como diziam os discípulos, o deus dos pagãos que controlava aquele lago também não havia gostado do que acontecia; mesmo porque Jesus disse a Pedro:

— Vamos para o outro lado.

O outro lado era Decápolis, um conjunto de dez cidades gregas, gentílicas, portanto, fora do controle judaico, a leste do Jordão, governadas por Roma. Seus nomes eram: Citópolis, Damasco, Canata, Rafana, Hippos, Diom, Filadélfia, Pela, Gerasa e Gadara. Era para esta última que estávamos rumando. Jesus teria perdido o juízo? Não era mais seguro dormir em terra? Rumar para terreno inimigo? Para os impuros?

Nós olhávamos Jesus e podíamos perceber Seu cansaço. Ele tinha lutado muito naquele dia. Seu semblante parecia triste, apesar das vitórias que tivera. Talvez, porque a dureza de coração e a rebeldia O entristecessem sempre. Talvez, porque visse muitas ovelhas famintas e dispersas como que sem pastor para guiá-las. Talvez, por muitos outros motivos. Tentamos consolá-lO. Ele nos deu um sorriso um pouco triste e cansado e soubemos que devíamos deixá-lO só. Em poucos minutos, Ele adormeceu no chão do barco.



Eu também fiquei quieta ali ao Seu lado, enquanto via os homens remando com força para levar a embarcação para o mar. O vento começou a soprar e com ele, grossos pingos de chuva começaram a cair tornando o convés escorregadio e brilhante. Em alguns minutos as ondas começaram a se arremessar com força contra o casco. As velas

já tinham se rompido e a proa do barco se elevava acima das águas. Não tínhamos onde nos segurar, a não ser nas beiradas dos bancos e nos ganchos que prendiam as redes e a âncora. Um movimento brusco atingia o barco de um lado para o outro; na verdade, uma atividade esportiva nada recomendada para os que sofrem de labirintite. Pedro, André e os demais que conosco estavam tentavam a todo custo manter o barco sem virar pela força dos remos, gritando ao barco de Tiago que estava a pouca distância para tomarem cuidado, pois estavam na mesma situação. Ela estava se tornando crítica até que alguém viu Jesus dormindo tranqüilamente no chão. Até parece que Ele sabia do que acontecia, mas tinha permitido que tudo chegasse até aquele ponto para dar mais uma lição aos Seus discípulos. Foi Pedro que o despertou:

— Mestre, não te importa que pereçamos?

Ele, despertando, repreendeu o vento e disse ao mar:

— Acalma-te, emudece!

O vento se aquietou, e fez-se grande bonança.

Então, lhes disse:

— Por que sois assim tímidos? Como é que não tendes fé?

E eles, possuídos de grande temor, diziam uns aos outros:

— Quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem?

Que experiência singular aquela! Um dia de tantos confrontos e emoções parecia ter deixado nossos nervos em frangalhos e Ele apenas nos dizia: "Por que sois tímidos?" Em outras palavras: "Onde está vossa coragem?" A resposta mais adequada àquela pergunta era o silêncio reverente de um adorador. Ele tinha feito mais um milagre diante dos nossos olhos, nos mostrando Seu poder sobre as forças da natureza, assim como sobre as nossas águas interiores muitas vezes revoltas pelas nuvens negras de encrenca que Satanás coloca em nossa vida para nos desorientar, naqueles momentos tão cheios de atividades em que deixamos Jesus dormindo. E aí, quando já é tarde, nós O cobramos de nos deixar perecer na nossa desgraça. Então, Ele, pacificamente, acorda e com uma simples ordem faz com que tudo se aquiete novamente. Será que foi por isso que nos perguntou sobre nossa coragem? Se Ele estava ali conosco, em silêncio, será que não estava querendo nos provar se tínhamos fé de dizer nós mesmos ao mar: "Acalma-te, emudece!"? Agora era fácil dizermos:

— Acalma-te, emudece!

Nós dissemos como se tivéssemos combinado; todos juntos, como um grande coral de vozes seguramente dirigidas por um regente experimentado. O regente à nossa frente aprovava a nossa 'ousadia' como quem diz: "Esperem! Vão ter mais experiências de coragem pela frente". Não deu muito tempo para fazermos comentários ou brincadeiras porque o fundo do barco tocava a terra. Os homens desceram para ancorá-lo e já podíamos ouvir os gritos com muita clareza. Estávamos nos contrafortes da região de Gadara, lugar onde os sepulcros eram construídos nas rochas. Ouvíamos os gritos que se assemelhavam a uivos de dor, de desespero, de ódio, de todas as emoções juntas, até que do nada surgiu um vulto nu correndo desesperadamente em direção a Jesus dizendo:

— Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Rogo-te que não me atormentes [Porque Jesus tinha dito ao espírito maligno: — Cala-te e sai deste homem].

Pela segunda vez Jesus falou com voz clara, alta e segura:

— Qual o teu nome?

— Legião, porque somos muitos. Rogamos-te que não nos mande para o abismo, mas para a manada de porcos.

— Ide!

Saíram dele entre três e seis mil demônios e entraram nos corpos da manada de porcos que ali estavam e que se precipitaram no despenhadeiro até se afogarem todos. O

homem que fora possesso pelos demônios estava jogado no chão parecendo sem vida, cheio de feridas causadas pelos cortes que ele mesmo fazia em seu corpo, movido pelos espíritos imundos, e pelas marcas das cadeias e grilhões que eram por ele despedaçadas quando os homens da cidade procuravam detê-lo. Os porqueiros, vendo o que acontecera, fugiram e foram anunciá-lo na cidade e pelos campos. Em breve, os cidadãos viriam para ver o que acontecera com a fonte de renda da região. Enquanto eles não chegavam, cuidamos do homem o melhor que podíamos. Assim, em perfeito juízo, curado, lavado, barbeado, vestido e agradecido foi encontrado conversando com Jesus ao redor da fogueira que já estava acesa. Os que viram os acontecimentos da libertação, ainda com medo trouxeram os outros, que também se encheram de terror pelo que estavam vendo. Mas alguns não estavam com terror; estavam desesperados e furiosos pela perda econômica. Por isso, nos expulsaram dali, em especial a Jesus. O ex-endemoninhado quis vir, porém, Jesus lhe disse:

— Volta para casa e conta aos teus tudo o que Deus fez por ti.

Então, foi ele anunciando por toda a cidade todas as coisas que Jesus lhe tinha feito.

Esse era Jesus! Curava, libertava, dava sustento e provisão e ainda entregava na mão do liberto um tremendo ministério de evangelismo para que a glória do Pai fosse manifesta entre os homens.

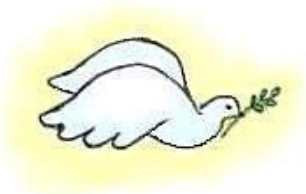
Corremos de volta ao barco, pois a população já descia a encosta.

Já era de madrugada e precisávamos descansar.

A lua ainda brilhava no céu, que depois da tempestade voltava a ser claro e estrelado. O mar estava calmo como um lago e não foi preciso muito tempo para que todos adormecessem. Agora, era a hora de dormirmos, mas... e Jesus? Será que Ele dormiu também? Não havíamos reparado; todavia, aquela sensação de conforto e paz nos fazia pensar que Ele ficara ali velando por nós. Ele, com certeza, aproveitaria aquelas horas que restavam para orar, para conversar com nosso *Aba Pai.*

4º Dia

Cafarnaum, outras cidades da Galiléia



Acordamos com o sol sobre nós e com o barulho das gaivotas. Jesus ainda estava dormindo. Deve ter pegado no sono após Sua costumeira oração com o Pai, mas logo acordou também. Todos nós parecíamos bem dispostos, apesar dos sustos e das grandes emoções do dia anterior. Tinha sobrado um pouco de pão e o comemos com algumas frutas. Apenas as tâmaras já estavam um pouco secas. Provavelmente, nosso café da manhã teria que esperar, pois já podíamos avistar a costumeira multidão nos esperando do outro lado da praia. Íamos ancorar novamente em Cafarnaum. Pedro disse:

— Senhor, não parece seu amigo Jairo, da sinagoga, aquele ali na frente? Parece bem aflito.

— Reme mais rápido, Pedro. Preciso vê-lo.

Mal o barco tocou na areia, Jesus pulou para a água. Era mesmo Jairo que O esperava. Suas vestes de chefe da sinagoga confirmavam sua posição de destaque, mas estavam um tanto amarrotadas como se não tivessem sido trocadas desde o dia anterior. Sua face de preocupação e angústia mostrava que tinha passado uma noite insone, provavelmente em oração por alguma causa importante. Ao ver Jesus prostrou-se aos Seus pés implorando:

— Minha filhinha está à morte; vem, impõe as mãos sobre ela, para que seja salva, e viverá.

— Acalme-se, Jairo. Vai ficar tudo bem.

Jesus foi com ele. Nós O seguimos correndo. A multidão O comprimia e se tornava difícil ficarmos totalmente juntos uns dos outros. Segurei a mão de um dos discípulos e nos mantivemos próximos a Jesus, perto o suficiente para O ouvirmos:

— Quem me tocou?

— Senhor, vês que a multidão te aperta e dizes: Quem me tocou?

— Quem me tocou? Porque de mim saiu poder.

Jairo O olhava aflito; tinha urgência. O que Jesus estava fazendo ali parado? Não demonstrava pressa alguma em sair daquele lugar. Olhava em redor pacientemente até que o responsável se denunciasse. Não sairia dali até conhecer a verdade.

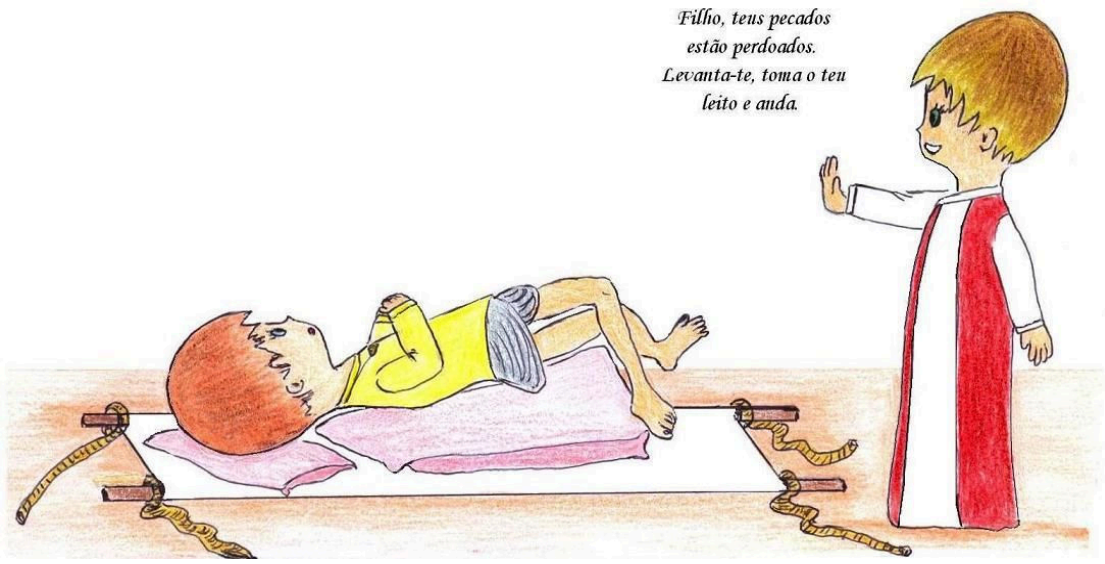
A multidão se calou. Nenhum ruído, nenhum comentário, nenhum som, nenhum riso.

De repente, uma mulher muito magra e pálida apareceu diante do Mestre. Era incrível como uma criatura daquela ainda andava e se movimentava! Ainda respirava. Sua aparência era tão frágil que poderia se quebrar até com um vento mais forte. Suas carnes tinham murchado há muito, suas veias eram vistas facilmente sob a pele e sua cor era de palha seca exposta ao sol há algum tempo. Algo mais chamava atenção nela: tremia de medo, como se tivesse sido pega em flagrante roubando alguém muito rico.

Prostrou-se aos pés de Jesus até que Ele a pegou pelos ombros e a fez sentar-se sobre os calcanhares. Olhou diretamente nos seus olhos e esperou até que ela tivesse coragem para falar. A multidão tinha se afastado e os dois estavam num pequeno círculo, isolado de todos ao redor, como que num lugar íntimo e quieto onde ninguém mais pudesse ouvir o que diziam. Jesus tinha essa capacidade de preservar a individualidade daqueles que curava, dando-lhes sempre total atenção, isolando-os dos demais para que se sentissem importantes e únicos para Ele. Aí, então, ela falou, a princípio num fio de voz, que depois foi aumentando até que todos os que a ouviam pudessem ter certeza do milagre que tinha sido conquistado ali:

— Senhor, há doze anos venho sofrendo de uma hemorragia. Muito padeci na mão de muitos médicos, mas nada puderam fazer por mim. Gastei tudo o que possuía, mas nada resolveu, pelo contrário, fui piorando a cada dia, pois me davam remédios errados que provocavam dores e muito mal-estar; ervas e ungüentos que não traziam nenhum bem e só me faziam sofrer. Tudo o que as vizinhas me diziam eu fazia, sem resultado. Eu já tinha desistido de tudo, inclusive de viver, até que ouvi falar de um Rabi que estava fazendo curas miraculosas em nosso meio. Eu estava bem no meio da multidão quando o Senhor veio pela última vez e se sentou em Sua casa para ensinar. Vi quando Sua mãe e Seus irmãos, do lado de fora mandaram chamá-lO e o Senhor respondeu: – *"Quem são minha mãe e meus irmãos? A minha família são os que fazem a vontade do meu Pai"...*

... Vi também quando curou aquele jovem paralítico cujos amigos fizeram chegar à Sua presença através do telhado. Ouvi Sua voz de poder recuperando o homem e quando, alegremente, ele saiu com seu leito na mão no meio da multidão, com o sorriso e a leveza de quem foi perdoado de um grande pecado. Eu tentei me aproximar, mas você saiu por causa da gritaria dos fariseus, tentando confrontá-lO...



... Mas aqui estou porque soube que você viria. E disse para mim mesma: "Se eu apenas lhe tocar as vestes, estarei curada". Fui eu quem O tocou e estou sã.

Ela agora já não aparentava medo, porém, uma força e uma determinação que não experimentava há muito tempo. E seus lábios mostravam o sorriso de um vencedor. Ela vencera muitas barreiras para chegar até ali. Primeiro, a fraqueza física para poder levantar da cama onde estava, quase que diariamente; depois, as vozes invejosas, maliciosas e incrédulas daqueles que não queriam o seu bem e tentavam fazer com que desistisse. Em seguida, teve que caminhar até a praia, enfrentar a multidão que parecia uma barreira intransponível até o seu milagre e, por último, a vergonha e a timidez de tocar em alguém que nem a conhecia e que ela não sabia como reagiria. Só que, agora, ela sabia o que Ele era capaz de fazer. Ele lhe devolvera a vida e a alegria de viver, sem ter lhe cobrado nada e nem a repreendia por sua ousadia; pelo contrário, parecia orgulhoso dela. Ele também ajoelhava ao seu lado sobre um dos joelhos e a abraçava, compadecido, como se compreendesse o quanto tinha sido difícil para ela fazer o que fez. Então, ela ouviu Sua voz:

— Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz e fica livre do teu mal.

Todos a olhavam de maneira diferente, não mais com desprezo, e sim com respeito e admiração pela sua coragem. Ela, que sempre tinha sido ignorada e insignificante, se transformara num exemplo de fé e determinação. Jesus a tinha elevado diante daquela multidão inteira e ela se sentia a pessoa mais importante do mundo. Tinha valido a pena todo o seu empenho! Ela estava curada e honrada.

Ele falava ainda quando chegaram alguns da casa de Jairo dizendo:

— Tua filha está morta, não incomodes mais o Mestre.

Jesus, ouvindo isso disse:

— Não temas, crê somente, e ela será salva.

Jairo estava pálido e estático naquele lugar. Já não havia pressa alguma. Todavia, Jesus o puxou pela manga e o fez caminhar. Ao chegar à casa dele, já se podia ouvir os gritos e os choros das carpideiras. Jesus chamou junto a si Pedro, Tiago e João e, com uma voz brusca e um gesto impaciente, despediu dali aquelas 'profissionais do choro', pagas para fazer o que sequer lhes importava. Por que estavam chorando a morte, quando lá dentro havia vida? Apenas Jesus, Pedro, João, Tiago, Jairo e a mãe da menina

entraram no quarto dela. Era uma menina de doze anos, pálida e com rostinho angelical. Parecia estar dormindo tranqüilamente. Jesus tinha dito:

— Ela não está morta, mas dorme.

Ele não se importou com o riso cínico dos curiosos que gostariam de vê-lO passar ridículo. Jesus deixou que sua inveja ficasse com eles mesmos; não se importou com ela. Pelo contrário, olhou para Jairo e lhe restaurou a esperança e a fé.

Diante dos olhos dos pais aflitos Ele disse com voz segura e suave:

— Talita cumi! Menina levanta-te!

Voltou-lhe o espírito, ela imediatamente se levantou, e Ele mandou que lhe dessem de comer. Seus pais ficaram maravilhados, porém, Ele lhes advertiu que a ninguém contassem o que havia acontecido. De novo, a mesma advertência. Mas quem poderia não ficar sabendo, se as evidências mostravam o contrário? A notícia correu rápida. As mulheres que estavam ali já preparando um funeral saíram para contar à cidade inteira o que tinha acontecido. A menina tinha doze anos, entretanto, parecia mais jovem. Seu corpinho frágil se aninhava, agora, nos braços de Jesus e ela beijava Seu rosto com alegria e gratidão. A mãe tinha saído à cozinha para lhe preparar comida, e Jairo permanecia mudo ali ao lado com os braços erguidos ao céu numa prece silenciosa a Deus pelo seu tesouro que havia sido restituído. Ele jamais se esqueceria daquele dia. Os discípulos estavam lá na sala contando o que tinham visto e alguns deles começaram a entoar louvores de júbilo e celebração. Em poucos minutos, a casa estava em festa. Jesus recebia os beijos da garotinha de bom grado, pois amava as crianças e sempre se comprazia da sua alegria espontânea. Também se sentia grato ao Pai por ter ouvido Suas preces e honrado Seu Filho diante dos homens.

A esposa de Jairo insistia que ficássemos, mas Jesus disse que precisava ir, pois havia muita coisa a ser feita ainda naquele dia; Ele voltaria em outro dia para uma refeição.

Era tempo de sairmos e Jesus nos levou para um lugar retirado; tinha algo importante a nos falar. Nós já havíamos notado o Seu rosto preocupado todas as vezes que pregava muitas horas seguidas para as multidões. Ele ficava em silêncio, como que contrariado com o que via, talvez desejando algo. Agora, sentado diante de nós, Ele falou:

— São como ovelhas que não têm pastor. A seara, na verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara. Eu vos dou autoridade sobre espíritos imundos, para os expelir, e para curar toda sorte de doenças e enfermidades. Não tomeis rumo aos gentios, nem entreis em cidades de samaritanos; mas, de preferência, procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel; e, à medida que seguirdes, pregai que está próximo o reino dos céus. Curai enfermos, ressuscitai mortos, purificai leprosos, expeli demônios; de graça recebestes, de graça dai. Não vos provereis de ouro, nem de prata, nem de cobre nos vossos cintos; nem de alforje para o caminho, nem de duas túnicas; porque digno é o trabalhador do seu salário. Levai o bordão e calçai as sandálias. Em qualquer povoado ou cidade em que entrardes, indagai quem neles é digno; e aí ficai até vos retirardes. Ao entrardes na casa, saudai-a; se ali houver um filho da paz, repousará sobre ele a vossa paz. Se não o for, ela retornará para vós outros. Se alguém não vos receber, nem ouvir as vossas palavras, ao sairdes daquela casa ou daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés. Em verdade vos digo que menos rigor haverá para Sodoma e Gomorra, no Dia do juízo, do que para aquela cidade. Eu vos envio como ovelhas para o meio dos lobos; sede, portanto, prudentes como as serpentes e símplices como as pombas. Não vos preocupeis com o que haveis de responder. Eu vos darei boca e sabedoria, a que não poderão resistir nem contradizer todos quantos se vos opuserem. Não sois vós que falais, mas o Espírito de vosso Pai é quem fala em vós. Nos últimos tempos o amor se esfriará de quase todos. Sereis odiados por causa do meu nome; aquele, porém, que perseverar até o fim será salvo. O discípulo não está acima do seu mestre, nem o servo acima do seu senhor. Basta ao discípulo ser como o seu mestre, e ao servo como seu senhor. Se me rejeitaram a mim, rejeitarão a vós outros. Se me aceitaram a mim, aceitarão a vós outros. Aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante do meu Pai; mas o que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante do meu Pai que está nos céus. Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim, e quem não toma sua cruz e vem após mim não é digno de mim. Quem acha a sua vida perdê-la-á; quem, porém, perde a vida por minha causa achá-la-á. Quem vos recebe, a mim me recebe; e quem me recebe, recebe aquele que me enviou. Quem recebe um profeta, no caráter de profeta, receberá o galardão de profeta; quem recebe um justo, no caráter de justo, receberá o galardão de justo. E quem der a beber, ainda que seja um copo de água fria a um pequenino [por ser este meu discípulo], em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão. Quem não renuncia a tudo o que tem não pode ser meu discípulo.

Então, Pedro começou a dizer-Lhe:

— Eis que nós tudo deixamos e te seguimos.

Tornou Jesus:

— Em verdade, em verdade vos digo que ninguém há que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou mãe, ou pai, ou mulher, ou filhos, ou campos por amor de mim e por amor do evangelho, que não receba, já no presente, o cêntuplo de casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, e no futuro, a vida eterna. Porém, os primeiros serão os últimos; e os últimos, os primeiros. Vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas tribulações. Em verdade vos digo que vós, os que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel.

O Senhor já nos tinha dado a maioria daquelas ordens antes, entretanto, Ele as repetia novamente para que ficassem gravadas dentro de nós. Ele nos abençoou, impôs

as mãos sobre nós e nos autorizou a ir, de dois em dois, enquanto Ele iria sozinho pregar em outras cidades. João e Tiago me convidaram e fui com eles.

Se não fosse a segurança de Jesus no nosso coração não poderíamos sair dali, pois todos nós estávamos acostumados a segui-lO e vê-lO realizar os milagres, mas agora era diferente. Estávamos sendo comissionados por Ele para, em Seu nome, realizar os mesmos milagres que já O tínhamos visto realizar. Seu Espírito estava dentro de nós. Sua palavra era viva no nosso coração.

Começamos a caminhar e deixamos que Tiago escolhesse o caminho. Ele rumava na direção do norte da Galiléia.

— Ora, Tiago, justo para lá? Tão longe?

— Que é isso, João, está com medo agora?

— Não, mas devemos ter cuidado. O Senhor nos orientou a procurar as ovelhas perdidas da casa de Israel.

— E quem disse que não há judeus perdidos aqui, judeus fiéis que ainda procuram o culto verdadeiro ao Senhor?

— Ei, olhem lá! Vem vindo gente!

— Shalom!

— Shalom!

— São seguidores do Nazareno?

— Sim, somos, e quem são vocês?

— Meu nome é Isaque ben Salomão. Sou neto de sacerdote e há muito tempo eu gostaria de conhecer seu Mestre. Muitos aqui já viajaram para Cafarnaum e foram curados por Ele. Venham até minha casa e fiquem quanto tempo for necessário. Meus amigos estão ansiosos por ouvi-los. Venham, venham.

Rumamos para a casa de Isaque e fomos recebidos por sua mulher Rute e seus cinco filhos: Samuel, Davi, Raquel, Eliseu e Rebeca; crianças lindas e maravilhosas, falantes e receptivas. Os mais velhos nos deram água para nos refrescarmos da jornada e, logo, Rute trouxe a refeição. Mas Isaque tinha outro tipo de fome e sede.

— Quem é vosso Mestre?

— É o Messias esperado por nosso povo. É o Filho do Deus vivo que veio para operar milagres entre nós e para cumprir a lei de Moisés; para nos mostrar a ter intimidade com Deus e nos ensinar a chamá-lo de Pai. Tudo o que Ele faz, diz que é o Pai que faz através dEle. Ele veio nos mostrar que os dois mandamentos mais importantes são o amor a Deus e ao nosso próximo. Por isso, Ele faz tantos milagres; porque a força do amor do Pai age por meio dEle.

— Se é assim, vou chamar os vizinhos. Eles não ouvem coisas tão boas há muito tempo. Eu mesmo preciso pedir perdão a Deus pelos meus pecados. Meu avô era sacerdote. Nós somos da tribo de Levi, mas meu fogo foi esfriando e não consigo mais realizar meus ofícios sacerdotais. Sinto-me seco, sem vida, e agora vivo dos frutos da minha pequena colheita de uvas e trigo. Por favor, me alimentem. Rute! Chame a todos e reúna-os no jardim. Diga-lhes que temos hóspedes importantes. Chame também Guimel, o jovenzinho surdo. Diga que hoje é o seu dia de milagre.

A rechonchuda e amável Rute saiu velozmente, o quanto seu corpo permitia, e foi chamar os conhecidos. Em alguns minutos o jardim e todas as dependências da casa ficaram cheios. Alguns se posicionavam atrás, também ávidos e sedentos por palavras de cura. As crianças, igualmente, tinham seus amiguinhos e rapidamente a sala e as dependências da casa ficaram cheias de gritinhos alegres e curiosos.

Tiago, João e eu sentamos. Não sabíamos o que dizer, mas, como que instantaneamente, o Espírito de Deus nos encheu com tal fogo que de nossa boca começaram a sair palavras que se dirigiam a cada um ali em especial atingindo os corações e transformando rostos tristes e desesperançados em rostos de seres humanos dignos e respeitados, capazes e prontos para a vida. Alguns velhinhos se levantavam como jovens, largando as muletas e as bengalas e ensaiavam alguns passos de dança. Um deles começou a profetizar e todo o povo se lembrou dos tempos que Saul profetizou na casa dos profetas. O jovem Guimel, surdo de nascença, explodiu numa grande gargalhada quando descobriu o que era ouvir e seu amigo Zedequias, que sem motivo algum tinha ficado mudo, desatou a língua e começou a falar com o companheiro. Muitas criancinhas aleijadas de nascença começavam a esticar e a engrossar as perninhas e a querer pular do colo das mães que, espantadas, as colocavam no chão. Os que estavam tristes e deprimidos há muito tempo descobriram que havia um motivo para viverem: um homem chamado Jesus. Isaque exultava, pois começava a

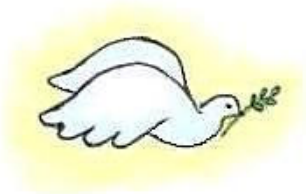
sentir novamente no coração a chama do seu chamado e o amor por Deus. Só que, agora, era diferente; ele não realizaria mais um ritual vazio, sem sentido e sem vida; dali para frente seria um discípulo, um seguidor do Nazareno. Sua mulher acabava de descobrir seu ministério evangelístico e as vizinhas já estavam planejando fundar uma associação de assistência aos necessitados. Seus filhos pequenos começavam a desenhar a imagem de Jesus num pergaminho e os milagres que Ele fazia, e diziam que iriam levar para a sinagoga para o Rabino ver. Os vizinhos também foram abençoados e curados de todas as doenças e enfermidades. Os endemoninhados já não existiam. Não sabiam como tinham sido libertos. Não tinham sentido nada, não viram os demônios saírem gritando como de costume, nem foram lançados ao chão. Apenas sentiram que a Palavra veio forte como que os libertando de grilhões e cadeias, mostrando dentro deles uma nova luz.

Nossa estadia ali durou até o dia seguinte, quando nos prepararam um delicioso desjejum e nos abençoaram, deixando-nos partir.

Tínhamos muito a contar a Jesus e aos outros.

5º Dia

Betsaida, uma noite no barco



Voltamos na hora do almoço e Jesus já estava nos esperando, sentado sobre uma pedra. Chegamos quase juntos e a alegria tomava conta do semblante de todos nós. Queríamos falar ao mesmo tempo e contar as experiências que tínhamos vivido. Então, Jesus nos aquietou e pediu para que cada dupla falasse e testemunhasse, uma de cada vez, para que pudéssemos aproveitar os ensinamentos e os aprendizados que tivemos.

A frase era a mesma na boca de todos os discípulos:

— Senhor, os próprios demônios se nos submetem pelo teu nome!

— Eu via Satanás caindo do céu como um relâmpago. Eis aí vos dei autoridade sobre serpentes e escorpiões e sobre todo o poder do inimigo, e nada, absolutamente, vos causará dano. Não obstante, alegrai-vos, não porque os espíritos se vos submetem, e sim porque o vosso nome está arrolado nos céus.

Naquela hora, exultou Jesus no Espírito Santo e exclamou:

— Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém sabe quem é o Filho, senão o Pai; e também ninguém sabe quem é o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar. Bem-aventurados os olhos que vêem as coisas que vós vedes. Pois eu vos afirmo que muitos profetas e reis quiseram ver o que vedes e não viram; e ouvir o que ouvis e não ouviram. Vinde, agora, repousar num lugar deserto!

Pedro tomou a dianteira e foi preparando o barco. Jesus subiu e se as velas se desfraldaram. Os homens estavam planejando ancorar em uma baía sossegada, onde pudéssemos comer algo e conversar sobre amenidades. De repente, André gritou:

— Que é aquilo?

— Aquilo se chama multidão, irmãozinho. Ah, Senhor, de novo?!

— Rume para lá, Simão.

— Mas não íamos descansar num lugar deserto?

— Eles estão famintos da Palavra.

Viramos o leme e ancoramos próximo a Betsaida. Betsaida, em aramaico, *beth çcaydâ*, significa: *casa de pesca*. Outro termo usado é *beth çayyadhâ, casa de pescadores.* Havia relva naquele lugar e a multidão se acomodou como pôde; nós também, ao lado de Jesus. Então Ele começou a falar:

— Vede, não desprezeis a qualquer desses pequeninos (Ele se referia às crianças que corriam na Sua frente); porque eu vos afirmo que os seus anjos nos céus vêem incessantemente a face de meu Pai celeste. Assim, pois, não é da vontade de vosso Pai celeste que pereça um só destes pequeninos. Se não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus. Portanto, aquele que se humilhar como esta criança, esse é o maior no reino dos céus. E quem receber uma criança, tal como esta, em meu nome, a mim me recebe.

Ele tinha colocado uma criancinha pequenininha no colo e ela parecia se deliciar com a idéia. Enquanto Ele falava, ela puxava Sua barba e Lhe fazia cócegas no pescoço com seus dedinhos fininhos. Ele também parecia gostar do que via e sentia. Ele se sentia muito à vontade perto das crianças. Aonde Ele chegava, elas vinham ao Seu encontro e Ele perdia tempo com elas, abençoando-as e beijando-as. Seu rosto mostrava a alegria pela ingenuidade e pela espontaneidade do que estava diante de si.

— Porque o Filho do Homem veio salvar o que estava perdido. Que vos parece? Se um homem tiver cem ovelhas, e uma delas se extraviar, não deixará ele nos montes as noventa e nove, indo procurar a que se extraviou? E, se porventura a encontra, em verdade vos digo que maior prazer sentirá por causa desta do que pelas noventa e nove que não se extraviaram. Digo-vos que, assim, haverá maior júbilo no céu por um

pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento...

— Certo homem tinha dois filhos; o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte dos bens que me cabe. E ele lhes repartiu os haveres. Passados não muitos dias, o filho mais moço, ajuntando tudo o que era seu, partiu para uma terra distante e lá dissipou todos os seus bens, vivendo dissolutamente. Depois de ter consumido tudo, sobreveio àquele país uma grande fome, e ele começou a passar necessidade. Então, ele se agregou a um dos cidadãos daquela terra, e este o mandou para os seus campos a guardar porcos. Ali, desejava ele fartar-se das alfarrobas *[vagens de alfarrobeiras, que são árvores da família das leguminosas, cujo fruto é uma vagem de polpa doce, muito usada para tratar infecções intestinais nos lactentes e cuja madeira vermelha e dura é usada em marcenaria]* que os porcos comiam; mas ninguém lhe dava nada. Então, caindo em si, disse: Quantos trabalhadores de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui morro de fome! Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai, e lhe direi: pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus trabalhadores. E, levantando-se, foi para seu pai. Vinha ele ainda longe, quando seu pai o avistou, e, compadecido dele, correndo, o abraçou, e beijou. E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho. O pai, porém, disse aos seus servos: Trazei depressa a melhor roupa, vesti-o, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés; trazei também e matai o novilho cevado. Comamos e regozijemo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado. E começaram a regozijar-se. Ora, o filho mais velho estivera no campo; e, quando voltava, ao aproximar-se da casa, ouviu a música e as danças. Chamou um dos criados e perguntou-lhe que era aquilo. E ele informou: Veio teu irmão, e teu pai mandou matar o novilho cevado, porque o recuperou com saúde. Ele se indignou e não queria entrar; saindo, porém, o pai, procurava conciliá-lo. Mas ele respondeu a seu pai: Há tantos anos que te sirvo sem jamais transgredir uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito sequer para alegrar-me com meus amigos; vindo, porém, esse teu filho, que desperdiçou os teus bens com meretrizes, tu mandaste matar para ele o novilho cevado. Então, lhe respondeu o pai: Meu filho, tu sempre estás comigo; tudo o que é meu é teu. Entretanto, era preciso que nos regozijássemos e nos alegrássemos, porque este teu irmão estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado.

... Se teu irmão pecar [contra ti], vai argüi-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão. Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça. E, se ele não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano. Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra terá sido ligado nos céus, e tudo o que desligardes na terra terá sido desligado nos céus. Em verdade também vos digo que, se dois dentre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que porventura pedirem, ser-lhes-á concedida por meu Pai, que está nos céus. Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles. Se, por sete vezes no dia, teu irmão pecar contra ti e, sete vezes, vier ter contigo, dizendo: Estou arrependido, perdoa-lhe. Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta amoreira: Arranca-te e transplanta-te no mar; e ela vos obedecerá.

... Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, pois eu vos digo que muitos procurarão entrar e não poderão. Largo é o caminho que leva à perdição, e são muitos os que entram por ele, porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ele.

Ao cair da tarde os discípulos disseram:

— Senhor, já é avançada a hora e o lugar é deserto. Despede a multidão para que, passando pelos campos e pelas aldeias, comprem para si o que comer.

— Dai-lhes vós mesmos de comer.

— Não bastariam duzentos denários de pão para alimentá-los.

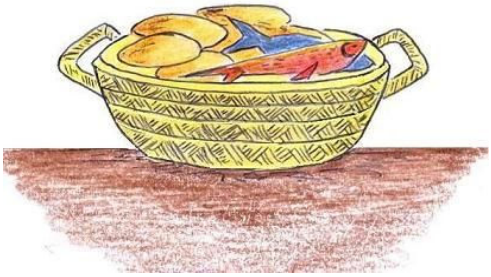
— Filipe, o que temos conosco?

— Nós não temos nada conosco, eu acho.

— Temos, sim, cinco pães e dois peixes.

— De onde veio isto, André?

— Um garoto mos trouxe.



— Pedro, João, Tiago, vocês todos, façam com que sentem em grupos de cinqüenta sobre a relva... “Aba, Pai, eu te entrego este alimento para que tu o abençoes e lhes mostres o teu poder”.

Ele começou a partir os pães que estavam no cesto à Sua frente e os discípulos começaram a distribuí-los. Parecia incrível, mas os cinco mil homens que ali estavam, fora mulheres e crianças, estavam comendo e se fartando. Quando terminaram, os discípulos recolheram doze cestos cheios de pães e peixes que sobraram. Jesus já tinha se levantado e agora caminhava entre a multidão, completando o milagre que fizera, tocando os que estavam doentes e enfermos. Ele curava a todos. Virou-se para Pedro e disse:

— Vão indo para o barco. Vou despedir eu mesmo a multidão. Depois subirei ao monte para orar sozinho. Dirija o barco para a outra margem do lago.

— Sim, Mestre. Vamos, irmãos!

Saímos em direção ao barco, levando os cestos, pois agora era a nossa vez de comer. André desfraldou a vela e os outros barcos fizeram o mesmo. João gritou:

— Simão, não seria melhor ficarmos ancorados? O vento parece contrário e o céu está ficando cheio de nuvens.

— O Mestre mandou seguir.

A noite caía e as nuvens começavam a se formar no céu. O vento açoitava as velas e as ondas fortes balançavam o barco. Mesmo assim, os homens remavam e já estávamos a muita distância da terra, quase quatro quilômetros mar adentro. Onde estava Jesus que não vinha? Pelo que parecia, íamos passar mais uma noite no barco e com emoções arrepiantes de novo. Todos esperávamos não se repetir o mesmo temporal que enfrentáramos indo para Gadara. Ele não se repetiu, mas já tínhamos perdido a noção da hora, pois estávamos preocupados com Jesus.

— Ele sabe o que faz, logo teremos notícias.

— É! Vai ver que já está nos esperando do outro lado.

— Que horas são?

— Não sei. Só sei que estamos remando há muito tempo e meus braços doem.

— Olhem! O que é aquilo vindo em nossa direção?

— Parece um fantasma. É todo brilhante.

— Fiquem quietos, não gritem.

— Socorro!

— Parem de gritar vocês todos, já disse.

— Pois grite você também, Pedro, o destemido.

— Tende bom ânimo! Sou eu, não temais!

— É Jesus!

— Se és tu, Senhor, manda-me ir ter contigo, por sobre as águas.

— Vem!

E Pedro, descendo do barco, andou por sobre as águas e foi ter com Jesus. Era por volta da quarta vigília da noite, entre três e seis horas da madrugada. Reparando, porém, na força do vento, teve medo; e, começando a submergir, gritou:

— Salva-me, Senhor!

E, prontamente, Jesus, estendendo a mão, tomou-o e lhe disse:

— Homem de pequena fé, por que duvidaste?

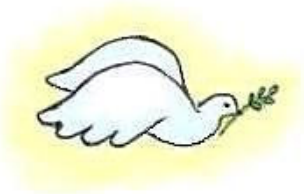
Subindo ambos para o barco, cessou o vento.

— Mestre, és verdadeiramente o Filho de Deus!

— Agora, meus filhos, descansem. Ainda temos algumas horas antes de nascer o sol.

6º Dia

Volta para Betsaida, Naim, passagem pela Galiléia e Samaria,
a chegada à Transjordânia no final da tarde



Poucas horas depois o sol despontou. O céu estava novamente claro, o mar calmo, a brisa morna e suave e as gaivotas sobrevoavam o barco nos indicando que estávamos próximos a terra firme. Tínhamos voltado a Betsaida. Ancoramos na praia, os homens pularam para a água para prenderem a embarcação e Jesus se espreguiçou gostosamente após a curta noite de sono. Sorriu para nós e disse:

— Bom dia, meus filhos. Que tal um gostoso peixe assado na brasa? É melhor comermos, pois o dia pode ser cheio. Viajaremos a pé por um bom pedaço.

— Senhor, você sabe que fico enjoado em terra firme.

— Boa piada, Simão. Estou feliz que está de bom humor hoje.

— Homens, ao trabalho! Judas Iscariotes! Largue a bolsa por um instante e faça algo útil, como limpar peixe. Tiago, o menor, o ajudará nisso. Não se preocupe, ninguém vai roubar seu tesouro, aliás, do Mestre.

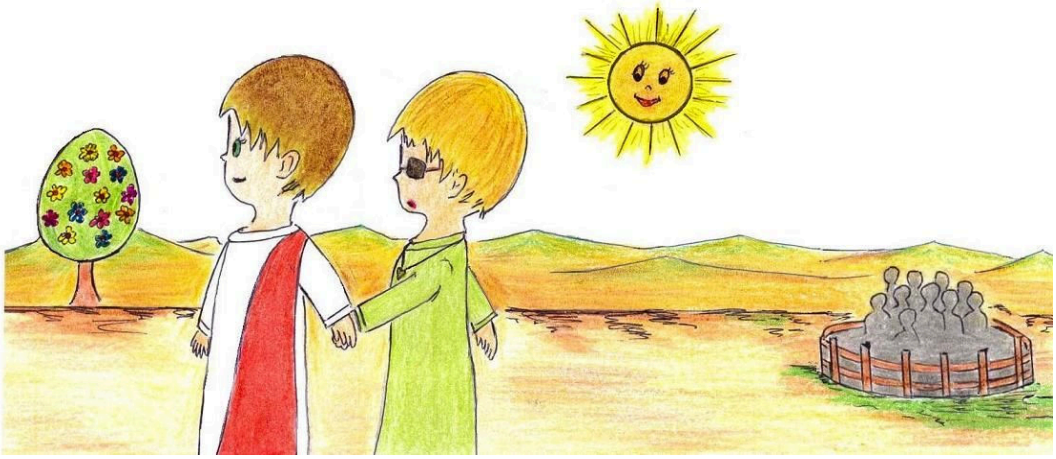
— Eu fui treinado para coisas mais eruditas.

— Eu sei, 'Rabi', mas estou mandando. Vamos!

Enquanto os discípulos preparavam a refeição, Jesus sentou à minha frente e me olhou. Havia naqueles dias algo no meu coração e Ele sabia como tratar. Então, me disse:

— Não temas, crê somente, e verás a glória de Deus. Nada é impossível ao que crê. Tu verás muito mais hoje.

Quando terminamos de comer, caminhamos em direção a Betsaida. Ao chegarmos à cidade, alguns homens trouxeram a Jesus um cego rogando-Lhe que o tocasse. Era um jovem magro, de boa aparência e temperamento amável. Todos pareciam estar muito preocupados com ele.



Jesus, então, o tomou pela mão e, para espanto de todos, levou-o para fora da aldeia. Parecia querer ficar a sós com ele. Nós o observávamos à distância. Então o Mestre fez algo que a muitos escandalizou. Nós, Seus discípulos, já estávamos acostumados com Sua maneira 'criativa' de resolver as coisas, nunca se repetindo nas suas curas. Mas aquilo era realmente diferente! Ele cuspiu em Sua mão e aplicou saliva aos olhos do moço, impondo-lhe as mãos:

— Filho, vês alguma coisa?

— Vejo os homens, porque como árvores os vejo, andando.

Novamente Jesus lhe pôs as mãos nos olhos e então o moço passou a ver claramente e ficou restabelecido, enxergando tudo perfeitamente.

— Vai para tua casa, filho, mas não entres na aldeia.

O Senhor não voltou a Betsaida, mas nos chamou com um gesto de mão, pois tinha intenção de ir para Naim. Nós O seguimos, porém, foi difícil esconder a curiosidade de todos:

— Senhor, por que lhe aplicou saliva aos olhos, por que duas vezes impôs as mãos sobre ele e por que o mandou não retornar à aldeia?

— Eu queria que ele visse o poder da minha palavra sobre a sua visão. A causa principal da sua cegueira não era física, e sim espiritual. Seu discernimento interior estava embotado pelas influências ruins daquele lugar, onde a obstinação e a incredulidade impedem os olhos e os corações de crerem no Filho do Homem. As duas etapas lhe proporcionaram recuperar tanto a visão física como a espiritual e lhe mostraram que, muitas vezes, o processo de cura é gradual. Sua visão estava deformada pela visão contaminada dos pecadores. Eu lhe devolvi a minha visão, mas ele precisa estar só por um tempo, longe do pecado, para se fortalecer e caminhar novamente com o Pai.

Caminhamos para o sudoeste, contornando Cafarnaum, Magadã e Tiberíades, subindo um pouco as montanhas até o sul de Nazaré para uma cidade chamada Naim. *Na'ïm*, no hebraico, significa: *agradável;* talvez, pelo clima temperado daquela região. Ao nos aproximarmos da cidade, notamos que já não estávamos sozinhos; uma multidão nos acompanhava. Há quanto tempo ela nos seguia? Não tínhamos percebido, mas ela estava lá, curiosa para ver o que o Senhor realizaria naquele lugar.

Ao nos aproximarmos da porta da cidade, eis que saía o enterro do filho único de uma viúva, seguido por muitos cidadãos locais. Os que estavam ao nosso lado diziam:

— Pobre mulher! Era seu filho único. Ele a sustentava e cuidava dela. Sempre foi um bom filho.

— Era meu amigo também. Eu não consigo parar de chorar. Por que ele morreu tão jovem?

— Ninguém sabe, foi de repente.

— Como ela vai ficar agora?

— Quem vai cuidar dela? Eles não têm mais nenhum parente.

Vendo-a, o Senhor se compadeceu dela e lhe disse:

— Não chores.

Tocando o esquife e parando os que o conduziam, disse:

— Jovem, eu te mando: levanta-te!

Sentou-se o que estivera morto e passou a falar; e Jesus o restituiu à sua mãe.

Todos ficaram possuídos de temor e glorificavam a Deus dizendo:

— Grande profeta se levantou entre nós.

— Deus visitou o Seu povo.

Alguém saiu correndo para contar aos outros cidadãos o que tinha acontecido. A mãe se prostrou aos pés de Jesus e O adorou. O Senhor a levantou e a tomou nos braços, pois ela precisava se acalmar, não parava de soluçar. Até o filho desceu do esquife para consolá-la. Jesus compreendia o que ela sentia, mas sua perda tinha se transformado em restituição; sua tristeza tinha se transformado em alegria, sua desesperança, em fé. Não era só com ela que estava acontecendo tudo aquilo. Conosco também. Nossos corações e nossos olhos estavam sendo abertos.

— Vai em paz, tua fé te salvou!

Olhamos para Tomé e começamos a rir. Ele também tinha levado um choque. Ele estava pálido como cera derretida e levamos um tempo abanando-o para recuperar o fôlego. Todos nós éramos 'Tomés' também. Jesus sempre nos surpreendia. Ele sorriu e disse:

— Vamos embora.

Mateus objetou:

— Senhor, vai começar a festa; que pena não podermos ficar para um lanchinho rápido!

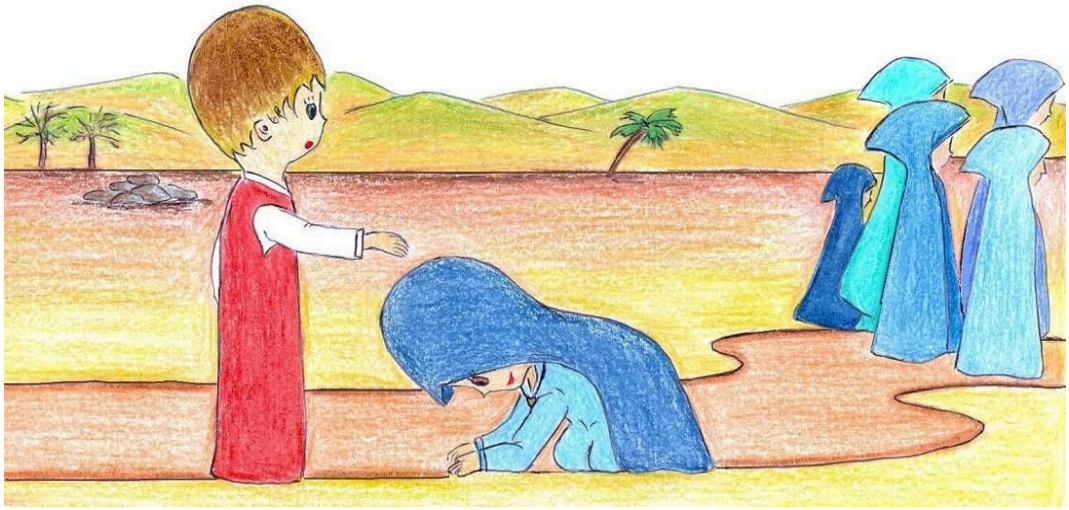
Jesus não ouviu o comentário, mas já caminhava longe e tivemos que correr para acompanhá-lO.

Saindo de Naim começamos a nos dirigir mais para o sul, entrando na região de Samaria. Entretanto, próximo à fronteira, em uma aldeia pequena, o Senhor parou. Saíram ao Seu encontro dez leprosos, que ficaram de longe e gritaram:

— Jesus, Mestre, compadece-te de nós!

Ao vê-los, disse-lhes Jesus:

— Ide, mostrai-vos aos sacerdotes.



Triste figura a daqueles leprosos, sempre longe do convívio social, carregando o estigma de impuros, esperando ver o corpo apodrecer aos poucos e sem possibilidade de cura! Constante isolamento e solidão! Alguns, desesperados de saudade da família, esperavam a noite chegar e se arriscavam a entrar na cidade, burlando a vigilância das sentinelas, se achegando junto às janelas das suas casas para poderem ver, mesmo que

de longe os seus amados ou tocar ligeiramente nos dedos da esposa aflita através da janela do quarto. Agora, eles estavam diante dAquele que tudo podia e não mais escondiam a euforia e o anseio de terem dEle uma resposta. Sua palavra foi o bastante para eles. Saíram correndo e foram purificados. Um deles, vendo que fora curado, voltou, dando glória a Deus em alta voz, e prostrou-se com o rosto em terra aos pés de Jesus, agradecendo-Lhe; e este era samaritano.

— Não eram dez os que foram curados? Onde estão os outros nove? Não houve, porventura, quem voltasse para dar glória a Deus, senão este estrangeiro? Levanta-te e vai; a tua fé te salvou.

Jesus já começava a caminhar novamente. Nós O seguíamos de perto. Agora estávamos entrando no território de Samaria. Samaria era o reino do norte de Israel. Sua capital também se chamava Samaria. Tinha sido construída por Onri, o sétimo rei de Israel após a divisão do país em dois reinos, que acontecera depois da morte de Salomão. Fora construída em uma colina a onze quilômetros a noroeste de Siquém e dominava as principais rotas comerciais que atravessavam a planície de Esdrelom. Onri adquiriu o local por dois talentos de prata (aproximadamente sessenta e oito quilos), e deu-lhe o nome de seu antigo proprietário, Semer. A colina tinha cem metros de altura e dominava uma larga paisagem sobre a planície. Era inexpugnável, exceto pelo cerco. Seu nome hebraico *Shõm^{e}rôn* pode ser ligado com o vocábulo que significa: *"posto de vigia".* Foi dominada pelos sírios, pelos assírios, caindo em seu poder em 722 AC, e depois, pelos babilônios. Seus habitantes foram deportados, enquanto outros exilados de outras partes do império assírio e babilônico foram transferidos para lá. Os que continuaram na cidade, judeus, permaneciam fiéis a YHWH, enquanto outros cultos eram estabelecidos. Após o exílio foi recolonizada pelos gregos (em 331 AC) e depois, os romanos a tomaram. Coube a Herodes embelezá-la e recebeu o nome de *Sebaste (em grego; em latim, Augusta),* em honra ao imperador Augusto. Alguns judeus fiéis permaneciam adorando em Jerusalém; os demais adoravam no Monte Gerizim e no Monte Ebal perto de Sicar, a sudeste de Samaria. Portanto, era de gerações o antagonismo entre judeus e samaritanos. Os judeus consideravam os samaritanos como cismáticos (dissidentes, um grupo que se separou da comunidade judaica), e não como gentios, e confiavam neles, por exemplo, no tocante aos dízimos e à impureza oriunda das sepulturas. O principal ponto de discórdia era o templo no Monte Gerizim.

Ao longo do caminho nós paramos em Sicar. Jesus ordenou aos discípulos que fossem comprar comida, enquanto Ele ficaria ali esperando, pois estava um pouco cansado da caminhada. Por volta do meio-dia, sentou-se junto de um poço perto das terras que Jacó dera a seu filho José. Nisto veio uma mulher samaritana tirar água. Jesus lhe disse:

— Dá-me de beber.

— Tu és judeu. Como pedes água a mim, que sou samaritana?

— Se conheceras o dom de Deus e quem é o que te pede: dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva.

— Senhor, tu não tens com que a tirar, e o poço é fundo; onde, pois, tens a água viva? És, porventura, maior do que Jacó, o nosso pai, que nos deu o poço, do qual ele mesmo bebeu e, bem assim, seus filhos, e seu gado?

— Quem beber desta água tornará a ter sede; aquele, porém, que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna.

— Senhor, dá-me desta água para que eu não mais tenha sede, nem precise vir aqui buscá-la.

— Vai, chama teu marido e vem cá.

— Eu não tenho marido.

— Bem disseste, não tenho marido; porque cinco maridos já tiveste, e esse que agora tens não é teu marido; isto disseste com verdade.

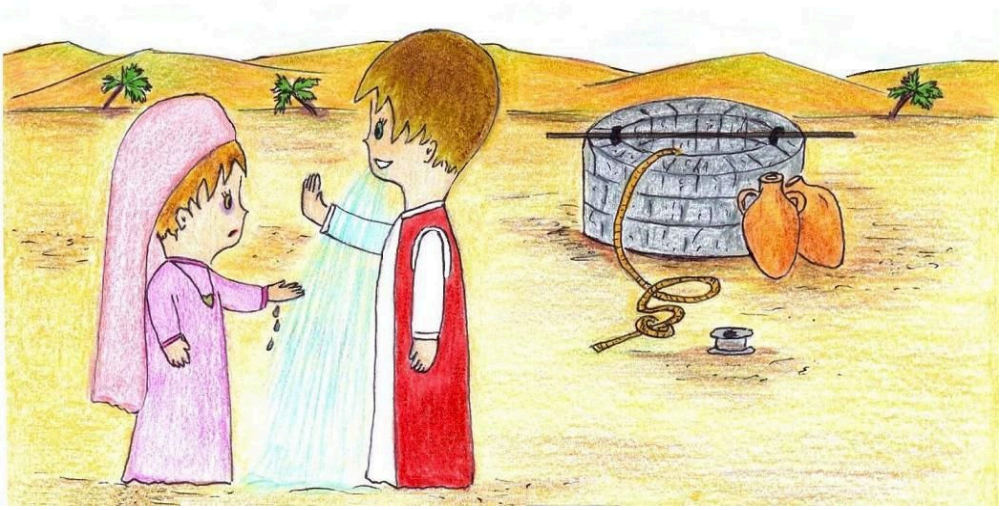
— Senhor, vejo que és profeta. Nossos pais adoraram neste monte; vós, entretanto, dizeis que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar.

— Mulher, podes crer-me que a hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai. Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus. Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores. Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade.

— Eu sei que há de vir o Messias, chamado Cristo; quando ele vier, nos anunciará todas as coisas.

— Eu o sou, eu que falo contigo.

Que coisa mais estranha o que acontecia ali! Jesus, um judeu, sozinho, conversando com uma mulher, também desacompanhada e, ainda por cima, samaritana. As mulheres costumavam vir juntas ao poço nas horas mais frescas do dia, ou seja, pela manhã bem cedinho ou no final da tarde. Vinham sempre juntas, mas aquela estava ali sozinha e numa hora completamente imprópria, o que me fez pensar que era rejeitada pelas outras e até pelos moradores locais. Eu tinha ficado a alguma distância do poço, observando, quando Jesus se dirigiu a ela. Não tinha a aparência de uma mulher dissoluta, porém de uma mulher destituída de apoio, insegura, talvez, que buscara ajuda para sua solidão nos lugares errados e nas pessoas erradas. Pode ser que seu desespero a tenha feito até se prostituir para não mais sofrer a discriminação da viuvez ou da falta de uma família. Ela não tinha dito como tudo começara a 'despencar' na sua vida, mas Jesus sabia; talvez tenha, de propósito, feito Seus discípulos irem todos juntos à cidade para comprar alimento, a fim de ficar a sós com ela e resgatá-la daquela vida. Seu rosto parecia um pouco triste e denotava o cansaço das noites mal-dormidas, do choro e do trabalho árduo. Sua alma transparecia a sede de vida, de compreensão e de apoio verdadeiro que lhe tinha sido negado; parecia se contentar com as 'gotas de atenção' que lhe davam, esporadicamente, nos relacionamentos superficiais e insatisfatórios que tinha vivido até então. Ela não conhecia nada melhor. Mas agora estava diante Daquele que podia matar sua sede e transformar seu 'deserto' em um manancial de vida e alegria, removendo dela a vergonha e as palavras de acusação dos que desejavam vê-la cair novamente.



Ela sentiu o interesse de Jesus por ela e viu que nos Seus olhos não havia preconceito ou acusação. Seu olhar atravessava sua alma com compaixão pelo seu sofrimento e com um amor diferente de tudo o que ela já havia sentido, restaurando seu interior como quem restaura um vaso quebrado. Ela, agora, tinha sua mente e seu coração abertos para ver quem era Aquele com quem estava conversando. Ele era o seu verdadeiro motivo de viver e o seu objeto real de adoração. A partir dali, poderia reconstruir sua vida com o companheiro certo e ter novamente uma família. Conhecia, naquele momento, algo mais que, simplesmente, um ritual religioso; conhecia o Deus vivo e verdadeiro que passava a ocupar definitivamente seu coração e a dirigiria em todos os momentos de sua existência, ajudando-a a fazer as escolhas certas. Ela era Sua testemunha viva naquela cidade idólatra e preconceituosa e, a partir daquele dia, outros O conheceriam e O serviriam. Ela poderia dizer a todos o quanto Jesus era capaz de restaurar, restituir a dignidade de uma vida e remover as mentiras do seu coração. Ela voltou correndo à cidade para contar aos outros o que tinha experimentado. Sim, Ele lhe dava um tempo para evangelizar a todos até voltar ali novamente. Ela Lhe prepararia o caminho naquele vilarejo para que outras vidas O conhecessem.

Quando os discípulos voltaram, continuamos nossa caminhada.

Ao longo do caminho Jesus era abordado e curava a muitos. Também nos ensinava, assim como àqueles que passavam a caminhar junto. E eis que certo homem, intérprete da lei, argüiu Jesus com o intuito de pô-lO à prova:

— Mestre, que farei para herdar a vida eterna?

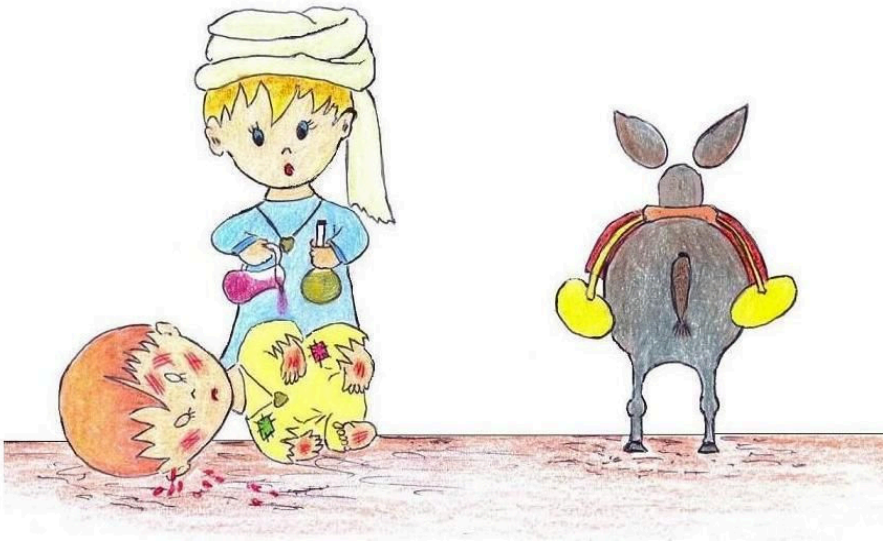
— Que está escrito na Lei? Como a interpretas?

— Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e amarás o teu próximo como a ti mesmo.

— Respondeste corretamente; faze isto e viverás.

Ele, porém, querendo se justificar, perguntou a Jesus:

— Quem é o meu próximo?



Jesus contou uma parábola:

— Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e veio a cair em mãos de salteadores, os quais, depois de tudo lhe roubarem e lhe causarem muitos ferimentos, retiraram-se, deixando-o semimorto. Casualmente, descia um sacerdote por aquele mesmo caminho e, vendo-o, passou de largo. Semelhantemente, um levita descia por aquele lugar e, vendo-o, também passou de largo. Certo samaritano, que seguia o seu

caminho, passou-lhe perto e, vendo-o, compadeceu-se dele. E, chegando-se, pensou-lhe os ferimentos, aplicando-lhes óleo e vinho; e, colocando-o sobre seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e tratou dele. No dia seguinte, tirou dois denários e os entregou ao hospedeiro, dizendo: cuida deste homem, e, se alguma coisa gastares a mais, eu to indenizarei quando voltar. Qual destes três te parece ter sido o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores?

— O que usou de misericórdia para com ele.

— Vai e procede tu de igual modo.

Muitos ali ouviam e eram curados por aquelas palavras. Alguns nunca tinham sido vítimas físicas nas mãos de salteadores, mas conheciam as feridas emocionais causadas pelos que os oprimiam e tentavam matá-los com palavras de ódio e derrota. Nós também vivemos, muitas vezes, a mesma situação. Jesus estava presente ali e está hoje como o bom samaritano ao nosso lado, quando muitos não querem nos estender a mão em socorro. Ele derrama sobre nós o óleo fresco da unção do Seu Espírito que, como nosso Consolador, vem nos curar as feridas da alma, e derrama Seu vinho novo de alegria sobre nosso coração aflito. Seu sangue nos purifica dos nossos pecados e expulsa o inimigo das nossas vidas.

Olhamos ao nosso lado e um dos discípulos disse:

— Estava demorando muito! Lá vêm os abutres dos fariseus. Estão sempre bisbilhotando.

— Lá vem outro riquinho vestido de seda para falar com o Mestre.

— Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?

— Por que me chamas bom? Ninguém é bom, senão um, que é Deus. Sabes os mandamentos: Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não dirás falso testemunho, honra a teu pai e a tua mãe.

— Tudo isso tenho observado desde a minha juventude.

— Uma coisa ainda te falta: vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro nos céus; depois, vem e segue-me.

Mas, ouvindo estas palavras, ficou muito triste, porque era riquíssimo.

E Jesus, vendo-o assim triste, disse:

— Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas! Porque é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus.

Os que ouviram disseram:

— Sendo assim, quem pode ser salvo?

– Os impossíveis dos homens são possíveis para Deus. Digo-vos, mais uma vez, que ninguém há que tenha deixado casa, ou mulher, ou irmãs, ou pais, ou filhos, por causa do reino de Deus, que não receba, no presente, muitas vezes mais e, no mundo por vir, a vida eterna.

— Senhor, fala-nos mais.

— O reino dos céus é semelhante a dez virgens, que tomando as suas lâmpadas, saíram a encontrar-se com o noivo. Cinco dentre elas eram néscias *[insensatas, ignorantes],* e cinco, prudentes. As néscias, ao tomarem as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo; no entanto, as prudentes, além das lâmpadas, levaram azeite nas vasilhas. E, tardando o noivo, foram todas tomadas de sono e adormeceram. Mas, à meia-noite, ouviu-se um grito: Eis o noivo! Saí ao seu encontro! Então, se levantaram todas aquelas virgens e prepararam as suas lâmpadas. E as néscias disseram às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas estão se apagando. Mas as prudentes responderam: Não, para que não nos falte a nós e a vós outras! Ide, antes, aos que o vendem e comprai-o. E, saindo elas para comprar, chegou o noivo, e as que estavam apercebidas entraram com ele para as bodas; e fechou-se a porta. Mais tarde, chegaram as virgens néscias clamando: Senhor, senhor, abre-nos a porta! Mas ele respondeu: Em verdade vos digo que não vos conheço. Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora.

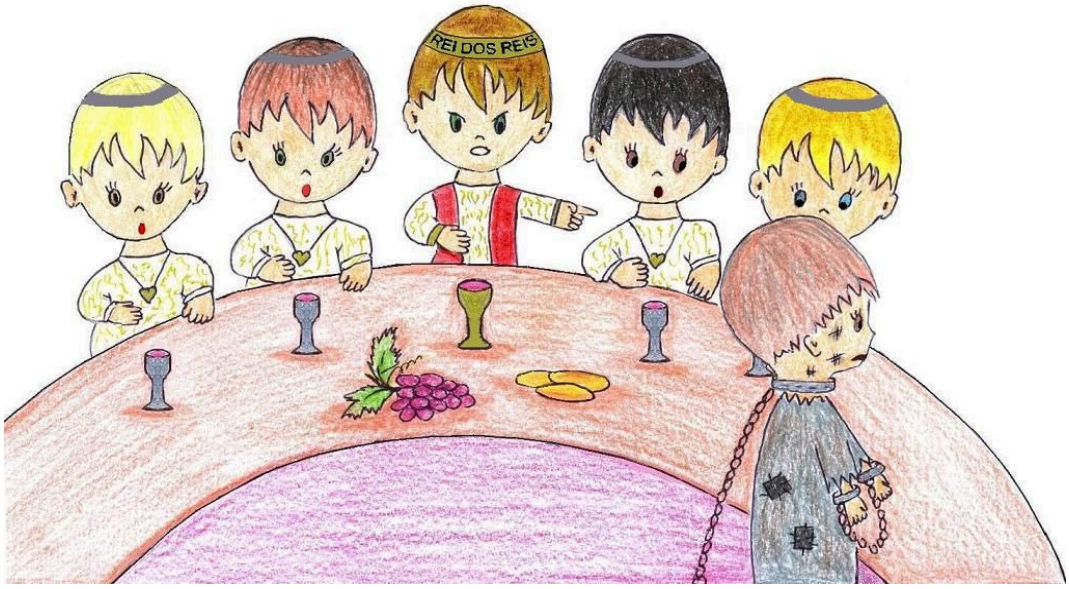
Por que ele se referia a dez virgens, por que o número dez?

Porque para os judeus o número dez significa o primeiro número de um começo maior, algo completo, unidade e fidelidade; para nós, é o número da Igreja. Ele estava alertando Sua Igreja para que vigiasse e não dormisse e continuasse sempre fiel a Deus.

— Os céus e a terra passarão, mas as minhas palavras não. Acautelai-vos, pois não sabeis nem o dia nem a hora em que virá o Filho do Homem.

Os fariseus, ouvindo todas essas coisas, começaram a discutir entre si sobre as palavras de Jesus, pois era inadmissível que qualquer um se sentasse na cadeira ao lado

de Abraão e Moisés. Jesus parecia estar abrindo o reino dos céus aos que não tinham o conhecimento que eles tinham e, ainda por cima, os advertia a vigiar e estar atentos. Devia ensinar-lhes, isso sim, a diferença entre santo e profano. Jesus, como lhes percebendo os pensamentos, dirigiu ao povo outra parábola:



— O reino dos céus é semelhante a um rei que celebrou as bodas do seu filho. Então, enviou os seus servos a chamar os convidados para as bodas; mas estes não quiseram vir. Enviou ainda outros servos, com esta ordem: dizei aos convidados: Eis que já preparei o meu banquete; os meus bois e cevados já foram abatidos, e tudo está pronto; vinde para as bodas. Eles, porém, não se importaram e se foram, um para o seu campo, outro para o seu negócio; e os outros, agarrando os servos, os maltrataram e mataram. O rei ficou irado e, enviando as suas tropas, exterminou aqueles assassinos e lhes incendiou a cidade. Então, disse aos seus servos: Está pronta a festa, mas os convidados não eram dignos. Ide, pois, para as encruzilhadas dos caminhos e convidai para as bodas a quantos encontrardes. E, saindo aqueles servos pelas estradas, reuniram todos os que encontraram, maus e bons; e a sala do banquete ficou repleta de convidados. Entrando, porém, o rei para ver os que estavam à mesa, notou ali um homem que não trazia veste nupcial e perguntou-lhe: Amigo, como entraste aqui sem veste nupcial? E ele emudeceu. Então, ordenou o rei aos serventes: Amarrai-o de pés e mãos e lançai-o para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes. Porque muitos são chamados, mas poucos, escolhidos...

... Ninguém tira um pedaço de veste nova e o põe em veste velha; pois rasgaria a nova, e o remendo da nova não se ajustará à velha. E ninguém põe vinho novo em odres velhos, pois o vinho novo romperá os odres; entornar-se-á o vinho, e os odres se estragarão. Pelo contrário, vinho novo deve ser posto em odres novos [e ambos se conservam]. E ninguém, tendo bebido o vinho velho, prefere o novo; porque diz: O velho é excelente.

Os odres velhos eram o sistema judaico, inflexível, incapaz de receber o vinho novo do reino de Deus. Ele tocava mais uma vez na 'ferida' dos fariseus. Seus olhos astutos e perscrutadores faiscavam mais uma vez de ódio contra as verdades de Jesus, mas quem O poderia calar? O que mais os irritava era Sua maneira tranqüila e as palavras afiadas

como espada que saíam de Sua boca cortando a hipocrisia e a mentira. Ele não perdia por esperar; chegaria o Seu dia, pensavam eles. Preferiram se retirar. Nós todos respiramos mais aliviados com a ausência deles, pois aí a conversa deixava o tom picante para adquirir, novamente, o caráter de ensino amoroso que fluía dos lábios de Jesus. As crianças riam ao Seu redor e Ele sorria de volta como agradecido por aquela presença alegre quebrando o gelo da dureza de coração dos sábios e entendidos. Ali Seu amor podia correr solto.

Nós já tínhamos caminhado bastante e começávamos a nos desviar para o leste, em direção ao Jordão. Ali naquele ponto, antes de desaguar o Ribeiro de Jaboque, cruzaríamos os seus vaus. Nestes pontos mais rasos do rio, poderíamos atravessá-lo a pé, embora em outras áreas os romanos tivessem construído pontes para a travessia. Mas não interessava a Jesus cruzá-lo por pontes. Aquele era o ponto que Ele escolhera. Dali desceríamos para o sul, para a Transjordânia. Parte da multidão voltara para suas casas.

O Jordão estava lá, diante dos nossos olhos, o rio que já tinha sido palco de muitas vitórias dos israelitas. A depressão do Jordão é formada em resultado de uma fenda, e é a mais baixa depressão da Terra. A dezesseis quilômetros ao sul do Mar da Galiléia já está a quase duzentos e dez metros abaixo do nível do Mar Mediterrâneo e, no extremo norte do Mar Morto, o fundo da fenda já baixa ainda mais cento e setenta metros, fazendo o rio chegar a quase trezentos e noventa e quatro metros abaixo do nível do mar. Jordão, do hebraico *Yarden,* quer dizer: *o descedor (do verbo 'Yarad', descer)*. Nasce, provavelmente, nas Montanhas da Síria e do Líbano onde está o *Monte Hermon*, com uma altitude de dois mil setecentos e setenta e seis metros, chamado também de Senir e Siriom. Fontes abundantes fluem da pedra calcárea para alimentar as correntes superiores do Jordão. Ao sul está o lago Hulé, onde ele se represa e depois começa a descer até o Mar Morto. Seu trajeto é de aproximadamente cento e vinte e um quilômetros desde o lago Hulé até o Mar Morto. É um rio muito cheio de meandros. À medida que vai descendo até o Mar Morto, as planícies ao lado vão se escasseando e se transformando em terras áridas. Abaixo do Jaboque não há correntes que deságuam no Jordão, até que na altura de Jericó é, praticamente, um deserto. As águas vão se tornando mais salgadas, não propícias aos peixes, até chegar ao Mar Morto onde não há vida aquática. A qualidade das águas nessa região a torna imprópria para os ritos de purificação dos judeus. Por isso, era estranho que João Batista tivesse realizado alguns batismos nessa região. Seu batismo nada tinha a ver com os rituais judaicos de purificação; era espiritual, coisa nova para eles.

Alcançamos a Transjordânia à tardezinha. Tínhamos chegado a uma pequena aldeia e, ao que parecia, Jesus tencionava pernoitar ali. Trouxeram-Lhe, então, algumas

crianças, para que lhes impusesse as mãos e orasse; mas os discípulos as repreendiam. Jesus, porém, disse:

— Deixai os pequeninos, não os embaraceis de vir a mim, porque dos tais é o reino dos céus. Quem não receber o reino de Deus como uma criança não pode entrar nele.

Começamos a ouvir certo burburinho entre os discípulos. Jesus se aproximou e acalmou os ânimos, pois parecia querer se formar uma discussão. João e Tiago se aproximaram dEle e queriam Lhe pedir uma coisa. Queriam que lhes concedesse o direito de se sentarem ao Seu lado no Seu trono de glória. Era esse o cerne da questão que provocava discórdia entre os discípulos: estavam todos com ciúmes. E se Jesus dissesse que sim? Jesus não só lhes lembrou do cálice amargo que Ele teria que beber, assim como eles também o fariam, mas lhes advertiu que não competia a Ele concedê-lo. Então lhes disse:

— Sabeis que os que são considerados governadores dos povos têm-nos sob seu domínio, e sobre eles os seus maiorais exercem autoridade. Mas entre vós não é assim; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será servo de todos. Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.

Vieram alguns judeus a Jesus e disseram:

— Viemos da parte de Seus amigos Lázaro, Marta e Maria, de Betânia. Marta manda Lhe dizer que Lázaro está doente e pede Sua presença imediata.

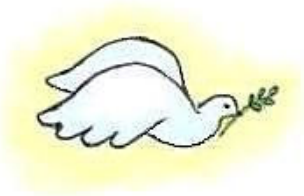
— Esta enfermidade não é para a morte, e sim para a glória de Deus, a fim de que o Filho de Deus seja por ela glorificado.

Os mensageiros partiram, pois tinham feito a sua parte.

Logo ouvimos vozes e uma senhora simpática se achegou a Jesus. Seu nome era Ester. Seu marido era Jônatas. Ela O abraçou e O convidou a ficar em sua casa naquela noite. A casa era grande e cabia a todos. Além disso, já tinha roupas limpas e um gostoso banho preparado para o Mestre e Seus discípulos. Ele se levantou e todos O seguimos para as dependências da casa. Depois de tomarmos banho, participamos da refeição. A conversa girava em torno de coisas triviais e o riso tomava conta da mesa. Era incrível como a presença de Jesus ali nos fazia esquecer o cansaço e as preocupações. Então, Ele tocou cada um de nós com carinho como um pai que dá um beijo de boa noite em suas crianças e foi se encaminhando para fora em atitude de meditação. Todos nós sabíamos o que Ele ia fazer: conversar com *Aba Pai.*

7º Dia

Jericó, Betânia, Jerusalém, volta a Betânia



Que bela manhã aquela! As acomodações que Ester tinha nos proporcionado eram aconchegantes e rapidamente tínhamos pegado no sono. Da janela de sua casa podíamos ouvir o barulho das águas do Jordão correndo ao longe. Os pássaros pareciam estar felizes naquele dia e ocupados com seus afazeres. Como num lugar deserto como aquele podíamos ouvir pássaros? Era mais fácil encontrar escorpiões, cobras ou outros seres rastejantes e pouco atraentes. Mas havia algumas árvores e Ester e Jônatas, seu marido, pareciam amar aquela terra e cuidar bem dela. Aliás, era o que Jônatas estava fazendo agora: cuidando das plantas e dos pássaros.

Jesus acordou cedo e já tinha saído para dar uma caminhada. Voltou com algumas frutas nas mãos e disse que era para reforçar o desjejum. Aplausos, muitos aplausos. Ao que parecia, Ele estava pensativo. Tinha algo importante a fazer naquele dia.

Íamos para Jerusalém e tínhamos ouvido falar que os judeus estavam planejando matá-lO. Foi aí que Judas Tadeu disse:

— O que tem em mente, Mestre?

— É isso mesmo que você pensou! Vamos para a Judéia.

Pedro disse:

— Mestre, ainda agora os judeus procuravam te apedrejar, e voltas para lá?

— Não são doze as horas do dia? Se alguém andar de dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo; mas, se andar de noite, tropeça, porque nele não há luz. Nosso amigo Lázaro adormeceu, mas vou despertá-lo.

— Ah, bom! Se dorme, estará a salvo.

— Lázaro morreu; e por vossa causa me alegro que lá não estivesse, para que possais crer; mas vamos ter com ele.

Tomé comentou:

— Vamos também nós para morrermos com ele.

— Tomé, não entendi. Esse comentário é fruto de fé, coragem e lealdade ou é uma piadinha irônica?

— Interprete como quiser, Filipe.

— Parem com esta discussão.

— Senhor, já vai? Tão cedo?

— Ester, obrigado por tudo, mas o trabalho do Pai precisa ser feito. Meu Pai trabalha até hoje, e eu também.

— Vão em paz. Voltem quando quiserem.

— Shalom!

— Shalom!

Seguimos Jesus estrada fora em direção a Jericó, pois Ele tencionava passar por lá.

No caminho, Jesus nos fitava com carinho e, às vezes, sorria, como que nos preparando mais surpresas, mas notávamos Seu semblante preocupado olhando sempre em frente como se estivesse vendo algo que exigia Sua atenção. Ao entrarmos em Jericó, começamos a atravessar a cidade.

Aquela Jericó não era a mesma derrubada por Josué, mas erigida por Herodes, o Grande. Era lugar rico, especialmente para aqueles que cobravam impostos.

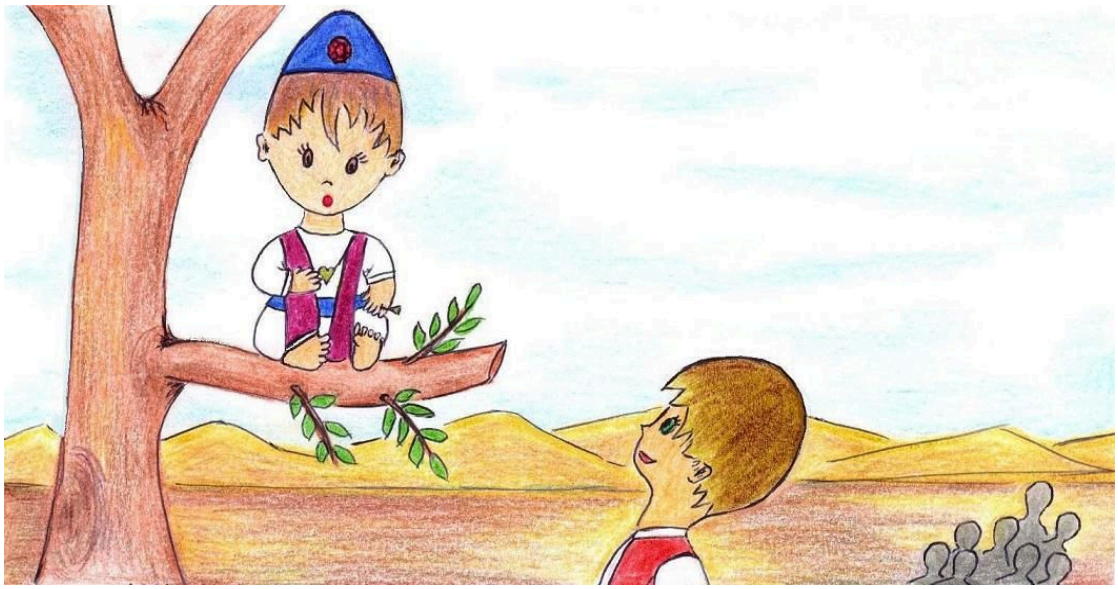
Então, algo nos surpreendeu. Jesus parou embaixo de um sicômoro e olhou para cima chamando:

— Zaqueu, desce depressa, pois me convém ficar hoje em sua casa.

Quem era Zaqueu? Jesus já o conhecia?

Zaqueu era um publicano, na verdade, o maioral dos publicanos e rico, muito rico. Em grego, um *architelõnes*, ou seja, um contratador da cobrança de todos os impostos de Jericó; tinha coletores às suas ordens. Mateus tinha sido contratado por um desses. Zaqueu era ainda jovem para alguém que assumia tal posição. Pelo que parecia, ele não

tinha passado dos quarenta e cinco anos. Seus cabelos apresentavam pouquíssimos fios brancos e sua pele ainda denotava frescor e juventude. Muitas vezes, Zaqueu até mostrava certo ar infantil. Sua estatura, talvez, é que dava essa idéia. Era riquíssimo, mas baixinho. Por isso, tinha subido ao sicômoro, não fazendo conta do ridículo.



Ele, naquele dia, sabendo que Jesus estaria passando por ali, tinha tomado uma decisão: queria vê-lO. Jesus tinha se tornado muito conhecido. Seu nome estava na boca do povo. A multidão estaria ali, como sempre. Como Zaqueu poderia ver o Mestre com aquela altura insignificante? Sua esposa e seus filhos eram mais altos do que ele. Isso, muitas vezes, o fazia se sentir 'por baixo', apesar de todo o seu dinheiro. Zaqueu não tinha nenhuma doença física; sua alma é que precisava de alguns 'reparos'. A baixa auto-estima o incomodava um pouco. Seus olhinhos vivos, observadores e desconfiados estavam agora fitos em Jesus. Como Ele sabia o seu nome, se nunca o tinha visto? Da forma que Jesus o olhava, pareciam ser amigos íntimos de longa data. Enquanto pensava todas essas coisas, desceu rápido da árvore e foi de encontro ao Mestre. A multidão ficou espantada e Zaqueu se sentiu importante de verdade, pela primeira vez em sua vida.

— Será uma honra, Senhor, tê-lO em minha casa. Venha, venha, traga Seus amigos também.

Zaqueu podia ouvir os comentários do povo enquanto caminhava com Jesus ao seu lado:

— De novo Ele vai comer com um homem pecador.

— Pecador só, não! Desonesto completo, ladrão dos pobres, cobrador de impostos, descarado!

Seu nome, *Zaqueu*, vem do hebraico e do aramaico *Zakkai,* que significa *puro*. Pode ser uma forma reduzida de *Zacarias (o Senhor se lembra; o Senhor se lembrou).*

Ao entrarmos em sua casa, ouvimo-lo dar as ordens aos criados para nos servirem uma refeição. Sua esposa observava de longe a reação espantosa do marido até que ele a chamou:

— Abigail, venha conhecer o Mestre.

Ela olhou para Jesus com respeito e admiração e também com gratidão por estar fazendo uma verdadeira transformação no coração do seu esposo. Seu nome significa:

Meu pai é alegria ou *fonte de alegria*. Sim! Jesus estava lhe dando muita alegria naquele dia. Era mulher calma e tranqüila, de pouco falar, de muito ouvir e meditar.

De repente, Zaqueu disse:

— Senhor, resolvo dar aos pobres a metade dos meus bens; e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, restituo quatro vezes mais.

Ele sabia o que estava dizendo, era conhecedor da lei de Moisés e este era o dobro da proporção para a devolução quanto a coisas roubadas. Uma verdadeira transformação interior estava se processando naquela manhã no coração de Zaqueu. Era Jesus a causa dessa transformação. Os verdadeiros valores entravam no seu coração. Mesmo dando a metade dos seus bens, continuaria um homem rico e nada faltaria à sua família. Agora, ele e os seus estariam participando de uma riqueza ainda maior: a vida eterna.

Por isso, Jesus mostrou um largo sorriso e disse exultante de alegria:

— Hoje, houve salvação nesta casa, pois que também este é filho de Abraão. Porque o Filho do Homem veio para buscar e salvar o perdido.

Zaqueu não só tinha se arrependido, mas colocado em prática a sua fé e crido no poder curador da graça vindo de Jesus *(Yeshua, 'Salvação',* e que significa: *perdão, proteção, segurança, prosperidade, paz e saúde)*. Zaqueu estava recebendo um presente que o seu dinheiro jamais poderia comprar.

Nós nos despedimos dele e rumamos para Betânia, a quinze estádios de Jerusalém, ou seja, a dois mil setecentos e setenta e cinco metros de Jerusalém. *Betânia* significa: *casa de tâmaras ou casa do aflito*. Ao nos aproximarmos da cidade, uma mulher baixinha e aflita veio correndo em nossa direção e se jogou aos pés de Jesus chorando:

— Senhor, se estiveras aqui, meu irmão não teria morrido. Mas também sei que, mesmo agora, tudo quanto pedirdes a Deus, Deus to concederá.

— Marta, teu irmão há de ressurgir.

— Sim, Senhor, na ressurreição do último dia.

— Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente. Crês isto?

— Sim, Senhor, eu tenho crido que tu és o Cristo, o Filho de Deus que devia vir ao mundo.

Marta agora não chorava. Tinha ficado em 'choque' por quatro dias, mal dando conta do seu estado e de sua aparência, entristecida pela morte do irmão e talvez decepcionada pela ausência de Jesus. Como um amigo da família poderia abandoná-la numa hora dessas? Seu rosto estava mostrando o cansaço das noites mal dormidas, suas vestes mostravam o sinal das cinzas que tinham sido espalhadas desde a cabeça; e em alguns pontos, podíamos notar os rasgos nos seus trajes, denotando as marcas do seu pranto.

Ela corria, agora, para sua casa para chamar a irmã Maria que estava amparada e consolada pelos amigos e vizinhos.

Ela veio e também se lançou aos pés de Jesus:

— Senhor, se estiveras aqui meu irmão não teria morrido.

Aquilo comovia o coração de Jesus: o choro, o pranto, o desespero, a perda de quem era Seu amigo e que comera muitas vezes com Ele e O hospedara em sua casa nos momentos em que procurara um ponto de refúgio e descanso das Suas peregrinações e das Suas grandes responsabilidades. Jesus chorou. Talvez, Jesus estivesse sentindo não só o peso da morte ali, mas também o peso dos olhares incrédulos e invejosos dos que sempre estavam prontos para incriminá-lO ou feri-lO com sua irreverência a Deus. Encaminhou-se para o túmulo. Lázaro tinha sido enterrado numa gruta e na entrada estava colocada uma pedra. Jesus ainda derramava lágrimas. Marta se achegou a Ele e lhe disse:

— Senhor, já faz quatro dias que está aí. Já cheira mal.

Jesus pareceu não ouvi-la. Simplesmente respondeu:

— Não te disse eu que, se creres, verás a glória de Deus?

Jesus disse aos homens:

— Tirai a pedra.

E levantando os olhos ao céu disse [em voz baixa]:

— Pai, graças te dou porque me ouviste. Aliás, eu sabia que sempre me ouves, mas assim falei por causa da multidão presente, para que creiam que tu me enviaste.

E em voz alta clamou:

— Lázaro, vem para fora!

Aquele que estivera morto saiu, tendo os pés e as mãos ligados com ataduras e o rosto envolvido num lenço. Era difícil de acreditar como ele tinha chegado até a abertura da gruta do jeito que estava, mas o fato é que ele estava ali em pé, e vivo.

Então, lhes ordenou Jesus:

— Desatai-o e deixai-o ir.

Enquanto todos corriam em direção a Lázaro e alguns socorriam os mais sensíveis que quase desmaiaram ao ver o milagre, Jesus se esgueirou furtivamente por entre as pedras fazendo-nos sinal para que O seguíssemos sem demora. Ele já tinha visto os espiões dos fariseus ali perto, prontos a sair contando a notícia. Jesus já podia perceber a malícia dos seus corações querendo matar Lázaro, que acabava de ser ressuscitado, só para colocar o Mestre em descrença perante o povo.

Os discípulos estavam boquiabertos. Tomé sorria como que dizendo: “Não disse que Ele se sairia bem nessa história?”

Jesus rumava rápido para Jerusalém, para o templo.

Agora, Seu semblante não era tão doce nem chorava a morte do amigo, mas Sua boca se contraía e na Sua fronte começavam a se formar vincos de irritação. Seus músculos pareciam rígidos e prontos para algum combate e ninguém ousava Lhe dizer nada. Estávamos calados e preocupados. O único que parecia estar mais à vontade e exultar era Judas Iscariotes. Será que o Messias estaria mostrando Sua verdadeira identidade, afinal?

Jesus encontrou no templo os que vendiam bois, ovelhas e pombas e também os cambistas assentados. Fez um chicote de cordas, expulsou todos do templo, bem como

as ovelhas e os bois, derramou pelo chão o dinheiro dos cambistas, virou as mesas e disse aos que vendiam pombas:

— Tirai daqui estas coisas; não façais da casa de meu Pai casa de negócio. A minha casa será chamada casa de oração para todos os povos, mas vós a transformastes em covil de salteadores.

Ele estava irado. O Espírito do Senhor dentro dEle Lhe dava uma autoridade e uma força que nem dez soldados romanos poderiam pará-lo naquele momento. Aliás, ninguém parecia ter a intenção de fazê-lo. Estavam todos imóveis, observando. Os únicos que não estavam imóveis eram os pequenos animais que procuravam fugir o mais rápido possível daquela bagunça. Mugidos, balidos, arrulhar de pombas, penas e pêlos por todo o lado! Mais alguém estava se movimentando: os cambistas e os vendedores dos animais, que tentavam, com todos os esforços, poder resgatar ainda alguns bichos. Outros saíam praguejando atrás das moedas de prata, ouro e bronze que rolavam pelo chão, enquanto que o povo mais carente dava graças a Deus por aquela 'oferta' para suas despensas. Eles procuravam desesperadamente pegar alguns trocados. Os demais: levitas, porteiros, soldados e sacerdotes do templo cogitavam entre si o motivo de tamanha ira. Todos sabiam que os adoradores deveriam apresentar um sacrifício considerado sem defeito pelo sacerdote. Sabiam que os que ali vinham deveriam pagar o imposto *per capita,* utilizando a moeda do templo (o siclo do santuário), pois os sacerdotes se recusavam a aceitar moeda estrangeira. Seus cambistas estavam ali para trocar o dinheiro. Só não conseguiam reconhecer que o faziam a taxas exorbitantes e que rejeitavam qualquer animal que não fosse comprado no templo por esses preços inflacionados. Era uma grande hipocrisia disfarçada de culto adequado a Deus. Era por isso que Jesus se irava. O santo e o profano caminhavam juntos ali na Casa de Seu Pai. Isso o perturbava muito: a falta de reverência a Deus, a exploração, o roubo, a hipocrisia, a falsidade, a injustiça e o pecado. Ele parecia ter que dar vazão a toda a Sua ira e ninguém ousava pará-lo. Mas Ele parou. Foi quando os judeus do Sinédrio se aproximaram e Lhe perguntaram:

— Que sinal nos mostras, para fazeres estas coisas?

Jesus era realmente um petulante aos olhos deles. Era Rabi, mas não tinha Seu exercício em Jerusalém. Era itinerante. Não participava das assembléias solenes dos líderes judaicos, não tinha participação nas discussões religiosas nem nos julgamentos

do povo pelas leis de Moisés como eles faziam periodicamente. Não tinha liberação do sumo sacerdote para fazer nada ali dentro. Então, por que fazia aquilo? Era ousadia, loucura ou inconseqüência? Foi quando Ele respondeu:

— Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei.

— Em quarenta e seis anos foi edificado este santuário, e tu, em três dias, o levantarás?

Ele, porém, se referia ao santuário do seu corpo. Os judeus tinham se referido ao templo reformado por Herodes, o Grande, à semelhança do templo de Salomão. Os discípulos mais tarde se lembrariam deste episódio e creriam na palavra de Jesus. Mas naquele momento estavam quietos e pasmos, morrendo de medo da retaliação por parte das autoridades judaicas e romanas, pois olhavam os sacerdotes, os soldados, o povo e percebiam muitos sentimentos contrários nos rostos deles. Já estavam acostumados com os rompantes de 'ira santa' do Mestre quando se deparava com a idolatria, com o legalismo, com a hipocrisia e com a religiosidade dos fariseus, saduceus e escribas, porém, aquilo os assustava. Olhávamos todos, desanimados e preocupados com o que tinha sobrado ao nosso redor. Quem limparia aquela sujeira toda? Não era problema nosso. Eles que arrumassem tudo aquilo. Judas Iscariotes olhava em outra direção, para o chão. Será que estava ainda procurando algumas moedas que caíram ou se sentia frustrado pelo Mestre não ter mostrado ainda Sua força como Messias?

Jesus tinha se acalmado e já não estava mais ali. Caminhava um pouco mais para longe, ainda no átrio exterior onde o povo o olhava com fome da Palavra. Seu olhar, agora, era terno e compassivo. Queria ensinar. Sua voz permanecia firme, mantendo a autoridade que Lhe havia sido dada pelo Pai:

— Em verdade, em verdade vos digo: o que não entra pela porta no aprisco das ovelhas, mas sobe por outra parte, esse é ladrão e salteador. Aquele, porém, que entra pela porta, esse é o pastor das ovelhas. Para este o porteiro abre, as ovelhas ouvem sua voz, ele chama pelo nome suas próprias ovelhas e as conduz para fora. Depois de fazer sair todas as que lhe pertencem, vai adiante delas, e elas o seguem, porque lhe reconhecem a voz; mas de modo algum seguirão o estranho; antes, fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos.

Jesus falava ali de coisas profundas, mas eles não entendiam. O aprisco das ovelhas era o mundo; o ladrão e salteador era o diabo, que não tinha posição legal no mundo. Ele, Jesus, tinha se tornado homem, nascido da mesma forma que todos na terra, para mostrar a Sua posição legal e Sua autoridade. Ele se comparava a um pastor, figura de fidelidade, compaixão, orientação e proteção, imagem profética do Messias que viria para pastorear o povo de Israel. Ele vinha separar as ovelhas que eram Suas, pois o porteiro, o Pai, abriria Seu reino diante delas para que Jesus as conduzisse. As que eram Suas ouviriam Seu chamado e O seguiriam.

— Eu sou a porta das ovelhas. Todos quantos vieram antes de mim são ladrões e salteadores; mas as ovelhas não lhes deram ouvido. Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará, e sairá, e achará pastagem. O ladrão vem somente para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância. Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas. O mercenário, que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, vê vir o lobo, abandona as ovelhas e foge; então, o lobo as arrebata e dispersa. O mercenário foge porque é mercenário e não tem cuidado com as ovelhas.

Aqui ele já não falava que a porta era a vida na terra, mas Ele mesmo: o caminho, a verdade e a vida. Lembrava Seu povo dos que vieram antes Dele; falsos profetas, que com falsos ensinamentos fizeram o rebanho se desviar, mercenários que não podiam defender Suas ovelhas das garras do diabo. Ele falava que estava ali para dar a Sua vida

por elas para que vivessem eternamente com Ele. Ele falava que o Seu reino era espiritual.

— Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim, assim como o Pai me conhece a mim, e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas. Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então, haverá um rebanho e um pastor. Por isso, o Pai me ama, porque eu dou a minha vida para a reassumir. Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para entregar e também para reavê-la. Este mandato recebi de meu Pai.

Ele falava sobre os gentios, mas eles não entendiam. Os judeus conversavam entre si se Ele estava endemoninhado ou se tentava abrir os olhos dos cegos para as verdades espirituais. Outros já começavam a perceber algo mais naquelas palavras: teria Ele insinuado, porventura, que era o Filho de Deus? Que intimidade era essa que Ele tinha quando falava de Deus?

Começou a lhes ensinar outras parábolas, porém, deixava bem claro se tratar de Israel e do que a liderança judaica tinha feito com os profetas mandados por Deus para lhes falar da salvação, além do que eles estavam fazendo e fariam também com o próprio Filho ali presente. Isso os deixava furiosos, pois tornava clara a intenção dos seus corações. Naquela mesma hora, os escribas e os principais sacerdotes procuravam matá-lo, entretanto, temiam o povo. Então subornaram alguns emissários para que se fingissem de justos e, assim, pudessem pegá-lo em alguma palavra para entregá-lo à autoridade do governador.

Eles vieram e Lhe perguntaram:

— Mestre, sabemos que falas e ensinas retamente e não te deixas levar pelas artimanhas dos homens, mas mostras o caminho de Deus segundo a verdade; é lícito pagar tributo a César ou não?

Entretanto, Jesus, percebendo-lhes o ardil, respondeu:

— Mostrai-me um denário. De quem é a efígie e a inscrição?

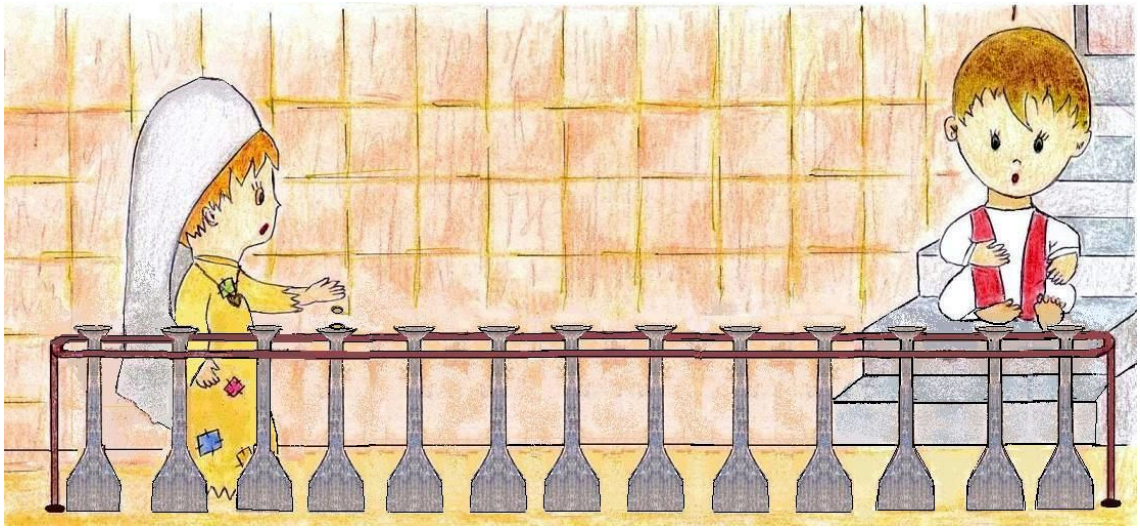
— De César.

— Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.

Calaram-se, pois não puderam dar-Lhe resposta. Isso enfureceu ainda mais os fariseus porque não puderam acusá-lo de nada.

Jesus começou a caminhar e se colocou no átrio das mulheres no pátio exterior do templo, onde havia o gazofilácio, as caixas das ofertas. Este consistia em treze caixas de oferta em forma de trombeta, sendo duas para o imposto do templo e onze para as ofertas voluntárias. Era de prata batida. Para os judeus, a trombeta era símbolo de convocação. A palavra usada para trombeta de prata batida era *hªçõçerâ,* a mesma palavra usada em *Nm 10: 1-10,* quando Deus ordenou a Moisés que usasse este instrumento para convocar o povo e levantar acampamento. Outras vezes, no Antigo Testamento, foi usada a trombeta de chifre de carneiro *(Shôphãr),* que conclamava o povo para que se arrependesse dos seus maus caminhos e se voltasse para o Senhor. A palavra *shôphãr* vem da raiz hebraica sh-f-r (שפר), e *significa 'melhorar, reformar, recuperar'.* Ali, em frente ao gazofilácio, Jesus observava as pessoas darem suas ofertas e pagarem o imposto do templo. Ele via os ricos lançarem suas ofertas nele. De repente, veio uma viúva pobre. Suas vestes denotavam tanto a sua viuvez como a sua pobreza. Em uma das trombetas de ofertas voluntárias, ela depositou duas moedas. Ela não percebia estar sendo observada, mas Jesus, conhecedor do coração, disse aos discípulos:

— Verdadeiramente vos digo que esta viúva pobre deu mais do que todos. Porque todos estes deram como oferta aquilo que lhes sobrava; esta, porém, da sua pobreza deu tudo aquilo o que possuía, todo o seu sustento.



Jesus sempre fazia questão de frisar este ponto: dar tudo, dar o melhor para Deus. Ele tinha vindo para isso, para dar Sua própria vida. A avareza estava geralmente em pauta nos Seus sermões, especialmente em se tratando de fariseus e mestres da lei, além de publicanos, pois Ele conhecia muito bem a fraqueza do Seu povo. Ele sempre tinha que ficar lembrando a eles a não servirem a dois senhores. Não era contra o dinheiro, e sim contra o amor e a idolatria a ele, pois sabia o quanto isso poderia prender um homem à escravidão espiritual e impedi-lo de assimilar as verdades eternas. Mais do que ninguém, Ele sabia das necessidades humanas como vestir, pagar impostos, comer e viver de modo digno de um ser humano criado à imagem e à semelhança de Deus. Por isso, ensinava tanto sobre semear, doar, suprir as necessidades uns dos outros.

Já que o assunto era dinheiro, Jesus propôs uma parábola:

— Um homem, ausentando-se do país, chamou um dos seus servos e lhes confiou os seus bens. A um deu cinco talentos, a outro, dois e a outro, um, a cada um segundo a sua própria capacidade; e, então, partiu. O que recebera cinco talentos saiu imediatamente a negociar com eles e ganhou outros cinco. Do mesmo modo, o que recebera dois ganhou outros dois. Mas o que recebera um, saindo, abriu uma cova e escondeu o dinheiro do seu Senhor. Depois de muito tempo, voltou o Senhor daqueles servos e ajustou contas com eles. Então, aproximando-se o que recebera cinco talentos, entregou outros cinco, dizendo: Senhor, confiaste-me cinco talentos; eis aqui outros cinco talentos que eu ganhei. Disse-lhe o Senhor: muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu Senhor. E, aproximando-se também o que recebera dois talentos, disse: Senhor, dois talentos me confiaste; aqui tens outros dois que ganhei. Disse-lhe o Senhor: Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu Senhor. Chegando, por fim, o que recebera um talento, disse: Senhor, sabendo que és homem severo, que ceifas onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste, receoso, escondi na terra o teu talento; aqui tens o que é teu. Respondeu-lhe, porém, o Senhor: Servo mau e negligente, sabias que ceifo onde não semeei e ajunto onde não espalhei? Cumpria, portanto, que entregasses o meu dinheiro aos banqueiros, e eu, ao voltar, receberia com juros o que é meu. Tirai-lhe, pois, o talento e dai ao que tem dez porque a todo o que tem se lhe dará e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. E o servo inútil, lançai-o para fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes.

Fez-se silêncio, não só pela meditação que havia em cada coração, como também pelo peso do ensinamento, que atingia tanto os avarentos e os fariseus assim como nós, Seus discípulos. No Antigo Testamento, o talento tinha sido uma medida de peso, equivalente a mais ou menos trinta e quatro quilos, mas após o governo de Dario I, o persa, o talento, assim como outras medidas, se transformou em moeda e seu valor correspondia a seis mil vezes o valor do denário. O denário equivalia a um dia de salário, em nosso dinheiro: dez dólares. Assim, um talento corresponderia naquela época, a sessenta mil dólares. Jesus queria mostrar com o exagero da explanação que Deus não é miserável e que pode nos colocar nas mãos tanto a riqueza quanto a

abundância de dons de acordo com a capacidade de cada um. A parábola mostrava não só que Ele seria capaz de pôr nas mãos de alguém a quantia de trezentos mil dólares, mas a infinidade de dons e talentos para serem usados em favor do Seu reino em prol do nosso próximo. Quando Ele usava a palavra *pouco*, se referia ao natural, ao material, à vida na terra. Quando usava a palavra *muito,* estava se referindo ao espiritual, à vida eterna. Se não conseguimos dar conta das coisas materiais sob a ótica de Deus, como Ele nos dará as coisas espirituais e nos contará os Seus segredos? Se não guardamos os tesouros espirituais, não poderemos desfrutar de Sua companhia eterna. Outro comentário ainda passava pela mente dos ouvintes: Por que dar o talento que não foi negociado ao que já tinha dez? O porquê Jesus já tinha dito: "Ao que tem *(tesouros no céu, conquistados através do entendimento da palavra revelada; em outras palavras, uma vida com Deus, aprendendo e crescendo com Ele)* se lhe dará e terá em abundância, entretanto, ao que não tem *(esses tesouros espirituais, uma vida no altar com Deus, perderão até o pouco de interesse que têm por Deus),* até o que pensa que tem lhe será tirado", pois não tem crédito com Deus, mas um débito enorme; também porque ele sabia negociar.

O povo começou a dispersar e voltou cabisbaixo e pensativo para suas casas, assim como os fariseus, escribas e sacerdotes, que não tinham mais nada a dizer a Jesus naquelas alturas do campeonato.

Começamos a caminhar e Jesus nos observava. Ele tinha visto nossa reação diante de tudo o que estávamos presenciando naquele dia desde que saímos de Jericó. Sentamos perto da porta das ovelhas, próximo ao templo e alguém resolveu quebrar o gelo dizendo:

— Mestre! Que pedras, que construções!

Mas Jesus lhe disse:

— Vês estas grandes construções? Não ficará pedra sobre pedra, que não seja derribada.

Era uma palavra profética, pois Ele se referia à destruição do templo e de Jerusalém em 70 DC pelos romanos.

Olhamos uns para os outros e todos nos sentimos constrangidos. Olhamos principalmente para quem tinha feito o comentário; ele sorriu 'amarelo' e deu de ombros como quem diz: — *"Eu fiz o melhor que pude, eu tentei".* Quem poderia imaginar que o humor de Jesus estaria tão corrosivo ali em Jerusalém naquela tarde! Ele tinha saído tão alegre e bem disposto da casa de Ester e Jônatas...

— Eu já sabia, Senhor. Sempre que você encontra fariseus e gente de nariz empinado pelo meio do caminho fica nesse estado de mau humor. Me perdoe, Mestre, mas eu tenho que falar.

— Pedro, cale a boca, você não percebe que o Mestre teve um dia cheio?

— Sinto muito, André, mas vamos ficar aqui sentados, neste calor, com fome e com sede chorando a 'morte da bezerra?'

— Que modos!

— Eu concordo. Precisamos comer.

— Mateus, você só pensa em comer? Quem brigou foi Jesus e você é que sente fome?

— Ara!!! Fique quieto, Tiaguinho. Você é ainda um garoto, não entende nada de nutrição.

Jesus saiu do Seu silêncio, levantou a cabeça que tinha colocado sobre os joelhos, alheio aos comentários dos homens e deu uma sonora gargalhada. Agora, era Ele que quebrava o gelo:

— Judas Iscariotes, ainda sobrou algum dinheiro na bolsa, ou melhor, você conseguiu aumentar os nossos fundos com a derrota dos cambistas?

— Há, há, há! (Gargalhada geral).

Como Ele, o Senhor, conseguia confiar o cargo de tesoureiro a um sujeito como aquele e ainda fazer piada, sabendo de tudo o que se passava?

— O que quer de mim, Senhor?

— Leve mais um dos irmãos e compre figos, uvas, pão e peixe para comermos. Não se esqueça de encher os odres com água ao passar pelo poço.

— É pra já, Mestre, vou com ele.

— Até logo, meus filhos.

— Jesus!

— Que foi, João?

— Porque não nos abraça um pouquinho e sorri para nós, só para mostrar que você está de bom humor de novo?

— Vocês estão estranhando a rispidez das palavras e as reações duras? Não temam, não são para vocês. Vim para mostrar aos homens o caminho, a verdade e a vida; porém, muitos são de duro coração e as palavras têm que ser duras, como foram as palavras dos profetas no passado. Deus ama Seus filhos e está sempre disponível a mostrar Seu amor por eles, mas não se compraz no pecado nem na falta de temor a Ele, por isso, muitas vezes, usa de disciplina como um pai consciente para colocar o filho no caminho direito. A diferença é que no Pai não há ódio ou prazer na punição; o juízo é temperado com Sua misericórdia, pois Ele sonda os pensamentos e os corações dos homens e conhece o que cada um pode suportar. Não tenham medo de ouvir Sua voz e saibam que, se pecarem, Ele estará pronto a ouvi-los e perdoá-los, antes que pense em usar a punição. Ela é usada para os que não se arrependem do seu erro. Tudo será perdoado aos homens, mas a blasfêmia contra o Espírito Santo não será perdoada, portanto, não se turbem seus corações e pensamentos. O Pai conhece os que são Seus. O que é elevado entre os homens é abominação diante de Deus. Venham cá, filhos, deixem-me abraçá-los. Assim saberão que agradam ao Pai; não porque são perfeitos, pois só um é perfeito, Deus, mas porque são filhos amados e escolhidos para conhecerem Seus segredos.

Tudo voltara ao normal. Estávamos na nossa gostosa comunhão com Ele.

— Eu também quero este abraço! Só porque eu saí para comprar comida, vocês aproveitam?

— Venha, Simão, o zelote, ainda sobrou um abraço do Mestre para você.

— Vá lá, Judas Iscariotes; você também precisa dele, não fique com vergonha.

— Senhor, onde passaremos a noite?

— Vamos voltar para Betânia. Quero ver como está Lázaro.

— Bem vivo, com certeza!

— Há, há, há.

Voltamos lentamente pelo caminho que leva a Betânia e chegamos à casa de Lázaro.

— Que bom, Mestre, que chegou! Precisa de um belo banho e roupas limpas.

— Obrigado, Marta! Sempre preocupada com tudo, não é?

— Essa noite vamos jantar na casa do nosso parente Simão, o leproso, e o Mestre está convidado a ir com Seus discípulos.

— Por isso vejo Lázaro aqui tão bem arrumado?

— Arrumado, perfumado e bem vivo, graças a você, querido amigo.

— Onde está Maria?

— Saiu. Não disse aonde ia, mas disse que nos encontraria lá.

Simão, o leproso, era fariseu. Ele tinha falado com Marta que fazia questão de ter Jesus em sua casa naquela noite.

Ficamos pensando: como um leproso, que deveria, pela Lei, estar fora do convívio social poderia estar não só na sua casa com seus amigos e ainda convidar Jesus para uma refeição?

Entretanto, precisamos entender que naqueles tempos, outras doenças dermatológicas eram englobadas com o nome de lepra. Simão, no caso, deveria ter uma doença de pele não contagiosa.

Jesus, entrando na casa do fariseu, tomou lugar à mesa. E eis que uma mulher da cidade, pecadora, sabendo que Ele estava à mesa na casa do fariseu, levou um vaso de alabastro com bálsamo de nardo puro; e, estando detrás, aos Seus pés, chorando, regava-os com suas lágrimas e os enxugava com os próprios cabelos; e beijava-lhe os pés e os ungia com o ungüento. A mulher era Maria, irmã de Lázaro. Ao ver isto, o fariseu que o convidara disse consigo mesmo: *"Se este fora profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou, porque é pecadora"*. Jesus se dirigiu a ele e lhe disse:

— Simão, uma coisa tenho a dizer-te.

— Dize-a, Mestre.

— Certo credor tinha dois devedores: um lhe devia quinhentos denários, e o outro, cinqüenta. Não tendo nenhum dos dois com que pagar, perdoou-lhes a ambos. Qual deles, portanto, o amará mais?

— Suponho que aquele a quem mais perdoou.

— Julgaste bem.

E, voltando-se para a mulher, disse a Simão:

— Vês esta mulher? Entrei em tua casa, e não me deste água para os pés; esta, porém, regou os meus pés com lágrimas e os enxugou com seus cabelos. Não me deste ósculo; ela, entretanto, desde que entrei não cessa de me beijar os pés. Não me ungiste a cabeça com óleo, mas esta, com bálsamo, ungiu os meus pés. Por isso, te digo: perdoados lhe são os seus muitos pecados, porque ela muito amou; mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama.

Então, disse à mulher:

— Perdoados são os teus pecados.

Os que estavam com Ele à mesa começaram a dizer entre si:

— Quem é este que até perdoa pecados?

Mas Jesus falou à mulher:

— A tua fé te salvou; vai-te em paz.

Judas Iscariotes disse:

— Por que não se vendeu este perfume por trezentos denários e não se deu aos pobres?

Isto disse ele, não porque tivesse cuidado dos pobres; mas porque era ladrão e, tendo a bolsa, tirava o que nela se lançava.

— Deixa-a! Que ela guarde isto para o dia em que me embalsamarem; porque os pobres, sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre me tendes.

Jesus já tinha falado aos discípulos nos dias anteriores sobre a Sua morte; agora, falava de novo.

Enquanto os fariseus contendiam sobre a autoridade de Jesus de perdoar pecados, os discípulos tentavam falar com Judas para não abrir mais a boca, para não dar mais nenhuma *gafe*. Além disso, o que ele tinha a ver com o preço do bálsamo se não fora ele que o comprara?

Marta olhava para Lázaro tentando entender o que se passara na cabeça de Maria para fazer aquilo. Ela já não tinha estado tantas vezes ouvindo os ensinamentos do Mestre em sua casa? Porque, agora, vinha se expor diante de toda aquela gente como uma 'qualquer', além de envergonhar Jesus?

Alheios a todos os comentários e a todos os olhares, pois todos os comentários e todos os olhares estavam, agora, alheios também a eles dois, Maria e Jesus estavam conversando em silêncio, em espírito, como aquelas conversas gostosas e silenciosas que nós, Seus discípulos, já tivéramos com o Mestre. Ela podia não saber exatamente porque O ungiu (talvez tenha se sentido tocada por Deus para fazê-lo), mas Jesus sabia e a agradecia por isso. Maria, por sua vez, tinha ido até lá com algo mais particular no coração e saía finalmente lavada de tudo aquilo que a fazia se sentir impura. Talvez, a convivência que teve anteriormente em sua própria casa com Jesus a fosse transformando e preparando para aquele momento decisivo de cura que tanto precisava e esperava. Quem entendia o que se passava dentro dela? Só ela. Ela conseguia ver algo dentro de si que precisava do toque e do perdão do Senhor, por isso as lágrimas; lágrimas amargas de arrependimento e lágrimas gostosas de cura e limpeza, da alegria do perdão e da restauração. Ele a entendia. Agora ela podia andar diante de todos de cabeça erguida, sem ouvir mais os comentários picantes de gente hipócrita que prefere ver nos outros a própria impureza, mas não tem coragem de reconhecê-la dentro de si. Ela era uma vitoriosa, uma corajosa, uma mulher purificada e em paz consigo mesma, com Deus e com os outros. O olhar compreensivo e confortante de Jesus era um verdadeiro abraço. Ela saiu silenciosamente da casa de Simão, enquanto a conversa permanecia acalorada. Ela precisava ficar só.

Jesus se levantava e se preparava para sair. Nada disse. Nós O seguimos. Ninguém reparou, nem mesmo Simão; talvez, apenas os criados quando fizessem a limpeza após a saída dos convidados. Jesus dobrara Seu guardanapo, em sinal de desagrado pela recepção recebida e o deixara ao lado do prato. Era costume entre os judeus, quando convidados para alguma refeição na casa de alguém, deixarem o lenço amassado ao lado do prato como um sinal de que tinham gostado da acolhida, mas o dobravam como que dizendo que não gostaram e não mais voltariam ali. Também era costume lavar os pés dos convidados, ungir sua cabeça com óleo e lhe beijar as faces. Simão não fizera nada disso, além do que a conversa deixou de ser interessante quando passou do tom de cortesia social para crítica e acusação. Não fazia parte das refeições preferidas por Jesus.

No meio da noite, enquanto caminhávamos para a casa de Lázaro, veio um fariseu de nome Nicodemos, às escondidas dos outros, e perguntou a Jesus:

— Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele.

— Em verdade te digo que se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.

— Como pode um homem nascer de novo, sendo velho? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez?

— Em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te admires de eu te dizer: importa-vos nascer de novo. O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito.

— Como pode suceder isto?

— Tu és mestre em Israel e não compreendes estas coisas?

Sim! Jesus falou muitas outras coisas depois disto, sobre a Sua missão na terra, mas não deu uma resposta específica à pergunta de Nicodemos. Ele não podia entender que o 'nascer do Espírito' se referia a deixar a ação resgatadora do Espírito Santo vir sobre ele, e 'nascer da água' significava sua verdadeira conversão e o batismo de arrependimento dos pecados e um novo nascimento. Não importava sua idade, o que importava era sua disposição interior a mudar de vida e a sua maneira de pensar, deixando um novo Espírito agir no seu coração.

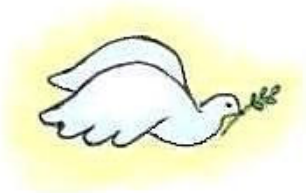
Jesus o deixou pensativo e nós fomos andando.

Pernoitamos na casa de Lázaro.

Pela manhã, voltaríamos para Jerusalém.

8 º Dia

Jerusalém



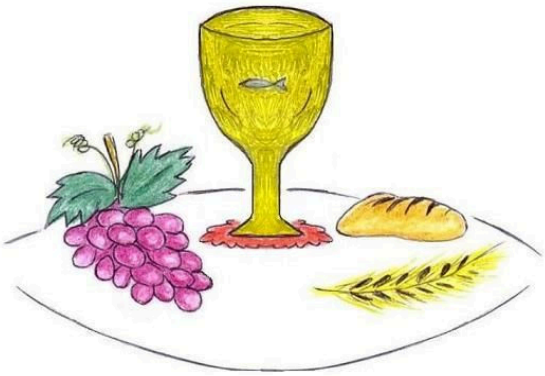
Jesus já tinha acordado naquela manhã e saído cedo. Marta disse que Ele tinha se encaminhado para o Monte das Oliveiras, pois precisava orar. Que estranho! Judas tinha saído precipitadamente também, como quem fosse fazer algo muito importante, mas ela não sabia o quê. Era festa dos pães asmos.

Pedro e os demais, acordando e ouvindo as notícias, foram à procura do Senhor. Ele estava no Monte das Oliveiras, saindo para Jerusalém. O que havia no Seu coração de tão importante que O transtornava? Nós sabemos hoje o que aconteceria com Jesus naquela quinta feira, mas os discípulos não sabiam. Eles sabiam que era o 1º dia da Páscoa, o 14º dia do 1º mês, e que era dia de sacrificarem e comerem o cordeiro e as ervas amargas lembrando a saída do Egito. O que não entendiam é que era a última ceia que Jesus passaria com eles, pois ainda não haviam compreendido as profecias do Mestre sobre Sua morte.

O Senhor chamou Pedro e João e lhes deu as devidas ordens para prepararem a Páscoa. Ele estava, agora, no lado sul da cidade e, depois que os discípulos se afastaram, entrou num lugar onde costumava se hospedar quando ficava alguns dias em Jerusalém. Aquele parecia ser um dia de silêncio para todos. Jesus entrou no recinto, pegou os rolos das Escrituras e começou a ler, assim como começou a cantarolar alguns salmos de consolo e orar ao Pai. Ele parecia interceder por todos os Seus amados seguidores, entretanto, nada parecia ter um consolo efetivo sobre Ele naquele momento. Sua alma apresentava-se angustiada e aflita, pois sabia o que haveria de padecer e tinha entendimento do que aconteceria com todos os que Ele amava. Tinha intercedido fortemente por Pedro, também por Judas; já sabia o que ele tinha feito naquela manhã: tinha combinado em como denunciaria o Mestre. Os sacerdotes e os principais chefes do Sinédrio lhe deram trinta moedas de prata em troca da sua informação.

Chegada a hora, foram ao cenáculo e Jesus pôs-se à mesa, e com Ele os apóstolos.

O Senhor então disse:



— Tenho desejado ansiosamente comer convosco esta Páscoa, antes do meu sofrimento. Pois digo que nunca mais a comerei, até que ela se cumpra no reino de Deus.

E, tomando um pão, tendo dado graças, o partiu e lhes deu dizendo:

— Isto é o meu corpo oferecido por vós; fazei isto em memória de mim.

Semelhantemente, depois de cear, tomou um cálice e, havendo dado graças, disse:

— Este é o cálice da nova aliança no meu sangue derramado em favor de vós. Recebei e reparti entre vós; pois vos digo que, de agora em diante, não mais beberei do fruto da videira, até que venha o reino de Deus. Todavia, a mão do traidor está comigo à mesa. Porque o Filho do Homem, na verdade, vai segundo o que está determinado, mas ai daquele por intermédio de quem ele está sendo traído.

Começaram a indagar quem era e João recostou a cabeça no peito de Jesus. Pôde ouvi-lo quando disse:

— Aquele que meter a mão comigo no prato, esse me trairá.

Foi quando Judas Iscariotes molhou seu pão no mesmo prato que Jesus colocou o seu. Então Jesus lhe disse:

— O que tens para fazer, faze-o depressa.

Ouvindo isso, Judas saiu, mas os outros não entenderam o que havia acontecido.

Jesus se virou para Pedro e lhe disse:

— Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo! Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos.

Ele, porém, respondeu:

— Senhor, estou pronto a ir contigo, tanto para a prisão como para a morte.

Mas Jesus lhe disse:

— Afirmo-te, Pedro, que, hoje, três vezes negarás que me conheces, antes que o galo cante.

Levantando-se da mesa, tirando a vestimenta de cima e, tomando uma toalha cingiu-se com ela. Depois, deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido.

Aproximando-se de Simão este lhe disse:

— Senhor, tu me lavas os pés a mim?

— O que eu faço não o sabes agora; compreendê-lo-ás depois.

— Nunca me lavarás os pés.

— Se eu não te lavar, não tens parte comigo.

Então, Pedro lhe pediu:

— Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça.

— Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés; quanto ao mais, está todo limpo. Ora, vós estais limpos, mas não todos.

Ele se referia a Judas.

— Vós me chamais o Mestre e o Senhor e dizeis bem, porque eu o sou. Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Eu vos dei o exemplo, para que o façais também.

Ele prosseguiu:

— Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão que sois meus discípulos; se tiverdes amor uns aos outros. Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou estejais vós também. Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim. Quem me vê a mim vê o Pai. Crede que estou no Pai, e o Pai, em mim; crede ao menos por causa das mesmas obras. Aquele que crer em mim fará as mesmas obras que eu faço, e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai. E tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho. Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei. Se me amais, guardareis os meus mandamentos.

Eu rogarei ao Pai e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja sempre convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque ele habita convosco e estará em vós. Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele. Viremos para ele e faremos nele morada. O Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito. Eu vos deixo a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração nem se atemorize. Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor. Todo ramo que, estando em mim, não der fruto, ele o corta; e todo o que dá fruto limpa, para que produza mais fruto ainda. Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado; permanecei em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim. Quem permanece em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer. Ninguém tem amor maior do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos. Vós sois meus amigos, se fazeis o que vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer. Vós não sois do mundo, eu vos escolhi dele, por isso o mundo vos odeia; mas se guardaram a minha palavra, guardarão a vossa. Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça; a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo conceda. O Consolador, que o Pai enviará em meu nome, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo. O príncipe deste mundo já está julgado.

Essa ceia se passou há dois mil anos com os apóstolos, preparando-os para a morte e para o sacrifício de Jesus. Nós não pudemos estar lá fisicamente, mas podemos, hoje, através da nossa fé e do Seu sangue purificador, estar diante do Senhor e desfrutar Seus ensinamentos e Sua vida. Olhando cada um dos discípulos que lá estavam, notamos semelhanças conosco. Se você se lembrar da descrição da personalidade de cada um que foi feita no começo do livro, poderá se encaixar em algum deles e entender por que um O traiu, outro O negou, ainda outro não creu, apesar de ter caminhado com Ele por três anos; por que outro se sentia inseguro e queria ficar o mais perto possível dEle; por que outro não compreendia o motivo de ser escolhido e precisava de revelação de quem era seu Mestre e assim por diante, e todos não entendendo ainda por que o Senhor os escolhera e qual o trabalho que Ele tinha para eles. Não sabiam o que seria da vida deles após a morte de Jesus.

Agora, deixe o Espírito Santo levá-lo (a) para um cenáculo dentro do seu coração, onde Jesus está à sua espera para falar-lhe as coisas que sempre quis lhe dizer, mas que você tinha medo de ouvir porque não o conhecia direito. Talvez, você tenha a sensação incômoda de tê-lo negado várias vezes através das suas palavras e atitudes; talvez, tenha desistido até de segui-lo porque a luta foi muito difícil. Pode ser que você precise de uma libertação em alguma área da sua vida ou, simplesmente, sentir profundamente Seu consolo para nunca mais ter medo de ouvir Sua voz e jamais duvidar de Sua proteção e do Seu amor. Você pode estar precisando de muitas coisas, mas acalme-se, não tenha medo de vê-lo, de senti-lo, de tocá-lo e de ser tocado por Ele, de ouvi-lo e de Lhe pedir tudo o que você mais gostaria. Não tenha medo de Lhe dizer que pecou, pois Ele não vai matá-lo (a) nem castigá-lo (a), pelo contrário, vai limpar do seu coração toda a dor, angústia, sofrimento e todo altar que não foi erguido para Ele. No lugar de tudo isso, Ele vai colocar Sua santa e poderosa presença para que você nunca mais experimente o medo nem a destruição. Ele está olhando para você com amor, conhecendo tudo de você

como um livro aberto, protegendo-o (a) do mal e estendendo Sua mão de poder e cura. Coma do pão e beba do vinho que Ele lhe oferece, numa ceia particular, da qual só vocês dois participam. Ele o (a) chama para ser discípulo (a). Desfrute-o, ouça-o, receba Sua segurança, abrace-o e receba o Seu abraço. Peça a Ele que o caminho para esse cenáculo possa estar sempre livre para que, quando você precisar, o Espírito Santo possa levá-lo (a) até lá, onde há paz, e onde ninguém mais tenha o direito de entrar, somente vocês dois.

Peça ao Espírito de Deus que o (a) traga de volta ao presente momento e guarde no seu coração essa experiência. Anote, se necessário, tudo o que viveu para que nunca mais você possa se esquecer. Tenha dentro de você a certeza de que Ele sabe como lhe falar e você o ouvirá todos os dias de sua vida.

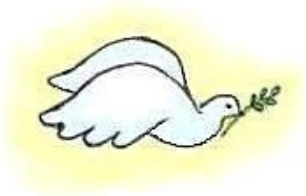
Agora é hora de dormir.

Ainda falta mais um capítulo em que o Espírito vai nos conduzir para realizar Sua obra.

Boa noite.

9º Dia

Galiléia



O Senhor tinha mandado aviso por intermédio do Seu anjo que se encontraria com os discípulos na Galiléia. Por isso, rumamos para lá. Todos estavam bem alegres naquela manhã. Lembravam de Judas Iscariotes, mas ele tinha escolhido seu caminho. Quanto a nós, estávamos felizes com a ressurreição de Jesus, e até Tomé, depois de ter tocado nas chagas do Mestre, estava eufórico e confiante. Era bom voltar à Galiléia. O clima temperado era agradável; melhor do que o calor escaldante da Judéia. As plantações estavam viçosas e as montanhas ao redor da planície de Esdrelom mostravam os tons esverdeados da vegetação. Começamos a nos dirigir para leste, para o mar. Pedro e os demais pescadores alargaram um pouco suas narinas buscando o cheiro familiar da maresia. Era um cheiro agradável para eles. Apesar de ter visto Jesus, de ter falado com Ele, Pedro ainda mostrava tristeza no semblante. Pouco falava. Parecia desejar ficar sozinho com seus próprios pensamentos.

O dia passou rápido e logo entardeceu.

Simão Pedro se levantou e disse:

— Vou pescar.

Outros também aceitaram a proposta, mesmo sem terem sido convidados diretamente. Eram eles: Tomé, Natanael, João e Tiago (os filhos de Zebedeu). Outros dois vieram correndo: André e Filipe. Como um poderia deixar o irmão ir sozinho e o outro deixar seu melhor amigo?

— Quer ir junto, irmãzinha?

— Claro, não tenho mais enjôo de barco.

Entramos no barco e ficamos a noite inteira ali, tentando pescar alguma coisa. Aquela situação de lançar redes e vê-las voltarem vazias nos incomodava.

Mas, ao clarear da madrugada, um homem junto à praia gritou:

— Filhos, vocês têm aí alguma coisa de comer?

— Não, não conseguimos nada até agora.

— Lancem a rede à direita do barco e vão achar.

A rede foi lançada e começou a ficar pesada e movimentada com tanto peixe que pulava nela. Naquela hora, João se lembrou de algo parecido com o que tinha vivido quando foi chamado para ser discípulo. Sim, o homem na praia era Jesus! Quem mais poderia dar ordens como aquela?

— Pedro, é o Senhor!

Mal ouviu o aviso, Simão pulou na água colocando seu manto sobre si, enquanto quem tinha ficado no barco procurava trazê-lo para a praia.

Ao pisarmos na areia, vimos que já havia peixes sendo assados, além de pães de cevada fresquinhos. Era inútil perguntar como Jesus tinha conseguido aquilo. Ele poderia, simplesmente, ter transformado as pedras em pão e os escorpiões em peixes ou fazê-los saltar da água diretamente para as brasas, apenas com uma palavra de ordem. Que importava? Estávamos ali e O abraçamos um por um, felizes com Sua presença. Ele parecia fisicamente diferente agora. Claro! Estávamos vendo Seu corpo glorificado, transformado, mais luminoso do que nunca, mais poderoso e forte.

Depois de terem comido se virou para Pedro (É, Pedro, agora vai começar sua cura interior, oh glória!):

— Simão, amas-me mais do que estes outros?

— Sim, Senhor, tu sabes que te amo.

— Apascenta os meus cordeiros... Simão, tu me amas?

— Sim, Senhor, tu sabes que te amo.

— Pastoreia as minhas ovelhas... Simão, tu me amas?

— Senhor, tu sabes de todas as coisas, tu sabes que te amo.

— Apascenta as minhas ovelhas.

Então o Senhor disse:
— Segue-me.

Pedro não conseguia mais conter o choro. Ele sabia por que o Senhor lhe perguntara três vezes sobre o seu amor. Ele não o negou três vezes? Mas, neste momento, tudo estava sendo restaurado. As mãos do Mestre estavam modelando seu coração outra vez, transformando-o num coração novo. O Senhor estava dando a ele um ministério como pastor das Suas ovelhas. Pedro se lembrava do que o Mestre lhe havia dito:

— Tu és Pedro, e sobre esta pedra construirei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.

O que ele ouvia era uma confirmação do chamado. Mais do que isso, ele estava recebendo capacitação, uma nova força, a força do amor de Deus para realizar o trabalho.

Seu coração estava leve, pois conhecia o amor e o perdão de Jesus.

Jesus disse mais:

— Toda autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, por todo o mundo e pregai o evangelho a toda a criatura e fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. Esses sinais seguirão aqueles que crêem: em meu nome expulsarão demônios, falarão novas línguas, pegarão em serpentes, se alguma coisa mortífera beberem não lhes fará mal algum e se impuserem as mãos sobre os enfermos, ficarão curados. Permanecei, pois, na cidade até que do alto sejais revestidos de poder. Recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até os confins da terra. Pois para vós outros é a promessa, para vossos filhos e para todos os que ainda estão longe, isto é, para quantos eu chamar. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século.

Atenção, passageiros com destino ao século XXI! Apertem os cintos e desliguem todo e qualquer aparelho eletrônico. Em alguns segundos, estaremos aterrissando. Esperamos que tenham gostado da viagem. A tripulação (Pai, Filho e Espírito Santo) agradece. Nós, da Companhia Aérea: "As asas do Espírito", estamos sempre à sua disposição para novas e magníficas viagens. Que o amor do Pai, as consolações do Espírito Santo e a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo estejam sempre com vocês. Amém.

Episódios narrados no livro:

1. A cura da sogra de Pedro
2. A cura de um cego em Betsaida
3. A cura de um paralítico em Cafarnaum
4. A cura do endemoninhado gadareno
5. A escolha dos apóstolos
6. A família de Jesus
7. A grande comissão (ordem para evangelização)
8. A mulher do fluxo de sangue
9. A mulher encurvada
10. A mulher samaritana
11. A multiplicação dos pães e peixes
12. A oferta da viúva pobre
13. A parábola das bodas
14. A parábola das dez virgens
15. A parábola do bom samaritano
16. A parábola do filho pródigo
17. A parábola do semeador
16. A parábola dos talentos
18. A pecadora que ungiu os pés de Jesus
19. A ressurreição da filha de Jairo
20. A ressurreição de Lázaro
21. A ressurreição do filho da viúva de Naim
22. A última ceia
23. As bodas em Caná da Galiléia
23. Jesus acalma uma tempestade
24. Jesus anda por sobre o mar
25. Jesus envia os doze
26. Jesus, o Bom Pastor
27. Jesus purifica o templo
28. Jesus recebe as crianças
29. Jesus repreende os fariseus
30. Nicodemos procura Jesus
31. O homem da mão ressequida
32. O jovem rico
33. O sermão da Montanha
34. Os dez leprosos
35. Pedro é restaurado por Jesus
36. Sinagoga de Cafarnaum
37. Zaqueu, o publicano